

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Área de concentração em Antropologia Social e Cultural



Dissertação

NOS TRILHOS DO TEMPO E NO FLUXO DA CIDADE:
um estudo antropológico sobre memória e sociabilidades na região do bairro do
Porto de Pelotas/RS

Ícaro Vasques Inchauspe

Pelotas, 2019

Ícaro Vasques Inchauspe

NOS TRILHOS DO TEMPO E NO FLUXO DA CIDADE:
um estudo antropológico sobre memória e sociabilidades na região do Porto de
Pelotas/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

I37n Inchauspe, Ícaro Vasques

Nos trilhos do tempo e no fluxo da cidade : um estudo antropológico sobre memória e sociabilidades na região do Porto de Pelotas/RS / Ícaro Vasques Inchauspe ; Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, orientador. — Pelotas, 2019.
160 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Antropologia urbana. 2. Bairro do Porto. 3. Memórias e sociabilidades. 4. Etnografia da duração. 5. Tempo da cidade.
I. Silva Neto, Francisco Luiz Pereira da, orient. II. Título.

CDD : 306

Ícaro Vasques Inchauspe

NOS TRILHOS DO TEMPO E NO FLUXO DA CIDADE:
um estudo antropológico sobre memória e sociabilidades na região do Porto de
Pelotas/RS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 19 de agosto de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto (Orientador)
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Flavia Maria Silva Rieth
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Louise Prado Alfonso
Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha guerreira e corajosa mãe, Neusa, por sempre se fazer presente, com uma dose mista de choque de realidade e entusiasmo, mas sempre incentivando as minhas escolhas, dando todo o apoio necessário, principalmente nos momentos mais duros.

À minha companheira e parceira de vida, Bruna, sempre conferindo o suporte necessário com muita paciência, zelo, cuidado, apreço e, sobretudo, amor.

Ao meu orientador, Francisco. Pela confiança em aceitar este trabalho, e por sua disposição constante, sempre com a finalidade de qualificá-lo. Além de sua dedicação enquanto docente, sempre disposto a ensinar, e também porque não, em aprender. Acredito que o ensino é uma via de mão dupla, e sem esta troca possível, a partir do diálogo, certamente, este trabalho não teria sido realizado.

À banca em geral, composta pelas Professoras Flavia e Louise, principalmente por suas contribuições durante a banca de qualificação que, com certeza, deram movimento, e ao mesmo tempo, mostraram caminhos para o trabalho proposto. Agradeço também ao Professor Gianpaolo, pela generosidade em fazer parte da banca, com suas observações e sugestões essenciais, além de ajudar a pensar nos mais diversos desdobramentos para além deste trabalho.

Ao PPGAnt, agradeço aos/as professores dos quais tive a oportunidade de frequentar as aulas, reuniões do colegiados e outros momentos oportunos de maior descontração. Em específico, as servidoras técnicas e administrativa, Thaise, e por ultimo Veridiana, ambas sempre atenciosas e dispostas na ajuda de resolver empecilhos burocráticos e acadêmicos.

Ao GEEUR por ter a oportunidade de conhecer um lugar muito importante para a minha formação, além de prover um ambiente fértil de reflexões, questionamentos e, sobretudo, aprendizado.

Aos/as colegas do mestrado, pela oportunidade de fazer parte deste momento tão profícuo para trocas, debates e conhecimentos.

Aos amigos de uma vida, que, em alguma passagem pontual ou outra mais esparsa, foram, sem dúvidas, determinantes para a realização deste trabalho, com inúmeras trocas, seja academicamente com textos, pensamentos e opiniões, e até mesmo nos momentos de maior relaxamento. Não os descreverei para não ser traído pela memória e pelo tempo.

A todos/as interlocutores/as e parceiros/as que fizeram parte direta e indiretamente deste trabalho, com sua disposição e indisposição, mas que buscaram contribuir em contar um pouco mais de suas vidas, trajetões e trajetórias que conformaram este trabalho. Em especial, agradeço ao interlocutor e amigo, Jonas, pelas inúmeras trocas e ensinamentos sobre a vida e sobre e outras “formas de enxergá-las”.

A cidade de Pelotas, que me abrigou diretamente durante estes dois anos, bem como ao bairro do Porto e seus moradores ou frequentadores, proporcionando conhecê-la e descobri-la um pouco mais por meio das pessoas que conheci, e ainda as que ainda não conheço, mas que me fizeram sentir acolhido e podendo, em alguns momentos, acolher, fazendo parte deste e, certamente, de outros momentos que virão. Aos universitários guerreiros e da guerrilha, que criam espaços para prover um subterfúgio diante dos diferentes problemas que constantemente os rondam.

Esta dissertação contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), na forma de uma bolsa de Mestrado, possibilitando minha dedicação exclusiva à Pesquisa.

*Apenas nos pusimos en dos pies
Comenzamos a migrar por la sabana
Siguiendo la manada de bisontes
Más allá del horizonte
A nuevas tierras, lejanas
Los niños a la espalda y expectantes
Los ojos en alerta, todos oídos
Olfateando aquel desconcertante paisaje nuevo, desconocido*

*Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento
Nunca estamos quietos, somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño que lo que toco*

*Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
De ningún lado del todo
De todos lados un poco*

Jorge Drexler – Movimiento

RESUMO

Esta pesquisa tratou especificamente de empreender uma inteligibilidade acerca da temporalidade na região do bairro do Porto na cidade de Pelotas, localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul. A partir das transformações dos fenômenos socioculturais das sociedades de escala urbanas-industriais contemporâneas, apontamos que, a cidade e a conformação do bairro, produzidas pela temporalidade, evidenciam diferentes estilos e formas de vida, estabelecidos sobre os diferentes itinerários urbanos e as formas de sociabilidade produzindo múltiplos arranjos, caracterizando diferentes temporalidades. Deste modo, na busca pela interpretação de uma possível temporalidade do bairro, o trabalho ancorou-se na realização de diferentes observações etnográficas. A primeira, por meio dos estudos da memória e da rememoração, quando estabelecemos como prática e método a etnografia da duração, com o intuito de compreender as temporalidades narradas e performatizadas pelo interlocutor e cidadão, além de ex-morador do bairro, Jonas Santos, que por meio de sua trajetória biográfica na condição de herdeiro urbano, reivindica uma identidade coletiva, demarcando uma determinada temporalidade negra, fabril, operária e marginalizada. Até a segunda e possível caracterização do bairro, em seu tempo atual, permitiu a inserção etnográfica em diferentes eventos, além de ações do cotidiano por meio das sociabilidades observadas e praticadas, que estabelecem um cenário juvenil-universitário, a partir da instalação da Universidade Federal de Pelotas espalhadas ao longo da região do bairro. Portanto, a partir desta pesquisa foi possível compreender ao menos dois tipos de temporalidades do bairro. Por meio de narrativas que evidenciam perspectivas históricas de viver na cidade, estabelecendo uma interpretação para escalas e ritmos urbanos distintos *do* e *no* bairro, determinando as práticas destes cotidianos, estabelecendo territórios e demarcando identidades plurais na trama urbana, inseridas em uma constante negociação de sentidos, com base na reordenação da duração de um tempo específico no bairro.

Palavras-chave: antropologia urbana, bairro do Porto, memórias, sociabilidades, etnografia da duração, tempo da cidade.

ABSTRACT

This research focused specifically on the understanding of temporality in the neighborhood of Porto in the city of Pelotas, located in the extreme south of Rio Grande do Sul. From the transformations of sociocultural phenomena of contemporary urban-industrial scale societies, we point out that, the city, and the conformation of the neighborhood, produced by temporality, show different styles and forms of life, established on the different urban itineraries and forms of sociability, producing multiple arrangements, characterizing different temporalities. In this way, in the search for the interpretation of a possible temporality of the neighborhood, the work anchored in the realization of different ethnographic observations. The first, through memory and remembrance studies where we establish as practice and method, the ethnography of duration, in the search to understand the narrated and performatized temporalities by the interlocutor and the city, and former resident of the neighborhood, Jonas Santos, where through of his biographical trajectory as an urban heir, claims a collective identity, marking a determined black, factory, worker and marginalized temporality. Until the second and possible, characterization of the neighborhood, in its present time, allowed the ethnographic insertion in different events, besides daily actions through the observed and practiced sociabilities, where they establish a juvenile-university scenario, through the installation of the Federal University of Pelotas scattered throughout the region of the neighborhood. Therefore, through this research, it was possible to understand at least two types of temporalities of the neighborhood. Through narratives that show historical perspectives of living in the city, establishing an interpretation for scales and urban rhythms distinct from and in the neighborhood, determining the practices of these everyday, establishing territories, and demarcating plural identities in the urban fabric, inserted in a constant negotiation of meanings, by reordering the duration of a specific time in the neighborhood.

Keywords: urban anthropology, Porto neighborhood, memories, sociabilities, ethnography of the duration, city time.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Empresa Freedom.....	43
Figura 2: Faixada da Empresa Portuária Sagres.	44
Figura 3: Sindicato dos Estivadores	45
Figura 4: Entrada central da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense.....	46
Figura 5: Fachada central da Companhia e Fiação de Tecidos	47
Figura 6: Atracadouro Doquinhas ou Quadrado.....	48
Figura 7: Quadrado no final de semana	48
Figura 8: Cervejaria Brahma.....	49
Figura 9: Sociedade Espírita Dona Conceição.....	58
Figura 10: Mapa da região portuária rememorada.....	59
Figura 11: Desenho da Vila da Coreia.....	60
Figura 12: Lateral da Vila da Coreia.....	60
Figura 13: Dona Oraida, Jonas e Seu Rudi.....	62
Figura 14: Prostíbulo Maria das Tetas	63
Figura 15: Encontro entre Jonas e Pai Marinho.	65
Figura 16: Entrada da Coreia ao lado esquerdo, pelo beco	67
Figura 17: Jovem chegando do colégio.....	68
Figura 18: Casa Dragagem da Várzea.....	68
Figura 19: Área agroindustrial na região do Porto.....	70
Figura 20: Clube Cultural Chove Não Molha.....	74
Figura 21: Sedes do Osório Futebol Clube e Nacional Futebol Clube.	75
Figura 22: Personagem Espírito Livre no Atelier de Jonas	91
Figura 23: Cena do HQ Espírito Livre no bairro Navegantes.	94
Figura 24: Ocupação Canto de Conexão. Antigo prédio da Marinha.....	100
Figura 25: Três perspectivas temporais de cidade.....	101
Figura 26: Casarão na rua Benjamin Constant, atual Escola Félix da Cunha	102
Figura 27: Zona de Preservação de Patrimônio Cultural.....	106
Figura 28: Anúncio no Facebook.....	112
Figura 29: Frente do Bar do Zé	124
Figura 30: Dia de encontro no Bar do Zé	125
Figura 31: Entrada do Galpão Satolep	127

Figura 32: Estrutura da festa.....	127
Figura 33: Foto da Banda Acústicos e Valvulados	128
Figura 34: Famílias no primeiro plano e, no segundo, o Sofazinho.....	131
Figura 35: Desenhos realizados no Sofazinho.....	131
Figura 36: Grafias e desenhos no asfalto.....	132
Figura 37: Edições do Sofá na Rua.....	134
Figura 38: Dois moleques moradores do bairro	136
Figura 39: Sociabilidades no Sofá na Rua	138
Figura 40: Geração de Sociabilidades	139

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Prédios revitalizados pela Universidade Federal de Pelotas..... 108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas
ICH - Instituto de Ciências Humanas
FAE - Faculdade de Educação
IFISP - Instituto de Filosofia e Sociologia Política
FAURB - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
CAD - Centro de Artes e Design
CENG - Centro de Engenharias
USP – Universidade de São Paulo
RFFSA - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
SIMP - Sindicato dos Municipários de Pelotas
CDPCNP - Conselho de Desenvolvimento pela Cultura Negra
PROCULTURA - Programa Municipal de Incentivo à Cultura
REUNI - Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
CEHUS - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem
CAVG - Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça
IFSUL – Instituto Federal Sul Rio-Grandense
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
GEEUR - Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos
SIRCHAL - Seminário Internacional de Revitalização de Centros Históricos na América Latina e Caribe
REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
NAU – Núcleo de Antropologia Urbana
HQ – Histórias em Quadrinhos
ZPPC - Zonas de preservação do Patrimônio Cultural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 IMPRESSÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE A CIDADE.....	22
1.2 Entre a linha narrativa e a temporalidade do contexto: questões teórico- metodológicas	31
1.3 Caminhar na temporalidade da cidade: iniciando o trajeto.....	36
2 DA CIDADE PARA O BAIRRO: DESCOBRIR CAMINHOS DO PORTO	41
2.1 Narrando o Porto: Jonas Santos	54
2.2 A maneira como o cara enxerga as coisas.....	56
2.3 As sociabilidades.....	73
2.4 O Porto como narrativa literária, afirmação de pertencimento e território de resistência: Espírito Livre, Dias Rubros.....	82
3 (RE)ARRANJOS TEMPORAIS.....	98
3.1 A formação da comunidade universitária pelo viés patrimonial-temporal.	105
3.2 Da formação dos grupos as sociabilidades juvenis-universitárias.....	110
3.3 Mapeando os circuitos juvenis-universitários	118
3.4 Bar do Zé.....	122
3.5 Galpão Satolep.....	125
3.6 Sofá na Rua	129
3.7 Fechando o circuito: território de criatividade e dos riscos.....	140
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS.....	151

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo específico estudar as temporalidades das cidades modernas urbano-industriais, versadas por meio das narrativas de seus habitantes no contexto do bairro do Porto na cidade Pelotas, localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul. Um bairro que, ao se observado em sua temporalidade, apresentou diversas continuidades e rupturas, que acabaram desenvolvendo tantas representações simbólicas e transformações socioculturais e históricas, que deram forma a uma pluralidade de contextos e ritmos diferentes de vida e de ação cotidiana que são produzidos por seus habitantes.

Dessa forma, evidenciando as transformações do bairro no decurso do tempo, procuramos estabelecer no decorrer deste trabalho uma diacronia baseada em narrativas biográficas, estudos da memória e sua duração, além de observações etnográficas que permitiram traçar percursos e trajetórias de vidas dos habitantes que caracterizam a multiplicidade deste território.

Com a finalidade de suscitar o elemento da dimensão temporal por meio da produção de sentidos, práticas, vivências, afetos e sensações, que conformaram e conformam o bairro, desde os jogos das memórias como elemento de rememoração, baseados na fabricação imagética do bairro. Apoiados nestes elementos de rememoração que configuram um imaginário do bairro por meio de narrativas biográficas, acomodando uma dimensão temporal.

Procuramos também, por outro lado, mas na mesma direção, expor determinadas práticas atuais do bairro, que dialogam e fazem parte desta rememoração narrada, por meio da observação etnográfica. Provendo uma diacronia do tempo, situada em narrativas, estudos da memória e práticas etnográficas que evidenciam determinados processos de transformação do bairro em virtude de um cenário narrado fabril para um cenário etnográfico universitário. Ou seja, aqui assumimos a dimensão temporal que marca e delimita realidades distintas, mas que, ao mesmo ao tempo, possibilita uma análise sobre as sobreposições na temporalidade do bairro.

Assim, este trabalho versa sobre o enfoque da antropologia urbana, a partir de estudos que buscam compreender a temporalidade das cidades e seus artífices do imaginário, como os elementos citados acima para compreender a sua duração e suas mudanças até a defesa de suas permanências.

O trabalho também procurou situar-se sob um outro mote da antropologia urbana como forma complementar, estabelecido inicialmente sob estudos de grupos contemporâneos alçados diante das metrópoles e suas múltiplas características que a configuram como tal, seja diante de seus habitantes, suas tradições culturais até a variedade de seus modos de vida, bem como possibilita a infinidade e variação de trocas e contatos entre os mais diferentes grupos.

Desta forma, diante das heterogeneidades que são postas, negociadas e produzidas na cidade metropolitana, assumidas em suas práticas cotidianas, eventos e deslocamentos; em algum grau maior ou menor, a depender de análise. Mas, por outro lado, algumas destas características podem ser presenciadas na cidade de Pelotas, porém de forma menos intensa, especificamente a partir do tema analisado, das sociabilidades em uma escala de cidade média, como Pelotas.

Sem negar todas estas contradições mencionadas, a metrópole também opera na criação de espaços de sociabilidade e de lazer, ampliando diferentes subterfúgios urbanos que servem como rotas alternativas em contraponto a uma vida 'agitada', 'rotineira' e supostamente 'insegura'. Assim, estes espaços podem ampliar e estabelecer vínculos sociais e pessoais em torno de suas práticas, cultivando estilos particulares que caracterizam a heterogeneidade das cidades metropolitanas.

Trata-se, contudo, de uma metrópole ambientada com suas mazelas e também com os (re) arranjos que seus habitantes fazem para viver nela, (e até mesmo, muitas vezes, sobreviver) desde a combinação e sobreposições de costumes, hábitos e práticas do cotidiano, entre o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro (MAGNANI; DE LUCCA TORRES, 2000, p. 18).

A partir deste amplo conjunto de elementos urbanos citados acima, que configuram no ponto de vista acenando para uma antropologia das metrópoles com uma teoria mais geral das sociedades complexas. Pensando nestes dois elementos fundidos e analisados, por meio da Antropologia das metrópoles (Magnani, 2000; Rocha e Eckert, 2005) pelo seu vasto repertório etnográfico, podendo proporcionar inúmeras combinações e arranjos urbanos da e na cidade. Com base no repertório sugerido, é possível, então, identificar pistas para compreender a noção de 'metamorfose' "entre indivíduo e a questão da mudança individual dentro e a partir de um quadro sociocultural" (VELHO, 1994, p. 2) por meio da insurgência das

sociedades complexas, diante de novos contextos plurais e mais dissolvidos nas formas e elementos da vida urbana. Estes elementos que constituem a vida urbana, serão percebidos, a partir da observação antropológica sobre a cidade social e cultural, combinando diferentes dimensões, perspectivas e escalas urbanas; seja do rural ao urbano, em sua temporalidade, passando pelo elemento material histórico da construção das cidades. Incluindo a característica sociológica de análise, por meio da divisão do trabalho e organização social, que montam práticas oficiais urbanas. Através destes elementos complexos que pulsam para observação urbana, pode ser analisado na formação de novas e velhas cidades: seja do interior a metrópole global.

De modo, que a inovação de análise sobre o meio urbano, se assim podemos dizer, configura-se pelo olhar antropológico, bem como seus recursos metodológicos e analíticos conforme a própria ideia do antropólogo Gilberto Velho, que nos atenta para observar a cidade a partir de aspectos da história e da sociologia, assim como propõe também complexificar as dinâmicas sociais interagidas das e nas cidades.

Segundo Velho (1994), a ideia de sociedades complexas busca traçar reflexões acerca de um sistema particular de vida moderno – o sistema das sociedades complexas -, especificamente na realidade brasileira e observado diante da metrópole. Por meio da interdisciplinaridade das Ciências Sociais, percebe-se a heterogeneidade social, com base nas diferentes classes sociais habitadas diante de um grande arranjo urbano que se forma, mesmo que estabelecido a partir da coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo que são postos em negociação para criação de suas realidades.

Dessa forma, a heterogeneidade é resultante da divisão social de trabalho e da estratificação social, particularmente acentuada no meio urbano. Nas sociedades complexas, afirmava Velho, coexistem diversos grupos sociais, com estilos de vida, visões de mundo e códigos distintos – regras de comportamento e formas de linguagem específicas que, muitas vezes, apresentam fronteiras relativamente bem demarcadas.

Na demarcação dessa complexidade proposta entre as múltiplas organizações da vida social em coletivo, por meio de uma *unidade*, havia um outro componente importante como bem observado por Gilberto Velho, que destacava a formação moderna dos indivíduos a partir também de uma heterogeneidade cultural

e, conseqüentemente, da *fragmentação* difundida em subsistemas da vida social urbana, além de elementos determinantes como a estrutura social e seus sistemas de hierarquias. Estabelecendo a natureza das sociedades complexas, como propõe Velho (1981, p. 12)

[...] a sociedade complexa que tenho em mente, a noção de uma sociedade na qual a divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas delineiam categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica, sejam classes sociais, estratos, castas. Por outro lado, a noção de complexidade traz também a ideia de uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas etc. Obviamente existe uma relação entre estas duas dimensões – a divisão social do trabalho e a heterogeneidade cultural.

Trazendo esta abordagem de Gilberto Velho, diante da operação das cidades, revela a formação da natureza das sociedades de escalas complexas, do qual busca traçar a coexistência das relações sociais que demarca a fundação de práticas, hierarquias, estigmas, e sobretudo, modos de vida. Concordamos com a percepção de Velho, que além de ser um fato social produzido em larga escala diante das condições estruturantes de organização das sociedades complexas, contudo, por outro lado, não é um dado social e cultural (pronto). Esta última observação, atrelada a questão da temporalidade, pode ser entendida aqui, como ponto inicial para nossa análise que está situada a partir destes dois pontos, entre o social e o cultural, como bem observados por Velho, na conformação das sociedades e das cidades, conseqüentemente, consideramos um sistema criado por meio de situações heterogêneas. De forma a sistematizar um conjunto da formação destas sociedades e das cidades, destacaremos alguns aspectos que lhe dão forma.

Um dos primeiros aspectos a partir do qual podemos demarcar o sintoma deste arranjo inicial é, principalmente, pela Revolução Industrial propriamente dita, que criou um tipo de sociedade cuja complexidade está fundamentalmente ligada a uma acentuada divisão social do trabalho, ao espantoso aumento da produção e do consumo, à articulação de um mercado mundial e a um rápido e violento processo de crescimento urbano (HOBBSAWN, 1975).

Inserido no contexto da pesquisa, cabe ressaltar que a cidade de Pelotas, bem como o bairro do Porto, no século XX, foi e é considerada uma importante cidade no percurso da história social do Brasil e de seu tempo, trazendo inúmeros grupos étnicos, famílias, indivíduos para povoar e habitar o bairro. De modo geral,

podemos compreender que as sociedades complexas industriais modernas abrangem, em princípio, um maior número de indivíduos devido ao desenvolvimento das forças produtivas. A partir da diacronia que este tipo de sociedade produziu, aliada ao aperfeiçoamento da técnica e da ciência, a região pode ser compreendida em detrimento de suas múltiplas metamorfoses urbanas, como um bairro fabril, agroindustrial, portuário e universitário, mapeado a partir de seus agentes empíricos.

Ao estudarmos a temporalidade do bairro sob aspectos que denotam e conformam as sociabilidades produzidas diante do tempo, também podemos identificar problemas, como a própria unidade e descontinuidade destas atividades ao longo do tempo. Sendo assim, a partir de determinadas características que fazem parte das sociedades complexas por intermédio da ideia de Gilberto Velho, tratamos de efetivar esta transposição conceitual de análise por meio da observação dos vínculos e das sociabilidades entre grupos e indivíduos no bairro, nas suas distintas e diversas temporalidades que foram apresentadas na pesquisa, situadas em um contexto de escala de cidade média, na cidade de Pelotas.

Este exercício de modo comparado pode ser exemplificado a partir de antropólogos que estudam as metrópoles e suas formas de sociabilidade na temporalidade e, ao mesmo tempo, evidenciam dilemas contemporâneos de seus contextos, como a grande expansão populacional, sistemas de transporte, mobilidade e suas mazelas, como a violência. Dentre inúmeros trabalhos, cito alguns com os quais busco promover um diálogo dentro desta pesquisa, como José Magnani em São Paulo, Ana Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert, em Porto Alegre, e até mesmo Gilberto Velho um dos fundantes da temática, no Rio de Janeiro. A grande metrópole, é, portanto, o *lócus* por excelência das realizações e traços mais característicos desse novo tipo de sociedade (VELHO, 1997, p. 12).

Portanto, se as metrópoles podem apresentar estas variáveis de análises destacadas, será que podemos abordar as mesmas variáveis em cidades de menor escala? De que forma podemos observá-las? Como diferenciá-las em categorias, além da demográfica, resguardando suas características e especificidades?

Neste sentido, exemplificado um questionamento sugerido é: que tipo de (e se há) efeito 'reverso' que a temporalidade pode captar a partir de sociedades complexas nas quais ocorreu o processo (de)sindustrial? Não nos apeguemos ao termo somente, mas sim às práticas e as formas de sociabilidade que produzem uma realidade do bairro do Porto em Pelotas.

Um possível caminho para compreender estes agenciamentos urbanos identificados no bairro do Porto, como observado na pesquisa, foi possível a partir da abordagem de Velho, onde possibilitou transpor o conceito para outra escala e perspectiva de cidade: da metropole para uma cidade média, contendo traços interioranos e metropolitanos. Muito em virtude, da constatação e inserção de novos (no sentido literal da palavra) moradores, e principalmente dada sob a qualidade destas trocas, seja na criação de novas práticas urbanas no bairro e sua complexidade das inter-relações (em suas diferenças e diversidades) na forma de enxergar ou habitar o bairro, propondo-nos diferentes perspectivas de observação.

No contexto de pesquisa – Pelotas –, pôde ser apurada a pluralidade de diversos grupos e indivíduos, advindos do próprio estado do Rio Grande do Sul, do Brasil e da América Latina, até mesmo de outros continentes. Diante da modificação de suas práticas estabelecidas na cidade de Pelotas, de modo geral e em função de sua ‘vocação’ para o espaço educacional no âmbito universitário, o que acabou produzindo uma inserção massiva de novos moradores, transeuntes e frequentadores acarretando dinâmicas, atividades de criação, equipamentos e serviços apurados de caráter juvenil no bairro do Porto.

Por meio de tais itinerários urbanos, suas formas de sociabilidade e caminhos cruzados, as modernas sociedades industriais conformaram-se com o tempo, como um amplo tema de estudo da antropologia urbana aberta à investigação e, desta forma, abriram possibilidades de pesquisa, como as sobreposições situadas ao longo do tempo na formação do bairro do Porto.

Entendendo ser um pressuposto para formular este trabalho, penetrado pela complexidade da formação das sociedades e seus diferentes estilos e visões de mundo, evidencia-se a importância das narrativas situadas no contexto da pesquisa, sendo, de fato, elementos pertinentes para decodificar a dimensão da temporalidade como um agente que caracteriza as passagens temporais do bairro.

Nesse sentido, é possível observar e perceber as diferentes estruturas espaço-temporais que reúnem, em um só tempo, tanto dimensões desindividualizadoras, quanto processos de individualização no âmbito da cultura contemporânea.

Cabe destacar estas dimensões de individualismo importantes a serem desenvolvidas no decorrer deste trabalho que, por sinal, são postuladas nas experiências vividas diante da cidade. A partir de Georg Simmel, ao analisar os

diversos modos e perspectivas de viver ou se portar nas metrópoles alemãs no século XX, principalmente em Berlim, caracterizou a situação do indivíduo na sociedade moderna como ponto de inserção de vários mundos. Um deles é justamente o encaixe, muitas vezes desordenado, produzindo encontros entre costumes tradicionais e modernos. Como, por exemplo, contrastes do estilo tradicional rural com o metropolitano. Esta última, reunidas sempre em formas de associação e dissociação (SIMMEL, 1981) que, ao perceber a importância das relações nas práticas cidadãs na atribuição da duração do tempo da cidade, é compreendida por meio das dinâmicas de grupos e indivíduos. As formas de socialização entre os agentes empíricos podem simbolizar e materializar um determinado tempo, a partir de suas práticas, estabelecendo negociações como da própria divisão social, seja por meio de alianças e conflitos, fazendo parte da organização social de um contexto.

Estas relações, muitas vezes, estão atreladas à relação de forças, de aliança e de unidade, quando acabam forjando uma 'identidade' coletiva sobreposta ao indivíduo. Por outro lado, na forma de dissociação, pode também agir na própria dissolução do tempo individual, na duração da memória em si mesmo, na configuração diária de suas vidas, projetando narrativas individuais, por meio de estratégias e escolhas políticas, além de dispositivos da rememoração que conformam uma durabilidade temporal acerca de viver na cidade e, no caso da pesquisa, no bairro do Porto. Ou seja, o individualismo moderno, metropolitano, não exclui, por conseguinte, a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias (VELHO, 1994, p. 12).

Por meio dos diversos planos que vivem simultaneamente entre a dialética produzida a partir da *unidade e fragmentação*, assim como mesclam *um campo de possibilidades*, como apontava Velho (1994), a partir das alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico criado.

O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções ancoradas às avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (VELHO, 1994, p.13)

Para a realização deste trabalho, foram sistematizados três capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo busca elucidar o surgimento e consolidação da antropologia sobre a cidade, enunciando estudos antropológicos *na e da* cidade, e temas de pesquisa sob o foco citadino, baseados no papel dos grupos e dos indivíduos, além de evidenciar a importância das narrativas para consolidação do tempo dos habitantes das cidades, por conta de suas transformações rearranjadas no tempo de suas vidas. Além de trazeremos o poder da eficiência do discurso científico constituído na formação de muitas cidades brasileiras, não diferente na cidade de Pelotas. Com isso, justamente, evidenciamos esta contradição ancorada em preconceitos que acabaram gerando diversos tabus na formação estrutural da nação, principalmente em relação ao preconceito étnico-racial. No entanto, como forma de análise, também entendemos como constituintes e pertencentes ao *modus operandis* da formação de muitas cidades brasileiras, diante do sistema social e cultural estabelecido que perdura nas formas e estilos de vida até os dias de hoje.

No segundo capítulo, procuramos, a partir dos estudos da memória, mostrar a duração do bairro com base nas narrativas de Jonas Santos, sobre o ato de movimentar-se por meio da narração de ‘seu’ bairro, com os itinerários urbanos frequentados pelo interlocutor-morador, bem como por suas sociabilidades portuárias evocando, em sua memória, a conformação de sua identidade e pertencimento.

Consolidado no meio artístico pelotense ao longo dos anos, como um artista visual e quadrinista, Jonas reconfigura, com base em suas memórias portuárias, entre o jogo da rememoração e a manutenção de si sob um determinado tempo vivido e uma outra temporalidade que lhe é apresentada atualmente.

Diante disso, o narrador urbano cria, por meio da utilização da linguagem artística, a História em Quadrinhos (HQ) “Espírito Livre” (2016) situada no bairro do Porto, evidenciando uma camada social periférica, na tentativa de pertencimento e fabricação no imaginário do bairro que orienta suas ações nos acontecimentos urbanos por ele narrados, experienciados e vividos sob um tempo passado no bairro. Entre sua rememoração vivida e a criação artística, no caso, ambos caracterizam a narrativa em busca da defesa de um patrimônio étnico afro-brasileiro e pelotense quanto às transformações que o bairro vem passando.

Prosseguimos para uma interpretação atual do bairro, no terceiro capítulo de caráter etnográfico, já situado por um ambiente juvenil-universitário em função dos diversos polos acadêmicos estabelecidos no bairro. Apresentamos nesta etapa da pesquisa uma série de práticas de sociabilidades de caráter juvenil criadas em função de novas práticas artísticas e culturais, conformando um circuito universitário-juvenil na busca do tempo livre e de espaços de lazer, em uma conversão de escalas e de práticas, da metrópole para cidade média, diante da diversidade encontrada e das atividades produzidas nos diferentes arranjos que qualificam as inter-relações.

Neste processo reconfigurativo urbano do bairro, apontamos também os encontros geracionais, entre moradores *antigos*, ditos '*nativos*' e os *forasteiros*, ditos '*outsiders*', na conformação da dialética da duração que também vai perdurando em outros arranjos temporais, na 'atualização do tempo'.

Como já mencionado, a intenção deste trabalho foi a de empreender uma inteligibilidade do Porto à sua produção temporal, a partir de narrativas biográficas, trajetórias e percursos das formas de sociabilidades e dos itinerários urbanos constituídos no bairro.

Procurando estabelecer dimensões temporais pelas quais o bairro passou e vem passando, sem produzir uma totalidade de todos os seus fatos e acontecimentos, mas sim, caracterizando momentos e passagens dos territórios diversos que conformam o bairro por meio de uma interpretação antropológica sobre os fenômenos contemporâneos das práticas urbanas, na apuração das transformações locais, com o enfoque na duração temporal das narrativas apresentadas e na defesa de impulsioná-las como ferramenta de comunicação sobre determinadas práticas dos seus cidadãos *no* e *do* bairro.

1 IMPRESSÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE A CIDADE

Sabe-se que a introdução científica de estudos sociais no Brasil teve início nos estudos de comunidade a partir de 1933 com a criação da escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (USP) com a chegada de alguns pioneiros como Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro e Gioconda Mussolini.

A disciplina de Sociologia mais especificamente passando por uma forte influência da Escola de Chicago com a presença de Donald Pierson, aluno de Robert Park e de Louis Wirth, sobre pequenas pesquisas na cidade de São Paulo (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 20).

Em 1938, com a chegada de Claude Lévi-Strauss, que vai lecionar na USP e pesquisar os grupos indígenas principalmente no Centro-Oeste brasileiro, se depara também com alguns questionamentos sobre o processo de urbanização e povoamento de São Paulo – embora não seja sua área por excelência de observação –, mediante o início e rebuscado processo de expansão vertical dos prédios, principalmente na arquitetura, com a segunda fase do modernismo, tendo suas principais características, a partir da libertação estética, valorização do cotidiano e rupturas com o tradicionalismo (BUENO, 2004; JARDIM, 1978).

Conforme relembra José Magnani (1999), outro aspecto a ser observado era a presença de migrantes estrangeiros nos arredores da cidade, a dinâmica de mercados populares com seu artesanato e algumas festas tradicionais que fazem parte do que o próprio Lévi-Strauss chamou de “*etnografia dos domingos*”¹.

Diante das observações iniciais e na busca por uma certa comparação sobre efeitos de urbanização no interior do estado de São Paulo, Lévi-Strauss procura esboçar algumas ‘estruturas das cidades’ ao processo de implantação de novas cidades no norte do Paraná e, finalmente, já do outro lado do mundo, procura

¹A *etnografia dos domingos* da qual Lévi-Strauss se refere a partir de suas práticas na cidade sob o olhar folclórico dos arredores das regiões da capital. Essa ‘iniciação’ sobre uma etnologia urbana se deram por conta de incentivo de sua esposa, a etnóloga Dyna Dreyfus que acabou pesquisando as festas do divino de Mogi e do Bom Jesus de Pirapora. A convite do modernista Mário de Andrade lecionou um curso de etnografia para subsidiar na formação de funcionários municipais para investigações folclóricas, munindo-os de técnicas para pesquisa em campo, manuseio de instrumentos e trabalho museógrafo. A *etnografia dos domingos* será retomada por mim mais adiante quando conto mais especificamente a minha inserção na etapa do trabalho de campo sobre o Sofá na Rua. Para mais detalhes, ver Magnani (1999); Lévi-Strauss e Eribon (1990).

estabelecer comparações com cidades, mercados, tipos humanos e multidões da Índia e Paquistão (MAGNANI, 1999, p. 98).

O exercício começa com uma rápida análise do processo de expansão da fronteira no interior do Estado de São Paulo, seguindo a trilha das transformações econômicas e formas de ocupação: o olhar atento identifica as alterações na toponímia, as mudanças na importância e função de povoados (pousos, boca do sertão) e de tipos de articulação viária - os portos de lenha, registros, estradas francas, estradas muladas e boiadas. Mas é o espetáculo do surgimento de novas cidades, a partir do nada, no coração da floresta, o que mais o impressiona. Aquele tom *blasé* das primeiras observações, certamente tributário de um olhar ainda acostumado à vetustez de conjuntos arquitetônicos de dez séculos, e que por isso vê às cidades do Novo Mundo com cara de acampamento ou montagem provisória, cede lugar à busca de princípios explicativos para um fenômeno mais radical, flagrado em seu nascedouro. (MAGNANI, 1999, p. 99).

A partir de suas observações durante sua passagem pelos estados do Centro-Oeste entre Goiás e Mato Grosso, e do processo de colonização que acontecia em algumas cidades do Sudeste no Paraná como em Londrina, Rolândia, Araponga, é que surge *Tristes Trópicos* (1955) de Claude Lévi-Strauss. Conforme Rocha e Eckert (2005) apontam, na “descrição das reminiscências do autor, colore um país bucólico e nostálgico”.

Lévi-Strauss, ao narrar um país nativo ameaçado pela “fricção interétnica²” e pelas consequências da modernidade sobre as cidades brasileiras, que ele qualifica como tristes por serem degradadas na flecha do tempo (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 19).

Esse estranhamento do antropólogo francês muito tem a ver com percepções limitadas de entendimento por parte de seu eurocentrismo; a primeira sob uma perspectiva da alteridade; a segunda sob uma experiência temporal, como apontam Rocha e Eckert, no auge do espectro e da temporalidade adiantada da noção do progresso europeu e nas transformações temporais de construção e reconstrução nas cidades brasileiras. Causando esse estranhamento e espanto a Lévi-Strauss como uma espécie de desordem na estética temporal e urbana do Velho Mundo bem apontada tanto por Rocha e Eckert quanto por Magnani.

² Teoria elaborada a partir da década de 1960 por Roberto Cardoso de Oliveira. Segundo Dal Poz (2003), se daria a partir das relações entre sociedade indígenas e sociedade nacional provendo uma “situação de contato”.

Conforme Rocha e Eckert apontam no capítulo “A retórica de um mito: Brasil, um país sem memória”, no livro *Tempo e cidade* (2005), diferente de noções da modernidade europeia no início do século XX, “alimentar-se ia vorazmente do Mundo Novo, sem nenhum compromisso com o seu passado histórico” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 19). Repousando em uma redução sob toda uma perspectiva colonizadora e evolutiva dos processos sociais do Brasil derivando daí uma série de incertezas, instabilidades e contradições sobre nossa própria história, destruições e reconstruções em busca de um entendimento de ‘nação’.

Nesse sentido, acompanho as autoras quando apontam que é possível abordar dinâmicas sobre questões que tracem um diálogo entre *temporalidades, cidades e lugares* pensada na formação das diferentes interpretações sobre as vidas brasileiras mostrando transformações sobre as diversas realidades sociais.

Ao insistirem na interpretação da poética da instabilidade no Brasil e em reconhecer a construção de significados políticos (política da forma e do gênero discursivo e interpretativo da historiografia e a etnografia no qual repousam as representações que oferecem explicações sobre a trajetória brasileira como desvio (ou contramão) de uma estética baseada na ordem e na harmonia do projeto civilizatório (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 20).

Essencial para essa primeira parte do trabalho quando busca-se compreender como a memória e o tempo podem ser retomadas na formação das cidades brasileiras em uma interpretação antropológica, à medida em que são vinculadas diante da reconstrução de histórias, trajetórias de vida e itinerários urbanos.

Mais especificamente sob o contexto da pesquisa que busca traçar diferentes temporalidades, usos, saberes e práticas nos cotidianos na cidade de Pelotas, principalmente no bairro do Porto.

Importante ressaltar que a cidade, no geral, e o bairro especificamente foram e são cenários de diversas mudanças socioculturais desde o seu período colonial-rural com as charqueadas e seu regime de escravidão no Brasil Meridional. Passando pelo processo de inserção das sociedades urbanos-industriais, que, em medida, trouxeram um amplo complexo fabril e agroindustrial para o bairro, até a sua decadência e desuso devido ao esvaziamento das empresas em virtude do deslocamento para outras cidades do estado gaúcho em razão das questões de logística, tributações, entre outros.

A partir deste hiato que situou-se no bairro, foram sendo estabelecidas políticas urbanas por meio dos Planos Diretores em relação à preservação do patrimônio cultural da cidade. Tendo seu início em 1967, segundo Schlee (2008), “refletindo o pensamento urbanístico da época, não avançou no sentido de reconhecer a existência de um patrimônio que teria de ser considerado preservado. Então, em 1980, com boa parte de prédios, casarões e fábricas em processo de degradação, é a partir do II Plano Diretor, que foram introduzidas as zonas de Preservação em Pelotas. No entanto, somente em 2008, na criação do III Plano Diretor de Pelotas, tendo em vista a estratégia para manter em harmonia as políticas urbanas com as políticas de patrimônio, que se estabelecem Áreas Especial de Interesse Cultural (AEIC), sendo a Zona Portuária da cidade, um deles.

Em consonância com estas políticas urbanas e patrimoniais, é que há uma grande gerência e concessão deste patrimônio fabril na Zona Portuária, sendo revitalizado e tornando-se usufruto para a instalação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A cidade, então, torna-se referência no polo educacional superior no interior da região do extremo sul do Estado, bem como do Brasil, atraindo grupos de outras regiões do país.

É percebido que, a partir destas transformações temporais no bairro e na cidade, são produzidas diferentes escalas temporais que refletem uma passagem entre o rural e o urbano, o bairro agrega os diferentes grupos de moradores, como conforma múltiplos ritmos de observação.

No sentido de produzir esta observação mais ‘atualizada’ sobre a presente temporalidade do bairro, o enfoque desta pesquisa ancora-se entre os dois últimos períodos que evidenciam a constante mutação do bairro, na passagem entre o período fabril agroindustrial e um polo universitário. Para prover este encontro temporal do bairro, trabalhamos a partir dos estudos da memória e da duração com a observação etnográfica.

Entretanto, é importante refletirmos acerca das ‘ondulações temporais’, não diferentes do que encontramos no bairro, pois, conforme escrevem Rocha e Eckert, há diversas rupturas na formação social do Brasil que acarretam diretamente sobre os corpos coletivos que se desdobram para questões de consciência, e ética, de uma sociedade que pouco conhece sobre seus processos históricos de fato e pouco tem a chance de conhecer por conta de um grande sistema político humano que negligencia estes acontecimentos.

Daí as diversas rupturas, e a grande dificuldade que se tem que inserir novamente no cotidiano, na história, na memória e no aprendizado questões necessárias de serem reverberadas amplamente.

Aliado com essas ferramentas, que versam sobre as interpretações do tempo e de diferentes formas de viver na cidade embasadas na tríade, antropológica, etnográfica e biográfica, podemos conferir estes momentos a partir das trajetórias e percursos que conformam e interpretam distintas realidades e estilos de vida.

Tim Ingold (2005) no trabalho denominado *Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobrir-caminho e navegação*, introduz no texto a antropóloga Clara Mafra, que parte da poética da percepção do ambiente e dos produtos da imaginação humana. Em uma tentativa de observar a cidade como um dos ambientes dessas produções, como chave de análise sensorial, ela pode ser entendida neste trabalho a partir da biografia dos cidadãos por meio da qual as “narrativas *na* e *da* cidade brasileira apontam para essa sensibilidade das experiências biográficas dos contextos nas trajetórias singulares dos habitantes (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 25).

Desta forma, podemos propor uma análise a partir da ‘poética da instabilidade’, que emerge das práticas dos habitantes, na forma de produzir um entendimento de si e dos outros, reconhecendo rastros e trilhas, até a sua reconfiguração e condição de ser e estar no mundo. Ela nos permite abrir o leque de possibilidades para interpretarmos as temporalidades brasileiras e, embora ocorram inúmeras contradições no país, ainda assim, não podemos e nem devemos descartá-las enquanto aspectos coexistentes da formação da nação.

Por isso que, ainda assim, certas disciplinas científicas frutificadas desta condição, como a medicina, e especificamente no caso das humanidades, como a etnologia, arqueologia e a antropologia, embora com todos seus equívocos no viés euro-científico tenham sido evolucionistas, racistas³, e indigenistas, são necessárias para retomamos uma releitura que nos dê condições para que possamos [nos] reinterpretar enquanto uma pluridiversidade transnacional que sofreu e sofre transformações constantes até os dias atuais.

Em compasso com o tempo do secularismo e o surgimento da ciência sobre a luz das ideias dos homens, transcorre um tipo de ‘produção de larga escala’ da

³ Para uma leitura mais aprofundada sobre o tema, ver Schwarcz (1993).

colonização europeia nos países chamados ‘subdesenvolvidos’⁴. Com a finalidade da ocupação e apropriação dos meios de trocas, e de seus insumos, além da mão de obra, formam-se colônias e, assim, conseqüentemente, vão se produzindo as primeiras habitações ‘civilizadas’ no Brasil. Estas habitações vão sendo institucionalizadas e definidas por meio de critérios políticos a partir da criação de hierárquias, acarretando a produção de distintas balanças sociais desiguais, organizando o sistema modular de vida no encontro das alteridades destes novos e velhos habitantes.

Não por acaso, no Brasil, a formulação do pensamento científico, conforme aponta Scharwcz (1993), mostra um panorama da ciência impregnada pelo positivismo, evolucionismo e materialismo no contexto europeu e brasileiro, durante o século XIX. No caso específico do contexto brasileiro, o ano que marca a maior efervescência desse quadro é exatamente o de 1870. Nesse período, surgem ideias que tomam forma nas instituições de cunho científico e que iniciam um processo de distanciamento do mundo rural, dando forças às classes dominantes urbanas. Essas transformações exigiam uma maior atenção em relação à abolição da escravidão e à construção da República. Pensando nessas mudanças, os homens da ciência trabalhavam considerando o aspecto de civilização e barbárie, dentro do conceito de raça e buscavam uma solução para esse problema que, na opinião deles, condenaria o país ao atraso.

Cabe mencionar que, dentro desta proposta de análise, vê-se, em alguns casos, que produções científicas publicadas nos periódicos das instituições, possuíam muito mais trabalhos de naturalistas europeus. Esse aspecto conduz o leitor a refletir sobre a originalidade ou adaptação de modelos científicos às necessidades e características particulares da sociedade brasileira. Especificamente em Pelotas, situado em um contexto escravagista produzido pela monocultura da carne e do charque, as *charqueadas*, um dos naturalistas que cumpriram este papel de ‘autoridade científica’ ao relatar suas passagens e momentos, foi o francês Auguste de Saint-Hilare⁵⁶.

⁴ A relação dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento está muito relacionada na prática do colonialismo, ou seja, são narrativas produzidas no jogo de forças assimétricas que evidenciam formas inferiores e subalternas de existência. Para mais informações ver De Paula Andrade (2018) e Furtado (2003).

⁵ Há uma série de relatos sobre a sua estada no Rio Grande do Sul. Para mais informações, Ver Saint-Hilare. Viagem ao Rio Grande do Sul, 1999. Ed. Itatiaia.

Segundo Galmarino (2008), o naturalista percorreu mais de dois mil quilômetros em sua vasta visita ao Rio Grande do Sul, tendo como tarefa principal: coletar dados, registrar e remeter informações científicas aos seus pares e patrocinadores europeus. Depois do inventariamento de animais e plantas, foram as pessoas e seus hábitos, modos de vida, na cidade e no interior, que o viajante irá observar conseqüentemente em suas andanças, como o trato dos estancieiros com os escravos, os peões, as mulheres não escravas, além da paisagem e caracterização das cidades gaúchas, ao passo que, tanto ele quanto demais naturalistas espalhados pelo Brasil relatam os demais estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Curitiba, Santa Catarina, entre outros.

Entre relatos e narrativas que, além de comprovar a institucionalização da cientificidade etnocêntrica, como uma marca da colonização, e como já mencionado, também demarcam uma temporalidade e um território. Ao passo que também pode servir como esboço para buscarmos demais pistas e respostas a partir da formação deste emaranhado de coisas, sentimentos, subjetividades, conflitos, alianças, negações, fluxos, objetos, pessoas, são produzidas as cidades brasileiras:

Do hedonismo popular as produções de uma cultura artística de elite, do espetáculo político as paradas eleitorais, das celebrações dos calendários esportivos e musicais a festas religiosas, da exacerbação do corpo em espetáculo as delícias do consumismo, da proliferação de seitas religiosas e cultos a ressurgência de movimentos regionais e locais. (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 26).

Nesse sentido, podemos pensar em um primeiro momento na antropologia da cidade e das formações das cidades brasileiras como emaranhamentos territoriais que se formam e deformam “capazes de celebrar, para além da materialidade, dos objetos, dos hábitos, dos modos de vida de seus habitantes, o *genius loci* de um povo (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 26). No sentido de compreender a temporalidade das cidades brasileiras, colocadas não sob uma singularidade, mas sim sob a pluralidade dos corpos vividos e dos múltiplos acontecimentos. E mais importante: abrir caminhos para as possíveis e novas interpretações de moradia, habitação, passagem, declínio, construções e destruições das cidades, buscando “narrar a cidade na sua duração e apreender-se a dinâmica de suas estruturas espaciais nas

⁶ Para mais detalhes e relatos do naturalista, ver Minuzzi (2015) e Arnoni (2011).

sobreposições temporais vividas por seus habitantes, conferindo-lhes uma *dialética da duração*” (ROCHA; ECKERT, 2005 apud BACHELARD, 1985).

Nesse caminho entre as ideias, é que podemos entender como as narrativas das experiências dos sujeitos e de determinados grupos em suas temporalidades são importantes na criação constante das cidades brasileiras. Seja na demolição de construções antigas, complexos espaciais, mausoléus, ambientes abertos, praças, demolição de casarões históricos, só deixando as fachadas por questões legais patrimoniais (como já realizado em alguns imóveis tombados de Pelotas – caso do Banco Itaú e criação de estacionamentos na parte histórica do centro da cidade). Até a transformação de Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC)⁷ em seu contexto histórico, por meio de um conjunto agroindustrial e fabril transformado com o tempo, de ruínas a polo universitário no bairro do Porto.

Enfim, a cidade muda, movimenta-se nos seus imaginários e subjetividades, nas concretudes e materialidades. Sempre na constante criação e destruição de espaços ou lugares dando forma às estruturas cidadinas de seus tempos. Umas resistem, outras se esvaem. Assim como nós, por diversas situações e motivações, somos motivados a nos movimentar fixados bem como resistir nos movimentando.

Não só pensando na ideia simmeliana da *cidade como obra de arte*, mas a cidade como uma obra de vida ou de diversas vidas, sempre nas coexistências de forças, ideias e posicionamentos no esforço dos habitantes continuarem no seu próprio tempo, diferentemente do próprio tempo da cidade.

Pensando a cidade como o campo na junção dos corpos coletivos que pulsa e a faz viva, assim como os habitantes com seus corpos individuais que os modificam, individualizam as suas vontades, desejos, ora internalizando-os, ora externalizando-os. As suas trajetórias de vida aliadas com as memórias é que vão preconizar ritmos distintos e o “informe das formas” conforme Rocha e Eckert (2005 apud MAFESSOLI, 1992) na busca de coexistências que montam e remontam as cidades e seus cidadãos.

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho é propor uma leitura sobre o bairro do Porto da cidade de Pelotas como objeto temporal, tomando o bairro não como

⁷ Para ver a lei na íntegra, acessar: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2000/456/4568/lei-ordinaria-n-4568-2000-declara-area-da-cidade-como-zonas-de-preservacao-do-patrimonio-cultural-de-pelotas-zppcs-lista-seus-bens-integrantes-e-da-outras-providencias-2000-07-07>

uma totalidade em si, mas em perceber como o tempo se torna um agenciador na caracterização de seus múltiplos territórios, por meio da produção de sociabilidades urbanas em suas diferentes escalas temporais. Caracterizando passagens temporais sobre este território que versam desde uma relação permeada por sistemas de dominação racial, passando pelo processo de introdução de escala das sociedades urbanas-industriais e seus processos associativos até um território configurado juvenil-universitário.

Portanto, a cidade e o bairro, enquanto materialidades temporais, por meio da busca dialógica de compreender suas destruições e construções, entre ordenamento e negação de sua constituição, até um “giro interpretativo considerando a cidade sob o plano de sua fenomenologia existencial” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 88) conferindo-lhe dimensões sensíveis sobre o habitar territorial no cotidiano. A materialidade aqui colocada em jogo serve para pensarmos uma antropologia urbana, visto que coloca-se também sobre o viés da sensibilidade dos corpos, do movimento e das subjetividades inseridas em determinados contextos em que são criadas as cidades.

Indiferente ao desaparecimento dos referentes materiais não mais dos espaços, mas sim, dos lugares, sobre os quais os grupos e indivíduos fundam suas identidades – seja mobilidade residencial, remoção de bairro antigos, transformação espacial e destruição urbana - , a cidade em sua polissemia, torna-se o testemunho dos jogos da memória de seus “agentes”, espaço fantástico onde podem “colar” sua existência a certos momentos de interação social ali vividos em seus territórios e investi-los do próprio ritmo construído no corpo da duração de biografias de vida (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 88).

Assim, o ‘tempo social’ do Brasil (FREYRE, 1959), conforme as autoras nos informam, fornecem pistas para percebermos que viver na cidade pode ser entendido como “um ato de se arrumar, encadear e encaixar as diversas estruturas temporais e espaciais das trajetórias e histórias de grupos humanos que nela habitaram, em um esforço para estabelecer um tempo humanitário que se solidarize com a tarefa de seus habitantes de construir uma *durée*” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 90). Entendendo assim essa durabilidade – a partir das práticas e habilidades dos indivíduos e coletivos em detrimento de uma época ou de um tempo – na duração da interpretação das vidas humanas, compreendendo a noção e especificidades de cada contexto inserido pelos seus habitantes.

Em síntese, colocamos que, além da diversa e ampla literatura antropológica sobre cidades, cidadãos, dinâmicas cotidianas de vida, há também o enfoque de observar como estas temporalidades são envolvidas sobre as memórias coletivas e individuais, trajetos de vida, biografias por meio de suas narrativas.

Essas sobreposições são pertinentes para pensarmos como a narração da vida urbana modifica o próprio sujeito. Em suma, podemos destacá-la como um dos objetivos deste trabalho realizado na região do Porto, tendo como propósito analisar como determinados fenômenos urbanos narrados e situados pelos seus moradores. Podendo ser compreendidos entre percepções, sensações, motivações que o bairro evoca em determinados habitantes e momentos a fim de propor uma outra leitura urbana focalizada em microações locais por meio do tempo social do bairro. Nessa justaposição entre narrativas, escolhas, momentos e conflitos, é que se localiza a consciência, bem como a disputa memorial recai no posicionamento político, como forjamento de estratégias de pertencimento identitário ao local habitado conformando campo (territorial) de disputas de narrativas.

Com base em mecanismos relacionais e situacionais, a conformação destes grupos e sujeitos que buscamos compreender nos respalda para um olhar interpretativo do bairro. E é justamente o foco etnográfico a partir do qual buscamos esclarecer como seus habitantes projetam suas reivindicações, espaços e lugares de memória, bem como suas práticas caracterizando, como já mencionado, um território plural, demarcado por meio de momentos narrados até o processo de criação das narrativas que caracterizam as formas de vida social do bairro percebidas em seus diferentes ritmos temporais de sua duração.

1.2 Entre a linha narrativa e a temporalidade do contexto: questões teórico-metodológicas

Na tentativa de traçar uma linha narrativa que pudesse compreender a temporalidade do bairro do Porto diante as múltiplas características e particularidades que compõe as formas de vida, nesse jogo entre o cruzamento e a sobreposição de tempos, entre um passado vivido e um presente rememorado, foi necessário desenvolver uma metodologia que fosse capaz de interpretar esta temporalidade, além de criar estratégias para produzir uma inteligibilidade diacrônica da pesquisa ou a chamada 'linha narrativa' que circunscreve este trabalho.

Entendendo a temporalidade como ponto crucial na pesquisa, situando os múltiplos atores-habitantes trazidos para a observação e participação de suas histórias, a produção de narrativa por meio do recurso etnográfico, ao formatar e produzir dados empíricos, somente foi possível em sua execução, intercalando dois momentos.

Um primeiro momento de narrativa oral com moradores e ex-moradores mais antigos, a partir de suas falas rememorativas nos jogos da memória e de sua duração. Partimos da proposta metodológica de Gabriela Rosenthal (2014) que enfoca dois níveis da história de vida narrada e da vivenciada, primeiro em passos analíticos separados, antes de se contrastar os níveis e formular suposições sobre sua diferença (ROSENTHAL, 1987; 1995).

Por um lado, visa reconstituir a configuração temporal da história de vida vivenciada, isto é, a sequência das vivências biográficas no tempo objetivo cronológico, diferentemente do tempo vivenciado subjetivamente e seus possíveis significados no passado (ROSENTHAL, 2014, p. 232). Pelo outro, reconstrói a configuração temporal da autoapresentação biográfica, isto é, a sequência de temas na apresentação presente, bem como o significado das vivências no presente do biografado e os enquadramentos interativos da apresentação delas. Na reconstrução da história de vida vivenciada propoe-se a decifrar sua gênese, enquanto na reconstrução da história de vida narrada se analisa o surgimento processual da autoapresentação biográfica quando de sua elaboração oral – ou também por escrito – e interativa.

Já no segundo momento, a partir da observação e participação na descoberta de atividades juvenis pelas quais o bairro do Porto vem passando atualmente. Dessa forma, a prática etnográfica se insere nos dois ‘cosmos’ da pesquisa, respeitando e observando cada qual as suas particularidades. Um primeiro esforço em observar motivações que dê sentidos para este trabalho na rememoração das memórias e na produção de um pertencimento foi criado a partir das sociabilidades de um tempo passado e rememorado. Já o outro, na criação de novas dinâmicas urbanas com a finalidade de descrever processos de transformação do tempo presente.

O que os torna coexistente, mas de maneiras distintas, neste estudo sobre tempo e sociabilidade no bairro, é compreender o fenômeno temporal da cidade na produção das sociabilidades intercaladas entre suas próprias vivências, trajetórias,

itinerários urbanos, eventos e acontecimentos que possibilitaram e compõem múltiplas observações.

De modo que, nessa 'viagem urbana', ao perceber as diferentes temporalidades no bairro do Porto, aproximamo-nos de Marcus (1995) com seu método aplicado aos trabalhos etnográficos mais conhecido como a etnografia multissituada. Segundo a sua proposta, essa etnografia realizada a partir de múltiplos locais de observação e participação permite a superação de dicotomias como o 'local' e 'global', 'mundos de vida' e 'sistema'. De forma geral, ela rompe com o apelo único das manifestações locais de grandes narrativas do sistema mundial ao possibilitar a identificação de uma complexa arquitetura contextual por meio dos métodos de seguimento de atores, coisas, metáforas, estórias ou alegorias, biografias ou conflitos.

A etnografia multissituada, além de ser usada como método para demonstrar os sistemas híbridos que são produzidos na tradução de ideias e significados entre os diferentes espaços, também pode ser trabalhada de modo a ressaltar a continuidade e a difusão da solidez dessas mesmas ideias e significados como formas múltiplas de intervenção.

Assim, entendemos necessária essa aproximação e, percebendo o contexto observado, propomos como método o que chamamos de etnografia multi-temporal, visto que, além de estar 'nos mesmos lugares' que cercam o determinado bairro em sua duração, estamos em diferentes temporalidades de percepção. A viagem perceptiva simplesmente ocorre em função das espacialidades que produzem diferentes tipos de sociabilidades. Somente com uma etnografia multi-temporal é que podemos observar e perceber as mudanças do tempo no bairro permitindo grafá-las em suas múltiplas linguagens na tradução interpretativa do tempo e na transformação do bairro.

Neste sentido, a intenção aqui é de produzir uma linha narrativa diacrônica, produtora de percepções entre as mais distintas formas de viver, na tentativa de prover uma leitura sobre a diversidade social e cultural no bairro do Porto, desde o fluxo citadino com narrativas *nativas* (de dentro) até a chegada dos *'outsiders* (de fora) que transformam e mudam as dinâmicas do bairro. Partindo do diálogo do jogo da rememoração até a percepção das atividades atuais em um recorte específico entre gerações que se cruzam e dão formas ao contexto.

Dando forma ao experimento urbano metodológico, baseado em Pedro Costa e Ricardo Lopes (2013), que buscaram compreender narrativas visuais sobre três bairros de três cidades distintas, Barcelona Lisboa e São Paulo. Aplicamos também o registro documental visual por meio da fotografia buscando, dentro do contexto da pesquisa, assumir três grandes dimensões para a análise dos espaços públicos e privados do bairro. Estas três grandes dimensões foram decompostas em temas, a partir dos quais a coleta fotográfica foi conduzida e a análise foi posteriormente concretizada, recorrendo à leitura, discussão comparativa e interpretação conjunta das imagens coletadas nos diversos casos de estudo.

O espaço físico – a forma como o espaço natural e construído condiciona as atividades e funções que nele se desenvolveram e se desenvolvem:

- ❖ As materialidades;
- ❖ O mobiliário urbano.

A vivência do espaço – a forma como é vivido e apropriado pelos seus diversos utilizadores (moradores, frequentadores, transeuntes, trabalhadores, turistas, etc.) e seus possíveis desdobramentos entre associações, conflitos e sociabilidades:

- ❖ A diversidade funcional do bairro;
- ❖ A diversidade social do bairro;
- ❖ “Habitar” o bairro;
- ❖ “Circular” no bairro;
- ❖ O “viver” o bairro.
- ❖ Os conflitos de uso.

A dimensão simbólica - como é percebido e representado e como condiciona e diversifica as múltiplas apropriações (e acessibilidades simbólicas e culturais):

- ❖ Os signos e os símbolos;
- ❖ As características identitárias e de pertencimento do bairro;
- ❖ Os espaços de inclusão e exclusão (simbólica/cultural).

Diante das três dimensões existentes, acrescentou-se ainda uma quarta dimensão de análise, que focaliza os temas transversais aos restantes, que consubstanciam as próprias dinâmicas dos bairros nos seus diversos tempos e espaços, ou seja, as suas múltiplas – mas coincidentes entre bairros – temporalidades e espacialidades:

- ❖ Dimensões transversais;
- ❖ Os diferentes tempos / ritmos do bairro;
- ❖ Os diferentes “espaços” do bairro.

Para emprendermos o desenvolvimento deste trabalho a partir do conceito das sociedades complexas utilizamos, por meio do método escolhido, elementos que tangenciem esta abordagem a partir da divisão social fabricada no bairro, constituída com base nas materialidades difundidas no plano urbano-industrial como casarões, fábricas e mobiliário urbano que remetem a uma determinada temporalidade do bairro.

Em conjunto, trabalhamos com a questão simbólica demarcada a partir das sociabilidades, por meio dos estudos da memória e das narrativas intercaladas pelos próprios agentes empíricos que conduzem a partir de sua oralidade a sua própria temporalidade comparada em questão. Dessa forma, conduzimos, por intermédio de uma linha narrativa e visual, elementos essenciais para a produção deste trabalho.

Neste e nos próximos capítulos busco trazer algumas passagens que marcam minha inserção na cidade de Pelotas por meio de relatos de viagens e, conseqüentemente, ao mesmo tempo, ambientando estas experiências no bairro. De forma contínua com os relatos, tomo tais acontecimentos viáveis de ser apresentados a partir de impressões etnográficas, determinando uma primeira impressão minha sobre a temporalidade bairro do Porto. Como explanamos anteriormente, a partir do método de Rosenthal, o propósito é fazer o exercício de uma rememoração narrada, tanto com os interlocutores quanto com o pesquisador, ambos agentes empíricos.

A partir de caminhadas e incursões realizadas no bairro, procura-se demonstrar o caráter interpretativo, bem como a conformação do bairro situando diferentes espaços e ritmos também marcados sob um determinado tempo a partir das experiências vividas.

1.3 Caminhar na temporalidade da cidade: iniciando o trajeto

Ao longo dos últimos dez anos, mesmo sem saber, já estava ‘realizando’ incursões ‘etnográficas’ na região do Porto a partir da minha frequente participação no bairro em razão dos bares e os equipamentos culturais criados, antes mesmo de ingressar no mestrado no ano de 2017.

Por estar sempre no ‘corredor cultural’⁸ - majoritariamente em atividades relacionadas ao trabalho e estudo - que liga as cidades de Jaguarão, Pelotas e Porto Alegre, praticamente por uma reta (Rodovia BR 116). Por intermédio do meu núcleo familiar e de amizades próximas entre as três cidades, em algum momento, estava rodando por Pelotas. No caso específico de Pelotas, o contexto da pesquisa, julgo caber aqui, rapidamente, uma própria lembrança do pesquisador, em formato de relato para exemplificar minhas andanças já pelo bairro do Porto no esforço de estabelecer conexões presentes na pesquisa que, até então, eram despercebidas com o bairro.

No ano de 2009, frequentava muito Pelotas e, sempre que preciso, ficava na casa de amigos que foram colegas de escola e de infância, que tinham se mudado para a cidade com o intuito de realizar na época os cursos técnicos do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG) convertido atualmente no Instituto Federal Sul Rio-Grandense (IFSul). Pós-CAVG, foram fazer faculdade, já ingressantes na UFPel. Eram três moradores, com os seguintes codinomes: *Xirú*⁹, *Machado e Velha*. Respectivamente, cursavam Ciências da Computação, Agronomia e Tecnologia da Informação.

Todos na faixa etária entre dezesseis e vinte anos, compartilhando da moradia coletiva, que se localizava na esquina da Rua Almirante Tamandaré próximo ao M. Tower Hotel (na época recém sendo construído) na Rua Almirante Tamandaré, já em um limite entre os bairros do Porto e Centro. Os moradores e colegas viviam

⁸ O termo refere-se há uma antiga rota por volta de 1940 que tinha como trajeto a passagem de companhias circenses e teatrais em grandes expedições pelos polos culturais da época envolvendo países como o Brasil, Uruguai e Argentina, nas cidades de Porto Alegre, Pelotas, Jaguarão, Rio Branco, Montevideo e Buenos Aires. Um debate com vistas a retomada deste intercâmbio cultural, foi realizado em 2015 pela Bienal de Arte e Cidadania da UFPel, que contou com diversos artistas de países vizinhos, intelectuais, produtores e sociedade civil.

⁹ A denominação coletiva de Xirú, significa na sua origem indígena Guarani, amigo, companheiro, e é utilizada pelos brasileiros no sul do Brasil. Também se refere ao homem do campo, o peão.

sempre em um ambiente jocoso, marcado pelo uso de psicoativos (cannabis sativa) e sempre no seu engajamento de causas desta camada. Desde já, mantinham um estilo mais noturno com os rolês na madrugada, quase sempre rotineiramente com o objetivo de fazer a mão¹⁰¹¹.

Ao considerar o lado 'nerd', proveniente do estigma popular que circunda quem atua na área das ciências tecnológicas, seus estilos musicais eram muito mais ligados ao rap, hip hop e ao nativismo, sendo que a partir da música já definiam seus estilos de vida daquele momento.

Suas playlists iam do grupo brasileiro da periferia de São Paulo, mais conhecido pelo distrito de Capão Redondo, *Racionais MC's*, aos cariocas do rap rock do morro, *Planet Hemp*, passando por melodias que acalentavam o pago longe de suas querências do cantor gaúcho Luiz Marengo. Inseridos em um ambiente jocoso, tomando por riscos tanto do bairro, quanto de seus estilos de vida de risco, em função do psicoativo, não por acaso o sobrado em que moravam foi apelidado de *Carandiru*.

Segundo Xirú, o estilo empregado durante suas experiências juvenis no bairro do Porto prevalecia por conta da cultura marginal¹² de expressão das músicas e dos músicos, assim como por conta do cenário portuário não muito convidativo naquela época. Mas conta ele que, especificamente pelo formato arquitetônico da casa, contido na forma de um sobrado com uma garagem gradeada com vidros, remetia com uma cela presidiária. Era muito mais uma romantização da época e da tendência juvenil que experimentavam. Com isso, mais ou menos assim começa minha história e suposta 'familiaridade' com Pelotas.

Voltando para Pelotas no contexto da pesquisa, sob o aspecto cultural, mesmo por Pelotas integrar atualmente o Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), provavelmente nunca tinha dado a devida atenção para suas arquiteturas e edificações de origem europeias.

¹⁰ Cabe situar neste trabalho que as gírias e termos que se sucedem são entendidas como categorias nativas (locais), porém algumas delas, são de expressão popular. Assim como as demais encontradas nos próximos capítulos, principalmente sobre o relato etnográfico sobre o evento Sofá na Rua.

¹¹ Fazer a mão, pode ser entendido em um duplo sentido: o primeiro na elaboração do beck (baseado) para fumar. O Segundo, empregado no contexto escrito, referia-se para ir pegar o beck. Muitos, outras vezes, vinham entregar, como é o caso dos motoboys com os vendedores. Termo local, expressado por usuários de psicoativos, no caso relatado, da maconha.

¹² Cabe aqui diferenciar o marginal de violento, mas sim, os que vivem num sentido de estar à margem, de até mesmo de sofrer violência. De um ambiente de violência simbólica.

Para mim, aquilo assemelhava muito aos meus outros dois contextos e a minha 'familiaridade' – ao menos visual e paisagística – com as demais cidades que frequentava. O que, na verdade, era uma 'familiaridade desfamiliarizada', pois até então, tinha como verdade total. Em suma, uma meia verdade sob a história e aos acontecimentos, fatos, eventos dados e sob estes patrimônios apresentados.

A partir de momentos entre trabalhos, aprofundamento dos acontecimentos históricos, conversas, graduação e frequentações em geral no bairro do Porto é que foi sendo despertada uma certa inquietação acerca da relação da cidade, de uma arquitetura e uma paisagem que fazem parte do cotidiano que eu frequento.

Até minha inserção no mestrado, no ano de 2017, quando definitivamente me mudei para Pelotas, com moradia fixa e, a partir de determinadas disciplinas, acabam indo ao encontro do que eu já vinha observando e maturando como ideia há algum tempo.

Assim, foram realizados alguns exercícios etnográficos como a caminhada ao Arroio do Pepino em Pelotas e a viagem etnográfica "*As margens do Jaguarão: entre cerros e os rios*", vão produzindo insights. Em um primeiro momento, foi importante perceber a relevância e a temporalidade das cidades instauradas na materialidade e no ambiente destes lugares.

Estes últimos acontecimentos dentro da minha observação acabam dando a devida 'maturação' ao longo dos anos e, a partir daí, fui percebendo escalas temporais. De maneira mais acentuada na cidade de Pelotas, por meio de determinados traços urbanos que conformam alguns espaços e lugares formadores dos bairros em sua temporalidade. Como é o caso do Centro Histórico desde as construções do Mercado Público, dos Casarões, dos Teatros, Guarany e Sete de Abril, além das ruelas de paralelepípedos que cruzam a Major Cícero (lugar de residência do pesquisador) até o trajeto para as aulas no Instituto de Ciências Humanas – ICH (no Porto). Ocasionalmente distinções de escalas urbanas deste trajeto, a partir de uma ampla paisagem da cidade, revelada em sua estrutura arquitetônica e vernacular, por edificações mais baixas e mais alargadas, com os prédios centrais e antigos, além da concentração de galpões e fábricas instauradas na região portuária.

Estas formações urbanas informam que uma série de ocupações e atividades laborais foram instaladas em um determinado tempo, refletindo na própria concepção da geografia da cidade (VELHO, 1989) como mudança temporal, pois

região central atual resguarda ainda o centro comercial com atividades do tempo, além de um polo turístico e um fluxo do dia a dia mais ativo.

Sendo universitário e convivendo com eventos artísticos no Porto, me fiz a pergunta: como e por que estas práticas de sociabilidade, sobretudo artísticas-universitárias são realizadas na região Portuária?

Após algum tempo de observação, participação no contexto ambientado e interagindo com algumas práticas festivas de lazer e, sobretudo, do tempo livre destes jovens (como eu - até então) universitários, descobri que não era um espaço unívoco dos *'outsiders'* ou dos desviantes (BECKER, 2008 [1963]).

Eis aí uma aproximação entre os diferentes fluxos dos diversos pedaços da cidade (MAGNANI, 2003), entre frequentadores de outros bairros com os jovens *'outsiders'* advindos de outros estados do Brasil e países da América Latina. O que nos levaria a pensar em uma segunda problemática que seria a de discutir a questão do espaço público para o lazer e tempo livre; bem como que tipo de lazer juvenil-universitário estamos falando?

A partir disso, comecei a tentar explorar, a partir de caminhadas, um ambiente mais histórico do bairro frente à paisagem operária-industrial e um grande processo de desqualificação urbana deteriorada na infraestrutura que é perceptível. Nesta dialética do tempo, diante das mudanças sensíveis do bairro, encontramos pistas que servem para delimitar e exemplificar o recorte temporal da pesquisa, entendidas como geracional permeada por um grupo de idade avançada, compostos por uma rede ampla de idosos. Além da outra rede, composta por universitários que vão se inserindo como atores-moradores do bairro. Geracional, ao perceber o grande número de mulheres idosas viúvas, bem como idosos em geral, muitos delas e deles que são ex-trabalhadores destas fábricas e indústrias. Em consonância com estes moradores do bairro, juntam-se grupos universitários residentes, próximos aos campis que estudam.

Dessa forma, me vem o terceiro questionamento: Como operam as memórias dessas pessoas quanto às mudanças do tempo, aos novos vizinhos, moradores – aparentemente com outras práticas e formas de viver - das emoções, aos conflitos. Seria, então, um bairro diferente e diversificado do que vivenciaram na década de 80? Que sociabilidades temporais são produzidas para evidenciar a transformação do bairro? Que tipo de duração cidadina das sociabilidades estamos falando?

Com efeito, a produção destas cargas emocionais entendemos que fazem parte da categoria de sociabilidade, conforme Georg Simmel (2006) demonstra, emerge a partir da formação de uma complexa rede de interação entre indivíduos, impulsionada por diversas motivações como paixão e desejo constituintes das matérias e conteúdo da vida social. Portanto, na essência, a sociedade se decorre de um emaranhado de ações e reações, desenvolvidas no cotidiano das diversas formas e conteúdo das relações sociais.

Logo, a sociedade é estabelecida como o produto das manifestações de contato social, na medida em que “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17).

A constante troca de influências entre os indivíduos ocorre em virtude das experiências vividas no cotidiano e se manifesta por diversas razões e motivações. É o elemento fundamental que concebe a formação de uma sociedade. Segundo o pensamento de Simmel, “o mundo social pode ser considerado a partir de diversos ângulos e enfoques à medida que envolve um encadeamento de ações que se relacionam” (PERES, 2011, p. 97), em virtude das inúmeras formas e conteúdos que constituem os elementos da vida social.

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outras situações fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60).

Sendo assim, por meio dos inúmeros convívios produzidos no bairro abrem caminhos para pensarmos nas narrativas produtoras destas formas de vida no Porto, pelos seus múltiplos agentes empíricos, descobrindo caminhos, conhecendo um pouco da vida do bairro estabelecido em suas memórias, imaginários e jogos das sociabilidades que atravessam as mais diversas temporalidades. É o que veremos nesta segunda parte, seguindo o recorte etnográfico.

2 DA CIDADE PARA O BAIRRO: DESCOBRIR CAMINHOS DO PORTO

Estabelecida uma ideia que proponha pensar duplamente a cidade, de um lado por meio das sociedades e suas formas de viver *na* cidade, e de outro, como pensar uma configuração *da* cidade em seus ciclos, formas e formatos analíticos que a fazem um *locus* de reflexão idealizado com nossas práticas cotidianas.

A proposta deste capítulo é seguirmos navegando pelo bairro, a fim de descobrir caminhos inesperados, diante do ato de conhecer a cidadinidade em suas variáveis. O ponto de partida será apresentar o bairro por meio da inserção de elementos materiais e visuais, que nos dão pistas para caracterizar as formas de vida e a configuração da cidade em sociedades complexas.

Cabe destacar o marco temporal histórico que dá forma à região portuária. Segundo Essinger (2009) e Gutierrez (2004), respectivamente em suas pesquisas sobre a memória do bairro e a cidade de Pelotas, apontam que o lugar teve seu desenvolvimento no ano de 1832, com o loteamento existente por famílias charqueadistas¹³. Com o forte apoio da Câmara Vereadores, declarou a proibição de construções em uma faixa de 22 metros, às margens do São Gonçalo, mandando ainda que se construísse um trapiche onde pudessem atracar os barcos. Para Essinger (2009), dois anos mais tarde as margens do canal foram declaradas como logradouro público¹⁴. Desta forma, como o aumento crescente da rota portuária pelotense era entendido como o ponto principal de embarque e desembarque de mercadorias.

Com uma medida de aprimoramentos pela já instaurada Intendência Municipal, houve um entendimento da necessidade de povoamento do bairro, em virtude do crescimento da cidade. Portanto, em 1912, se constrói a Paróquia

¹³ Cabe dar destaque para a cadeia produtiva do paladar e do contexto temporal que, conseqüentemente, faz parte do desenvolvimento da cidade em seu início a partir da monocultura da pecuária da carne na produção do charque para o do arroz, substituindo a bovinocultura e da lã, formação da agropecuária. Em conjunto, há uma policultura colonial de produtos como o milho, vinho, a banha, erva-mate, o trigo, arroz, feijão, cana-de-açúcar e a cebola. Para mais informações sobre estes temas, ver Da Rocha e Becker (2000), Martinez (2000), Alonso (2003).

¹⁴ Conforme aponta Ester Gutierrez (2004, pp. 141-142), logradouro público “constituía espaço destinado ao bem comum e de reserva para expansão urbana. Serviria, também para o pasto de animais, coleta de madeiras e lenhas, para algum plantio e para novas divisões de terras, abertura de estradas, ruas e praças. A câmara deveria administrar, preservar e zelar para que o patrimônio público não sofresse invasões por parte de quem fosse”.

Santuário do Sagrado Coração de Jesus na rua Aquidaban, atual Coronel Alberto Rosa, esquina com Gomes Carneiro, existente até hoje. A partir desse planejamento urbano, é que, em 1920, há uma acentuada mudança do bairro em detrimento da volumosa inserção de indústrias, bem como da localização estratégica do Porto.

Constituindo um múltiplo cenário portuário da época, que perdura até os dias atuais, demarcando mobiliários urbanos, com extensos casarões e calçadas largas para passeios, assim como um amplo complexo de edificações fabris, além do extenso porto modificado ao longo dos anos. Após este primeiro período do século XX habitado em função da industrialização local, o bairro foi se constituindo enquanto polo agroindustrial, ao passo que também é marcado pelas construções dos casarões de uma parte da elite burguesa em Pelotas que se encontrava em ascensão na época.

Tendo o seu declínio até o final dos anos 1980, em detrimento de estratégias políticas nacionais do setor industriário, tendo como a principal medida, a partir da desoneração do investimento público de subsídio nas indústrias brasileiras, da isenção de tributos e incentivos fiscais. Em contramedida, já se desenvolvia a efetivação de uma transição do transporte das mercadorias, em virtude da eficiência, do tempo e do custo benefício. Da água (por meio dos navios cargueiros) para a terra (caminhões) do plano de desenvolvimento rodoviário por meio de obras faraônicas¹⁵ conforme Beal (2010), realizando obras de infraestrutura em torno do Brasil, como meio principal de entrega destes insumos. Esta política provocou o deslocamento das empresas agroindustriais para os centros urbanos, ocasionando um grande movimento de abandono de muitas atividades agroindustriais e do seu desuso principal, além de uma grande degradação visual exposta ao passar dos anos no bairro¹⁶.

Com algumas políticas de incentivo tímidas por parte do município, a região portuária ainda atrai algumas áreas do setor industrial, operando atualmente ainda

¹⁵ Termo referenciado ao período dito popular “milagre econômico promovido pelo governo militar, devido as amplas construções realizadas em torno do Brasil, mais especificamente na realização da Transamazônica, Hidrelétrica de Itaipú, Ferrovia de Aço, Embratel, entre outros. Neste período, foi aperfeiçoado o modelo desenvolvimentista iniciado por Juscelino Kubitschek.

¹⁶ Além do bairro do Porto, a decadência da indústria frutífera, compoteira e conserveira da cidade, como empresas da Vega e Oderich diminuíram muito a escala da produção, conforme pode ser visto um abandono dos galpões localizados à beira da BR 116.

nas áreas do setor eletroeletrônico como é caso da empresa Freedom, que atua na produção de cadeiras de rodas veículos elétricos.

Há também o retorno de ativação do Porto, com o escoamento de insumos 'naturais', como o eucalipto, por meio da empresa Sagres que atua em um amplo domínio de prestação de serviço desde a logística internacional de mercadorias, armazenamento de cargas e agenciamentos marítimos. Uma empresa estratégica para o impulso tanto para o setor econômico-portuário quanto para outros setores, como o artístico-cultural no patrocínio de atividades que veremos mais adiante. Vale frisar que também foram gerados muitos conflitos ambientais e sociais, entre comunidade e poder público.

Figura 1: Empresa Freedom



Fonte: Foto retirada da internet.

Figura 2: Faixada da Empresa Portuária Sagres



Fonte: Foto retirada da internet.

É possível observar no Porto como uma mudança temporal do bairro coloca em perspectiva de análise tecnologias, atividades práticas e saberes de um determinado tempo. Por exemplo, os conjuntos fabris-industriais que serviam como trabalho para milhares de pessoas, famílias e gerações de trabalhadores atuantes no ramo alimentício como os matadouros e frigoríficos, as cervejarias, as panificadoras, as doceiras em compotas de pêssigo, além das entre safras de arroz, milhos, grãos em geral.

Já no setor de rouparia, as indústrias laneiras e têxtis na produção de tecidos. E ainda no setor portuário, com os pescadores, enlatados pesqueiros e na força braçal dos estivadores¹⁷, a bordo dos navios cargueiros na organização e retirada das cargas.

¹⁷ O estivador é o técnico responsável pela colocação, retirada e/ou arrumação de cargas nos porões ou sobre o convés de embarcações principais e auxiliares, autopropulsadas ou não. Utiliza-se, para tanto, vários recursos técnicos disponíveis sendo habilitado para operar todos os equipamentos de movimentação de carga presentes na embarcação (guinchos, tratores, empilhadeiras, sistemas semiautomatizados e automatizados para movimentação de cargas). O estivador é imprescindível para execução do transporte marítimo, ficando encarregado da movimentação e sinalização para movimentação de cargas e equipamentos a bordo. Também executa ações de contingência em caso de acidentes, seja retirando a carga ou a pessoa ferida como também efetuar combate a incêndios e outras ações. Até a primeira metade do século XX, cabia aos estivadores a tarefa de embarcar a carga nos navios transportando parcelas dela nas costas, frequentemente embaladas em sacos de 60 quilos.

A fim de ambientar o bairro do Porto, também visualmente para os leitores, realizei nas incursões de caráter etnográfico, caminhadas e observações ao longo do trabalho de campo. Dentre elas, registros fotográficos que configuram o cenário fabril-industrial e portuário deixando marcas, materialidades e resquícios ou *rastros* (RICOUER,1983) de antigos itinerários urbanos no Porto, que nos mostram uma outra cidade marcada pelo tempo.

Figura 3: Sindicato dos Estivadores



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

Figura 4: Entrada central da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

Figura 5: Fachada central da Companhia e Fiação de Tecidos



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

Figura 6: Atracadouro Doquinhas, ou Quadrado, conhecido atualmente



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

Figura 7: Quadrado no final de semana



Fonte: Jornal Diário Popular.

Figura 8: Cervejaria Sul-Riograndense. Antiga fábrica da Brahma.



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

Para Salaberry (2012) e Silva (2010), além da importância do estudo das instalações fabris para a preservação dessa arquitetura, o tema do patrimônio industrial é fundamental por sua relação com o *trabalho*, pois, a partir de seu estudo, é possível estabelecer relações entre o tipo de industrialização de um período histórico e o modo de vida da classe trabalhadora correspondente.

Nessa relação do conjunto patrimonial industrial como já constatado, evidencia-se a afinidade dos grupos vividos desta temporalidade proporcionando uma abertura narrativa para uma composição de itinerários urbanos e formas de sociabilidade vividas neste período industrial do bairro agroindustrial fabril e portuário. Com a ampla composição de atividades no bairro, essa arqueologia industrial é trazida ao presente a partir do jogo da dialética da duração, entre os tempos narrados e tempos vividos.

A duração aqui nada mais é que o retorno da consciência sobre o que foi vivido e o que é representado atualmente. A partir do trabalho de campo imagético e visual na forma de uma 'reconstituição arqueológica' é que se percebe como essas narrativas demonstram um grande campo de disputa em torno desse território múltiplo produzindo diferentes escalas cidadinas no bairro: fabril, industrial, portuário e universitário.

Se com os moradores, transeuntes e frequentadores há um esforço destes jogos de 'memorização' e constatação dessa 'realidade' entre o passado e o presente, posso dizer que o esforço de constatação como pesquisador no campo também foi necessário. Por mais visível e material que possa ser a presença das temporalidades no bairro por vezes o foco no objeto de pesquisa acaba 'cegando' e blindando outras formas de percepções.

Esse 'retorno' para entender a temporalidade do bairro e perceber as diferentes escalas sobrepostas só foi possível a partir das narrativas presenciadas ao longo da pesquisa. E aí, como diria Geertz (1973), a "pesquisa etnográfica é essencial na busca da interpretação das culturas". Muitas delas, e aqui a principal, são apresentadas até mesmo na forma de contra narrativas sobre as atividades dos sujeitos e grupos no bairro. Evidenciando que o bairro é caracterizado como um espaço multifacetado e diversificado por grupos étnicos e sujeitos diversos, que habitaram e habitam até os dias de hoje.

Evidenciando mais ainda que a interpretação desta temporalidade de caráter antropológico tem de ser vista sob uma condição necessária de se apresentar múltiplas narrativas, histórias e trajetórias destas vidas sob diferentes enfoques nas áreas de pesquisa, sem contar na presença física tomando-os como protagonistas que provavelmente atravessam gerações no pluriverso território portuário.

Além dessa primeira observação em perceber diferentes escalas de tempo e da cidade de Pelotas, em especial a região do Porto, me vieram ao longo do tempo da pesquisa outros dois questionamentos: O primeiro inserido como ponto central do tema deste trabalho e um pouco mais atual com a minha realidade de vida e de tempo.

Há alguns trabalhos que podem remontar um imaginário social para a região do Porto de Pelotas como um bairro operário. É possível destacar, por exemplo, a formação do bairro da Várzea onde havia grande concentração de operários e fábricas. Uma delas sobre a qual nos debruçamos para entender é de Cintia Essinger (2009, p.45), em seu capítulo sobre a constituição do bairro da Várzea como centro industrial em razão da proximidade do porto e da estrada de ferro, assim como o regime dos ventos dominantes, nordeste e noroeste, que não levariam poluição em direção às zonas residências.

Desta forma, a cidade pode ser compreendida em camadas do tempo como vimos a partir da divisão social do trabalho, produzindo estéticas urbanas de moradia, passagem e sociabilidade em seu formato estrutural urbano.

A partir da proposta de Kevin Lynch (1999) em seu trabalho, *A Imagem da Cidade*, baseado em mapas constituídos por moradores de três cidades, quando definiu cinco elementos que correspondessem aos efeitos perceptivos gerados pelas formas físicas da cidade: limites, bairros, pontos nodais e marcos. Os bairros foram identificados como áreas relativamente grandes, que possuem características comuns como textura, tipos de construção, atividades, estado de conservação ou topografia.

Partindo de um ambiente, ou das ambiências quem fazem a cidade, para Ingold (2005) em seu artigo intitulado: *Jornada ao Longo de um caminho de vida – Mapas, Descobrir-Caminho e Navegação*, situa que o fazer cidade e descobrir-caminhos só pode ser possível se o for mapeado. Como propõe Ingold, além dos ‘mapas mentais’ para situar-se em determinados espaços, no caso do Porto é preciso conhecer o que, segundo o autor aponta, pode ser assemelhado ao mapear, diferente da elaboração do mapa.

Portanto, ao pensarmos em descobrir caminhos como uma proposta de análise para compreender a ‘cidade’ e, conseqüentemente, o lugar, Ingold afirma que é preciso haver a habilidade de uma pessoa em situar-se na sua posição atual dentro do contexto histórico de jornadas efetuadas anteriormente. Contextos que são habitados pelos protagonistas desta pesquisa que podem ser evocados enquanto atores, agentes e ambientes que fazem parte da cidade.

Cada um deles em diferentes momentos a partir de suas situações, ações e motivações. Neste sentido, a pesquisa só pode ser realizada por meio da descoberta destes caminhos a partir das experiências e histórias de destes personagens, pois são os próprios mapeadores de suas práticas cotidianas, cadenciadas por ritmos temporais ao longo da jornada do tempo de suas vidas, quando vão trilhando caminhos, retrçando seus passos ou os passos de seus ancestrais (INGOLD, 2005, p.101).

Com efeito, em diferentes momentos de sua existência, o bairro do Porto pode ser considerado em um espectro mais amplo ou partindo de uma cartografia oficial de sua espacialidade como bairro. Assim, argumentamos que a partir das histórias narradas e vivenciadas por seus protagonistas-moradores, podemos

considerá-lo como uma matriz de movimento ou matriz de região¹⁸ (INGOLD, 2015, p. 77).

Portanto, neste encadeamento proposto por Ingold, podemos pensar o bairro do Porto somente a partir de lugares ‘narrados ou gestificados’ - o que pode ser inclusive o próprio ‘gesto de narrar’ em sua ação de partir do deslocamento de um lugar para o outro em uma região.

Na medida em que tomamos como ponto de partida a busca de narrativas que trilhem caminhos não para uma espacialidade mapeada (mapa geográfico urbano do Porto), mas para um mapeamento regionalizado (mapa a partir de histórias de vida que conformam um olhar sobre a noção de cidade de determinadas pessoas e grupos – atores e agentes nas mais diversas ações e situações do Porto de Pelotas).

Neste sentido, há uma procura específica de forma a compreender que existem inúmeros Portos trilhados ao longo do tempo em diferentes formatos de interpretação. Não queremos, nem pretendemos ou muito menos ousamos tentar esgotar esta prática, mas sim procuramos uma interpretação sobre o que estas histórias, estórias e alegorias, nos dizem sobre possibilidades de vivenciar o Porto em seus múltiplos ambientes temporalizados.

Desta forma, propomos pensar a formação do bairro na condição dos atores que habitam a cidade, dentro de um contexto de complexidade da própria condição do bairro em sua diferença, seja dentro do interior do bairro, e por regiões que constituem o bairro, da qual configura a observação empreendida aqui por meio da narrativa de Jonas Santos, descobrindo caminhos com base na sua experiência, que retorna a ambientar uma Pelotas dos excluídos, das margens étnicas de seu povo, proveniente da diáspora negra, que a região situa e ambienta. Interpretada e rememorada pelo próprio Jonas, mas também agenciada nas narrativas pelos seus antepassados e familiares, na forma do agente empírico constituído como um herdeiro urbano destas memórias.

¹⁸ Segundo Ingold aponta: “os lugares não têm posições e sim histórias. Unidos pelos itinerários de seus habitantes, os lugares existem não no espaço, mas como nós, em uma matriz de movimento. Assim, compreende a região como o conhecimento, por meio da habilidade de uma pessoa situar-se na sua posição atual dentro do contexto histórico de jornadas efetuadas anteriormente – jornadas para lugares, de lugares, e em volta de lugares – que distinguem o nativo do forasteiro” (INGOLD, 2005, p. 77).

Tendo a ver especialmente com as formas de vida e seus estilos que acabam implicando em uma condição de visão de mundo dos habitantes que produzem lugares e espaços, desde esquinas, logradouros, até os arrabaldes habitados conformando diferentes territórios.

A partir destas percepções elencadas que podem categorizar tanto uma cidade 'física', atrelamos a esse condicionamento a experiência vivida de alguns atores dentre os milhares destes atores-moradores do bairro do Porto, que hoje são agentes na própria consolidação de sua noção sobre o bairro, bem como transpassam limites e fronteiras estabelecendo as mais diversas dinâmicas entre ser morador, operário, sobrevivente, portuário e universitário.

Dando ênfase a esta história de vida que corrobora com muita outras, em suas formas e estilos de vida, tratadas estas situações sob o modo ordinário do cotidiano, principalmente ao seu modo de fazer-cidade (AGIER, 2015). Atualmente, no sentido literal da palavra, contaremos alguns caminhos descobertos que têm a finalidade de compreender uma outra percepção sobre a cidade de Pelotas e bairro do Porto, isto é, alargando tramas e tecendo redes de convivência.

Assim, cabe darmos sentido ao que Agier alerta sobre o fazer-cidade, envolvendo a cidade situacional e relacional, conferindo a *cidade bis*: que é produzida pelo antropólogo. Essa cidade situacional e relacional é uma cidade bis: "produzida pelo antropólogo a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos cidadãos que ele próprio observa diretamente e em situação" (AGIER, 2011, p. 32).

Kruger (2012 apud AGIER, 2011) traz uma reflexão importante conferida como resultado dos procedimentos de coleta e arranjo dos dados urbanos, isto é, a cidade bis implica duas operações de deslocamento epistemológico: a primeira, inspirada por Geertz, vai do ponto de vista da cidade para os cidadãos, buscando dar visibilidade por meio da pesquisa direta "ao que não se vê, não se sabe, nem se imagina" (AGIER, 2011, p.19) ao acessar a experiência cotidiana – os lugares de vida e situações concretas "através dos olhos, da voz e das memórias dos agentes empíricos". A segunda operação é transferir a problemática do objeto para o sujeito: não buscar "o que é" a cidade, mas "o que faz" a cidade, vê-la como processo humano, vivo e complexo. Assim, partindo do universo petrificado da cidade, com seus edifícios, monumentos, vias expressas, Agier identifica as iniciativas sociais, as redes de relações sociais, os desvios de sentido e variadas apropriações do espaço,

as tomadas de palavra em momentos rituais, políticos e estéticos que caracterizam a cidade viva.

Neste primeiro momento, situaremos essa percepção a partir de Jonas Fernandes, ex-morador do Porto. Por meio da sua habilidade de conhecer a região e determinados lugares dentro do próprio do bairro, no qual descobre-caminhos com o seu viver portuário, partindo de suas redes sejam de sociabilidades, de convívio familiar e de parentesco, até momentos produzidos pelas situações ordinárias que se ampliam em sua percepção do bairro como um lugar de conflito pela busca de reconhecimento identitário e pertencimento que o bairro representa para um determinado grupo étnico.

2.1 Narrando o Porto: Jonas Santos

Nos estudos sobre a cidade ocidental moderna e seus processos de narração especificamente entre a ‘vida e morte’ do narrado, sobre as temporalidades da cidade, a partir do que os autores alemães Walter Benjamin (1978) e Theodore Adorno (1978) apontavam acerca de tal consequência em função do “desencantamento do mundo” com o ato de narrar relacionado com as experiências sensoriais e sensitivas das relações sociais, a partir de emoções e encantamentos, sendo provocadas pela mudança repentina dos eventos e acontecimentos do seu tempo, e pela própria era ‘moderna’ que estava se colocando em grande parte do ocidente europeu.

Nesse sentido, os autores apontavam a dissolução da arte de narrar, na sua forma subjetiva – e romancista – de enxergar o mundo e as coisas em volta por meio da busca pela “facticidade e coisificação” do mundo veiculadas por uma sociedade urbano-industrial provendo a tendência de petrificar as relações entre os homens, provocando na alienação, um comportamento estético da cultura contemporânea” (ROCHA; ECKERT, p. 43, 2005).

Assim, com uma sociedade tecnológica e instrumentalizada, aos olhos dos autores, teríamos uma perda de criação do ato de narrar – afastando-se do discurso vivo, da experiência de vida, orientando mais pela impessoalidade na produção de vazios sociais, seja em sua solidão ou desorientação como apontam (ROCHA; ECKERT, p. 43, 2005).

O que os autores não poderiam prever é que as próprias emoções ou vazios representados a partir da 'solidão' e da possível 'falta' de afetos do tempo vivido, foram incorporados na própria narração de sentir e enxergar a representação de si mesmo no Outro. Desta forma, em virtude da possibilidade das relações produzidas no campo das alteridades, se estabelece e produz uma dimensão narrativa. Entre o ato de 'narrar' dos personagens citadinos e o 'ouvir' do antropólogo, entendendo este encontro, como o "encontro etnográfico" (PEIRANO,1985), é que se abre a possibilidade de compreender que o ato de narrar não morreu.

[...] bem ao contrário, a cidade moderna revela a frágil condição humana ao apontar para a impossibilidade de os povos e as culturas perpetuarem-se no tempo e no espaço sem atribuir, ao ato de narrar, o nobre lugar de construção do conhecimento de si a partir do testemunho legado pelo Outro, pois a vida urbana situa todos nós nas experiências tecidas por memórias compartilhadas (ROCHA; ECKERT, p. 55, 2005).

Com o interesse das autoras citadas acima em estabelecer uma "compreensão da unidade orgânica incompreensível entre ordem e desordem para o caso do mundo urbano contemporâneo" (ROCHA; ECKERT, 2009), apontam que, neste caso, são as narrativas dos habitantes dos centros urbanos-industriais que podem revelar a interdependência entre as formas e as estruturas dos arranjos sociais, sendo fenômenos que integram os procedimentos de uma "etnografia da duração". Ou seja, implica considerar, em suas preocupações etnográficas, as preocupações ordinárias dos habitantes das grandes cidades [e das diferentes escalas de cidade] na ordem do vivido, para atingir a capacidade de "contar" suas histórias com a ajuda desse tempo (ROCHA; ECKERT, 2009, p. 116).

Dessa maneira, abordamos o fenômeno do ato de narrar e da narrativa como pertinente em sua duração, a partir de Jonas Fernando Martins Santos, compartilhando uma série de elementos que evocam o sensível da vida na cidade, quando Michel de Certeau (1992) insere "a fala dos passos perdidos". Por intermédio do jogo das memórias, produzido desde seu convívio familiar evocando sentimentos, afetos, valores, habilidades nas formas de viver no local, até a rememoração dessas histórias a partir de escolhas seletivas que simbolizam e representam o ato de sua configuração dos quais o definem enquanto indivíduo e morador do bairro que lhe estabelecem um pertencimento identitário.

Cabe ainda esclarecer a ferramenta teórica produtora da narração em sua duração, partindo da proposta etnográfica que versa sobre a duração da memória e da vida nas sociedades urbanos-industriais, elaborada por Rocha e Eckert (2009) quando explicam que, a partir dos dados recolhidos nos registros das trajetórias sociais, itinerários urbanos e narrativas biográficas, tomam forma e informam. Com a ajuda teórica e filosófica, entre o tempo e narrativa, elemento de análise fornecido por Paul Ricouer (1994) do qual procurava captar o campo da narrativa a fim de análise com a mediação na trilogia de uma interpretação entre tempo e narrativa na chamada “tríplice mimese¹⁹” segundo Ricouer. Assim, dar conta desta tríplice mimese para as autoras seria:

[..] (1), isto é, da pré-figuração, referida à experiência temporal imediata vivida pelos indivíduos (sujeitos da pesquisa), e que precede o relato etnográfico; a mimese (2), da configuração, situada na experiência temporal da tessitura da narrativa etnográfica propriamente dita, e a mimese (3), da reconfiguração, isto é, da experiência temporal que sucede a obra etnográfica, e sob a qual nem o etnógrafo, nem os sujeitos de sua pesquisa podem responder por ela integralmente (ROCHA; ECKERT, 2009, p. 116).

Desta forma, sugerimos aos leitores atenção aos próximos relatos de caráter etnográfico, que conformam a observação, constituindo-se para análise da tríplice mimese, que caracteriza o próximo capítulo. De forma a sistematizar as narrativas e apresentar o contexto vivido pelo interlocutor, o que representa, como configura e como molda a memória do tempo vivido no passado, para o tempo vivido no presente. Em especial, do interlocutor Jonas Fernando Martins dos Santos, por meio do seu desenvolvimento narrativo, a partir do qual é conferido o ato de habitar a cidade por meio de suas práticas. Com efeito, acabou produzindo também em sua narração uma temporalidade coletiva de vidas que habitaram o bairro.

2.2 A maneira com o cara enxerga as coisas

Jonas Fernando Martins dos Santos. Nascido no início da década de 1970, em Pelotas, vem com seus pais, Rubens Gilberto Cardozo Santos e Adélia Martins

¹⁹ Mimese, mímesis ou mimésis, é um termo crítico e filosófico que abarca uma variedade de significados, incluindo a imitação, representação, mímica, imitatio, a receptividade, o ato de se assemelhar, o ato de expressão e a apresentação do eu.

Santos, advindos de Canguçu e Pelotas, que acabam se instalando na região do bairro do Porto para viver e trabalhar por volta dos anos 1950.

Na sua infância, tem o início do 'marco' portuário' no bairro, que começa a partir do seu habitar e de sentido, quando foi morador da comunidade do Rosário²⁰, bem como a partir do Colégio Espírita de Ação Assistencial Dona Conceição, que fomentava determinadas atividades recreativas e escolares na região.

²⁰ Historicamente, a criação por volta da década de 1880, momento que se constituiu também no início da campanha abolicionista na cidade. Havia, ainda, a Irmandade da Santíssima Virgem do Rosário, entidade católica criada anteriormente. Para mais informações, ver Beatriz Loner e Lorena Gil (2009).

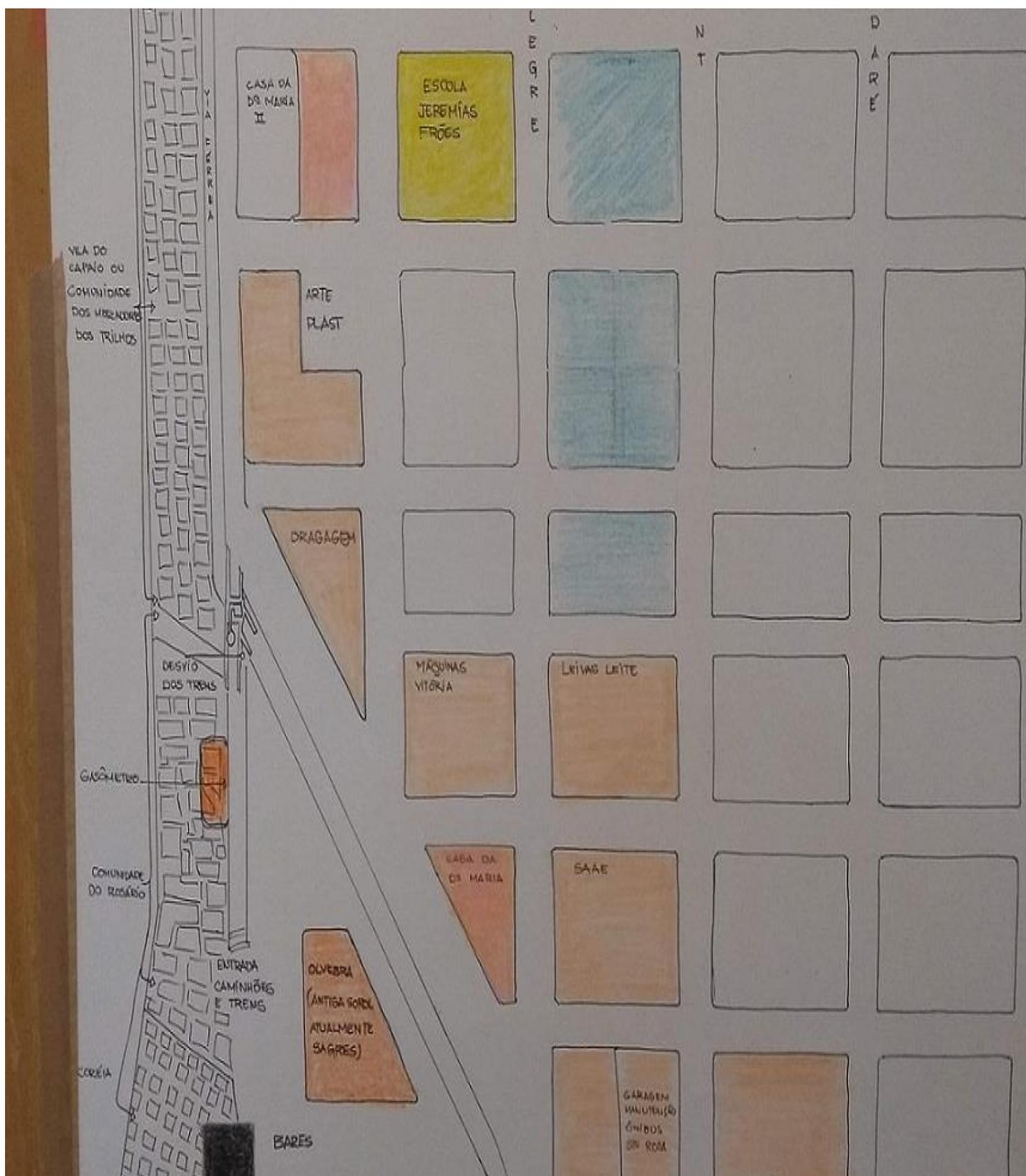
Figura 9: Sociedade Espírita Dona Conceição, ainda funcionando como escola.



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

Além de morador da Coreia e do Gasômetro. A Coreia hoje em dia não existe mais fisicamente, por conta dos deslocamentos produzidos pelos moradores do lugar, além da instalação de novos anexos industriais que foram construídos na vegetação formada, conforme mostraremos abaixo na imagem. No entanto, segundo Jonas, é possível detectar o espaço a partir dos rastros deixados pelas trilhos que demarcam o lugar. E a partir do seu descobrir-caminhos acaba produzindo determinadas habilidades de transitar e habitar pela região, onde nos coloca de forma lúdica, através da elaboração de seus mapas para lembrar esta própria temporalidade. Além desta estratégia narrativa e nativa, utilizamos no texto abaixo para situar os leitores deste contexto produzido num determinado espaço de tempo. Os mapas contem nome das ruas, legendas dos equipamentos que faziam parte do bairro.

Figura 10: Mapa da região portuária rememorada por Jonas



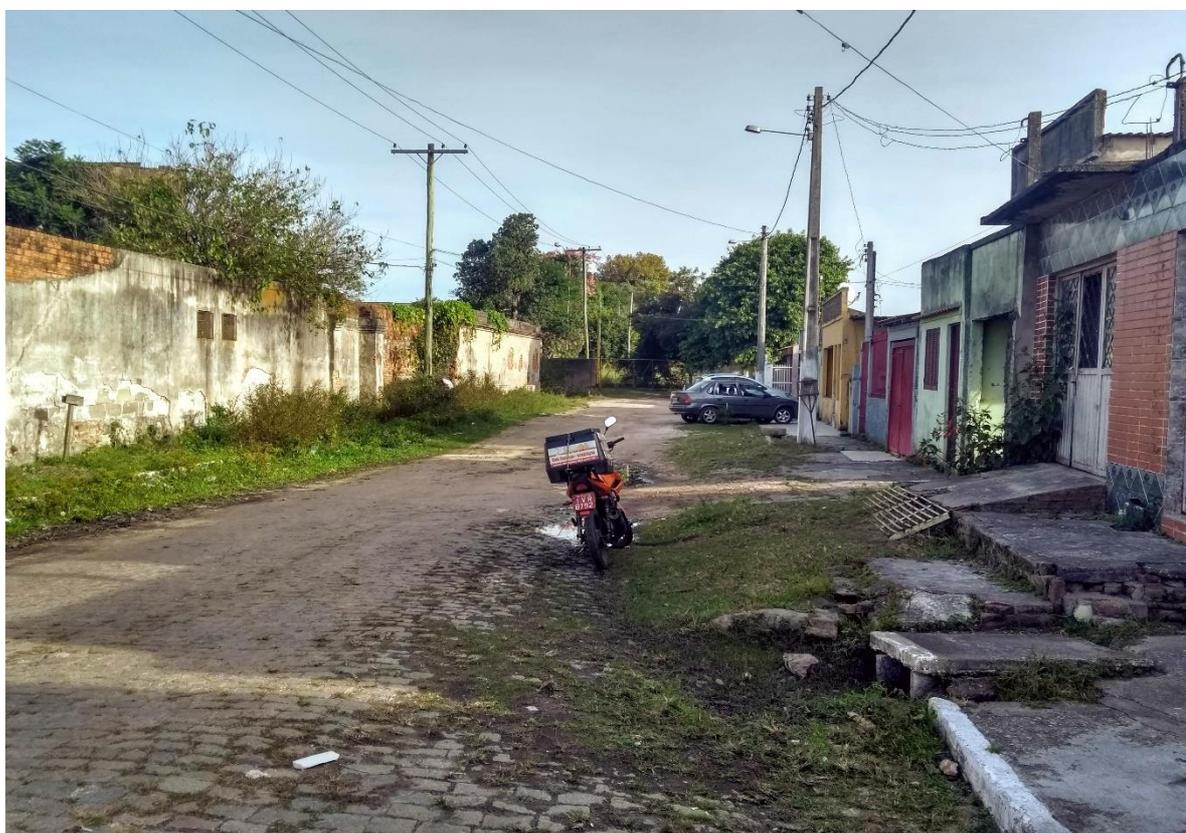
Fonte: Elaborado por Jonas Santos (2019).

Figura 11: Desenho da Vila da Coreia



Fonte: Elaborado por Jonas Santos (2019).

Figura 12: Lateral da Vila da Coreia, logo ao fundo está fechado por uma cerca.



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

Situado ao fundo da Rua Santa Cruz (ou na frente, se partimos que a formação da cidade inicia-se aqui), atrás da mureta lá no fundo da imagem cercada pela alta vegetação, situava-se a vila da Coreia e, mais atrás ainda, quase não podendo ser visualizada na imagem, há a Usina do Gasômetro. Além destes rastros, foi possível encontrar vizinhos próximos daquela época, como a Dona Oraina e seu filho Rudi, endossando a narrativa de Jonas, por meio de um consenso memorial, com base em suas conversas identificando certas características que conformavam o lugar e o bairro na determinada temporalidade narrada. Ambos, faziam parte da rede de relações da família de Jonas na Coreia. Dona Oraina mora há aproximadamente 50 anos na mesma residência, (somente foi modificada a estrutura da casade chalé de madeira para o cimento) hoje com 79 anos.

Em uma das conversas com Jonas, quando presenciei o compartilhamento da memória coletiva a partir de alguns eventos do bairro, Dona Oraina lembrou da intensidade com que o trem passava ao lado de sua casa, trazendo inúmeros relatos da entrada no bairro por meio de cargas de insumos primários como cimento, areia, além de produtos alimentícios como o pescado, arroz e farinhas embarcados de Pelotas até Rio Grande, entre idas e vindas pela Ponte do Ramal. Os eventos que faziam parte do cotidiano destes moradores demonstravam a imagem provedora do cenário daquele tempo, com base nos quais lembravam também a grande quantidade de fábricas e indústrias situadas no bairro, ocasionando a geração de uma enorme empregabilidade para os moradores mais necessitados da região portuária.

Figura 13: Dona Oraida, Jonas e Seu Rudi



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

Um elemento interessante que pode esclarecer o reconhecimento do bairro como um lugar com o histórico marginalizado tem a ver com a sua localização cidadina. Ao perguntar para Dona Oraina se notava alguma modificação em relação ao lugar que morava, sem que fossem as relatadas sobre o trem e fábricas, ela apontou uma mudança significativa em relação a localização geográfica da cidade, situando que o bairro agora faz parte, administrativamente, do Centro e não do Porto. Relata: “Aqui na conta de luz parece Centro, e não Porto, então moramos no Centro, né? É bem próximo” Jonas, por sua vez, me relata que a estigmatização histórica do bairro revela uma certa pejoratividade e receio ao nome Coreia e demais vilas, por ter sido um lugar de muita pobreza e miséria.

Outro ponto que conformava o espaço estigmatizado por atividades que conotavam, e conotam até os dias de hoje, a marginalização era a proximidade com o prostíbulo, chamado de *Maria das Tetas*. A cabo de explicação, julgo o nome peculiar ser autoexplicativo, conforme também Jonas relatou. Este prostíbulo funcionava na Rua Santa Cruz, que ficava nas mediações da Coreia, assim como

havia outro próximo da Rua João Manoel. Em um entendimento mais amplo, o relato importante do prostíbulo pode ser entendido tanto como uma atividade fonte de renda para as mulheres na informalidade, quanto um ponto de encontro para atividades sexuais. Jonas rememora, de sua infância, o grande movimento e fluxo de trabalhadores nesta região que, como mencionado, era próximo da Coreia. Complementa: “Essa rua aqui, tu via os caras tudo sentados nos meios fios da calçada. Era lotado, meio dia, então”. Nesta passagem pelos prostíbulos que conformavam o bairro, podemos encontrar as casas até hoje, como veremos abaixo na imagem.

Figura 14: Prostíbulo Maria das Tetas



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

As duas últimas referências são importantes para situar a narrativa de Jonas e o contexto que busca rememorar. Outro fator relevante que remete a esse contexto pode ser visto nas caminhadas com Jonas, ao apresentar uma região formada por uma grande presença de Quilombos urbanos. Conforme já relatado, a

região portuária serviu também como fornecedora de gás²¹ a partir do Gasômetro nos meados de 1910, por meio do encanamento para o centro da cidade no início do século XX. Além disso, por volta dos anos 1940, existiam os cabungos²², serviço realizado ainda no bairro a partir da coleta de dejetos humanos, como fezes, de casas que não possuíam encanamento. Serviços estes realizados pelos cabungueiros, quase sempre negros. Tratava-se de uma possibilidade encontrada a partir dos subempregos existentes no período pós-charqueadista e escravocrata da cidade. Após a coleta, os dejetos eram ‘escoados’ no canal São Gonçalo.

Entre este grande cenário não oficial que reserva o bairro do Porto, é possível evidenciar, se estivermos atentos, os vestígios da enorme herança destes Quilombos, concentrados na região portuária. Em uma de nossas caminhadas pela região, na vila da Dragagem da Várzea²³, nas proximidades da Coreia Jonas, ao ir relatando os lugares que foram marcantes em sua vida portuária, também fez questão de trazer demais agentes empíricos que fizeram parte desta passagem coletiva do bairro, bem como me levou para encontrar alguns antigos moradores. Um deles se chama Mário, mais conhecido como Marinho D’ Xango, pertencente e fundador da Casa Religiosa Agjandú Luá, da Nação Cabinda, em atividade na região do Porto, desde 1975.

²¹ A respeito deste assunto, para mais detalhes, ver Axt (2012).

²² O cabungo ou cubo era um pequeno barril cônico de madeira de aproximadamente cinquenta centímetros de altura, com a boca de mais ou menos vinte e cinco centímetros, chegando a sua base com trinta e cinco centímetros, que semanalmente era substituído pelo Asseio Público (atualmente conhecido como a prestação de serviços como limpeza urbana), que os levava em carroças puxadas por cavalos percherons, melhor alimentados que os pobres e desgraçados homens que tal serviço faziam. Fontes narradas pelo livro de um dos ex-moradores do bairro do Porto, Luiz Guterrez, vindo da cidade de Capão do Leão, finais da década de 1950. Para mais detalhes sobre trabalhos específicos, ver Simões (2017) e da Rosa Machado (2010).

²³ Outros nomes nativos que conformam toda a margem portuária em relação a Várzea, além dos que estamos trabalhando podem ser encontrados como Vila do Capaia, Vila da Caatinga e Vila da Casquinha.

Figura 15: Encontro entre Jonas e Pai Marinho



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

Em sua conversa sobre o bairro a respeito das vizinhanças, redes familiares e eventos que aconteciam no bairro, um relato interessante foi que, ao lado da Casa Religiosa, passava o trem fazendo estremecer as moradias de toda a vizinhança, além de danificá-las, criando raxaduras.

Entendemos como uma pista a presença de muitas Casas de Religião de Matriz Afro-brasileira e seus Templos espalhados ao longo do bairro pelas ruas Bento Martins, Uruguai, Dona Mariana, além da extensão da Dom Pedro II que desemboca no bairro Navegantes, bem como espalhados pela região central como a Santa Cruz, Major Cícero, Cassiano e Barão de Santa Tecla. Pelotas, se bem observada, é um cenário de muita produção literária local com o registro de muita produção sobre a cultura negra.

Dando respaldo para este cenário narrado pelo agente empírico e ex-morador do bairro, Jonas, em produção desta narrativa, apontamos também para a observação do pesquisador sobre as Casas de Religião Africana, que antecedem muito antes as observações sobre o período imperial no século XIX, a partir das charqueadas e da construção do baronato pelotense. Assim, Adão Monquelat (2012) por meio da *Pelotas dos Excluídos* revela, entre dados históricos e romances, textos que ressaltam o período da escravidão na cidade, além de todo um cotidiano negro,

tendo o bairro como aporte principal para estas produções que se atualizam no tempo desta pesquisa.

A Coreia concentrava-se nos pontos finais das ruas atuais, Santa Cruz e Gonçalves Chaves, desembocando até a ponte do Ramal. A explicação para o apelido Coreia, se dava por conta da grande concentração de famílias em condições precárias que se instalavam no lugar - por isso a derivação do nome faz referência a uma relação da situação em que se encontrava o país – Coreia²⁴, em meados dos anos de 1950 a 1970.

O nome Coreia, segundo relata Jonas, era sobretudo um termo pejorativo em razão da grande quantidade de moradores negros instalados em arrabaldes (hoje o termo mais atual seria, vila e periferia) na formação do lugar, assim como da criação e expansão do bairro para outras regiões da cidade, especificamente o centro e demais bairros periféricos próximos a região do bairro. Inseridos neste espaço urbano, eram vistos como não “pertencentes a condição de obter um status de cidadania na época, não participando da vida ativa da cidade”.

Ao relatar a estrutura e sistemas de moradia que eram produzidos em sua época, Jonas conta: “morávamos numa casinha na Coreia e no Gasômetro, que é um ‘2 por 2’²⁵ (2m/2), um ‘3 por 3’ (m/2), que tu sabe, que tem gente que mora com a família de 5, 6 e até 10 famílias. Além das condições precárias de sobrevivência, enfatiza: “era uma região muita densa, o povoamento na Coreia, por isso também o nome”.

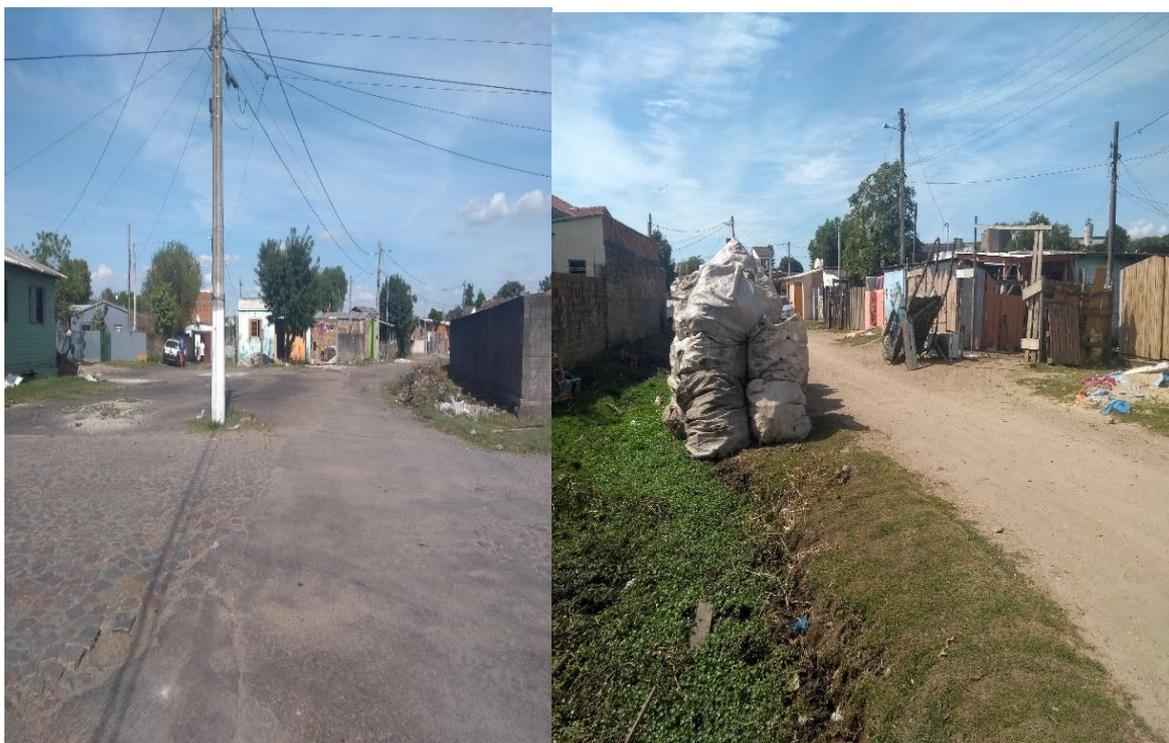
A partir das caminhadas realizadas com Jonas, foi possível constatar a continuação temporal dos cinturões de miséria (periferias), habitada entre o arrabalde com o chão batido de terra, por meio da manutenção e preservação pelos próprios moradores, além da vegetação natural do local que ambienta o cenário permeado de barracos, chalés produzidos com o próprio material disponível do cenário, além de algumas casas mais padronizadas com cimento. A criação de animais como galinhas e cavalos também pode ser notada em função do amplo espaço natural que o local possui. Tais elementos configuram uma parte da paisagem e do cenário do bairro, situa Jonas em sua lembrança constante sobre

²⁴ Após o final da Segunda Guerra Mundial, e após a divisão das Coreias na Guerra entre as Coreias, de 1950 a 1953.

²⁵ m/2, seria o metro quadrado, e linear, pertencente ao sistema unitário de medida de construção das casas. 2x2 equivale a 2 metros de altura por 2 metros de largura.

os traços das casas e objetos que faziam parte do ambiente do lugar, configurando suas referências sobre o modo de enxergar a Coreia. Segundo Jonas, a Vila da Dragagem da Várzea relembra a temporalidade da Coreia, como pode ser visto nas imagens que seguem o texto.

Figura 16: Na primeira figura à esquerda, situa-se a entrada da Coreia ao lado esquerdo, pelo beco e à direita. Figura 15: Já na segunda imagem pode ser identificado como a parte de dentro da Vila da Várzea onde ficavam as dragagens.



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

Figura 17: Jovem chegando do escola.



Figura 18: Casa na Dragagem da Várzea.



Fonte: Fotos tiradas pelo autor (2019).

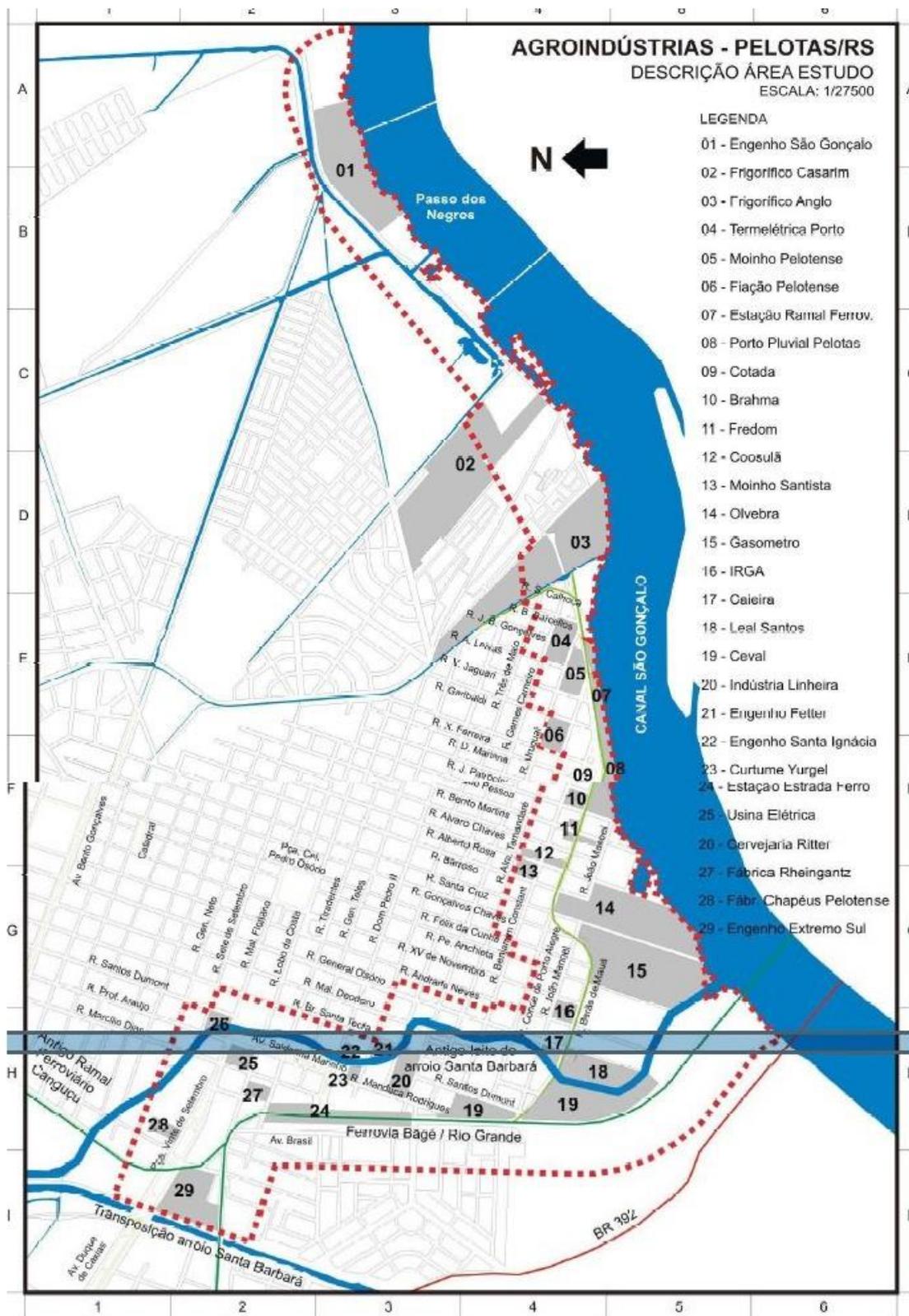
Essa região portuária pode ser constituída também como um bairro operário, a partir da intensa e ampla instalação de fábricas agroindustriais visando o rápido escoamento por meio dos atracadouros situados na região, de acordo com o que é evidenciado no capítulo 2, sobre o desenvolvimento do bairro e da cidade. Entre algumas das empresas, Jonas vai situando o bairro que descrevemos acima: Empresa de Óleo de Soja Olivebra/Indústria e Comércio, Empresa de Óleo de Soja Kasper/Indústria e Comércio, Empresa de Reciclagem de Plásticos Arteplast, Empresa de Drenagem de Canais Diques - Dragagem, Frigorífico Anglo, Empresa de Grãos Cosulagri, Indústria de Tecelagem Fiação e Tecido, Empresa de Produção Agrícola Sudeste, Agrotóxicos Sintesul, Depósito de Grãos Irga, Classificação de Lãs Cosulã, Distribuidora de Laticínios Cosulati, Empresa Pesqueira Leal Santos²⁶.

²⁶ O fato de ser um bairro portuário, permeado pelo Rio São Gonçalo, traz essa proximidade com a atividade pesqueira, como pode observar no dia 22 de março de 2019 e demais semanas que prosseguem a atividade. Há a volta do “Caminhão do Camarão”, um furgão que comercializa camarão e derivados, bem como vai se locomovendo pelo bairro com um megafone anunciando suas ofertas. Mas o que podemos remeter a duração desta atividade e da prática do bairro, é o enunciado

O mapa abaixo, elaborado por Salaberry (2012) sobre as atividades do bairro em seu período agroindustrial, nos orienta para uma visualização, além de refletir a noção do contexto ambientado por Jonas.

dos vendedores que circulam e ecoam pelo bairro: “Olha quem voltou, depois de muito tempo, ele voltou...”.

Figura 19: Área agroindustrial na região do Porto



Fonte: Salaberry (2012).

Já no destaque em relação ao trabalho especificamente portuário, Jonas recorda que há, pelo menos, cinco empresas terceirizadas que trabalhavam no embarque/desembarque como a Rede ferroviária Federal Sociedade Anônima – RFFSA, no transporte de grãos, carvão e combustível, Laboratório Leivas Leite²⁷, Almojarifados da Prefeitura (hoje o Serviço Autônomo de Abastecimento de Água de Pelotas), Silos de armazenamento Taurus, Máquinas Vitória e Sementes Plantar.

Esse relato das fábricas e indústrias no Porto é importante, pois evidencia como a constituição deste bairro operário e fabril aparece em sua história e biografia de morador, principalmente quanto à formação do bairro que entrecruza suas narrativas entre a fábrica, cidade e a sobrevivência. Essa relação da memória relatada se constitui a partir de seus pais sendo trabalhadores de uma região fabril agroindustrial e, sobretudo, região portuária, mas que, ao mesmo tempo, se abre em direção a outros bairros da cidade.

O meu pai trabalhou no Porto, na descarga dos navios, por pelo menos 10 anos. Nesse período, ele fazia outros trabalhos como mestre de Obras. A minha mãe trabalhou na Leal Santos, uma empresa pesqueira que embalava o pescado aqui em Pelotas, colocava nas latas. E a minha mãe trabalhou na indústria doceira, na Pomerania, na Vega e outras empresas doceiras aqui da cidade. Assim, meu pai trabalhou no porto, na Cibrazem, e o trabalho na Cibrazem acabou custando a vida dele. Porque era um trabalho muito insalubre em contato com o veneno, ele acabou sofrendo sequelas graves disso e vindo a falecer muito cedo por conta do trabalho com o veneno (JONAS SANTOS, 2018).

A região Portuária a respeito da qual procuramos evidenciar na primeira etapa da pesquisa é um Porto que é falado e tensionado por um ex-morador negro e vindo da periferia. As práticas e atividades relacionadas ao trabalho são sempre muito penosas, como mencionado pelo próprio Jonas, quando relatou as dificuldades de se trabalhar naquele tempo com o que ‘tivesse de fazer para sobreviver’, - em uma

²⁷ Segundo Jonas relata, um marco tecnológico que constitui a formação arquitetônica do bairro na época é a inserção da técnica do cimento penteado. Como exemplo, apontamos uma destas características empregadas ao Laboratório Leiva Leites ainda em atividade na região. O cimento penteado é de uma época de transição entre o reboco a base de cal - utilizado na construção dos casarões neoclássicos - e o reboco a base de cimento. Esse é um dos motivos pelos quais você não vai vê-lo na fachada dos suntuosos casarões da volta da Praça Coronel Pedro Osório. O cimento penteado pode ser observado na Catedral São Francisco de Paula, no Colégio São José, no Castelo Simões Lopes, e no Teatro Guarany. Além destas grandes estruturas, o cimento penteado está presente em casas mais simples, porém não menos importantes na composição da paisagem urbana. O cimento penteado é uma técnica de construção, relativamente recente, utilizada na primeira metade do século 20. Cabe destacar também, o alto nível de elementos químicos concentrado em sua produção, manual, do qual ocasionou muitas doenças pulmonares e respiratórias em muitos trabalhadores, sendo o pai de Jonas um deles. Para mais detalhes, ver Salaberry (2011).

das etapas miméticas -, principalmente em um dos exemplos marcantes de sua vida que é a do óbito de seu pai, por conta das más condições de trabalho e a precarização do trabalhador.

Quando perguntei como ele costuma definir a sua relação com o Porto em seu tempo de morador, ele responde da seguinte maneira na constituição de seu fazer-cidade a partir de suas experiências e vivências:

Eu parto da questão de sobrevivência enquanto sociedade negra. Mas de uma forma que a gente viva bem. Não de um certo saudosismo, de um cartão postal. Cara, nós precisamos sobreviver, então te falo, quando tem um número daquela grande quantidade de empresas, fábricas e indústrias lá no Porto... Assim, a sudeste é onde é o campo do Casarin, do 'Tche Louco'. Mas do Anglo 'pra lá', as empresas eram todas ali perto dos trilhos, a Olvebra, A Kasper, as empresas são todas ali, os prédios onde tá o Centro de Artes, a faculdade, era a Cosulã que geravam 500 e poucos empregos diretos e indiretos, fiação e tecidos, empregavam muitas pessoas, isso tudo, fora das empresas conserveiras, eram mais de 10 empresas em Pelotas (JONAS SANTOS, 2018).

Incluindo a questão do gênero, principalmente no trabalho feminino, ao fazer referência acerca de sua mãe, suas tias e suas conhecidas mais próximas, completa Jonas: "As mulheres das periferias trabalhavam safra e entressafra, terminavam o contrato já renovavam o contrato. Trabalhavam de dia e de noite. Então, são essas coisas que não se têm mais ali, na cidade [Reclamando com certa preocupação]". Portanto, a constituição da 'cidade' e da região do bairro do Porto de que Jonas rememora em sua fala é a reposita a partir da dinamização agroindustrial e fabril que surge na conformação do bairro.

Outro espaço que surge em suas memórias também visto como fator determinante para uma fabricação do bairro da cultura negra, tem a ver com a constituição dos Clubes Sociais Negros como espaços de sociabilidade. A respeito de tal parte, cabe destacar a ampla pesquisa de Giane Escobar (2010) sobre o processo de patrimonialização de Clubes Sociais Negros no Brasil, quando resgata a história destes clubes como espaços de sociabilidade, afirmando que, embora aparentemente não existisse compromisso político em seus nomes festivos, as suas ações reforçavam a necessidade de um espaço de autoafirmação das identidades negras pelotenses e formação política por meio de uma mídia essencialmente negra (ESCOBAR, 2010, p. 68-69).

Na prática, essa sociabilidade produzida em medida era politizada e organizada estrategicamente, como aponta Escobar (2010, p. 58), na construção de

autosustentabilidade, ajuda mútua, defesa de direitos e diretrizes rígidas comportamentais.

Na sua origem, os Clubes Sociais Negros faziam aquilo que o Estado brasileiro deixava de fazer. Sendo assim, cumpriam o papel, que hoje, por exemplo, cabe à Previdência Social, que é levar renda quando os trabalhadores estiverem incapazes para o trabalho pela velhice, pela doença, e, em caso de morte, assistir os dependentes. O Sistema previdenciário teve seu marco jurídico a partir de 24 de janeiro de 1923 e o objetivo inicial era o de apoiar a categoria de ferroviários durante o período de inatividade. O crescimento da população urbana e a organização dos trabalhadores levaram a uma tendência de organização previdenciária por categoria profissional. Então surgiram os Instituto de Aposentadoria e Pensões (IAPs) com o fortalecimento das instituições previdenciárias que foram assumidas pelo Estado. (ESCOBAR, 2010, p.60)

Por meio de tais práticas associativas, estes grupos formaram estratégias para sobreviver e, ao mesmo tempo, um mecanismo que serviu de inserção na sociedade branca e avessa. O que pode ser entendida também, como uma busca coletiva de um direito à cidade, desde o período pós-abolição, ativamente até os dias de hoje, na busca de justiça social para as amarras raciais que dominam e predominam as operações humanas da vida social.

Assim, acreditamos que, conforme o relato deste subcapítulo e do próximo, são traços que nos credenciam a continuar mantendo contato com a proposta de Velho, que se dá entre a formação da estrutura dominante organizada em formatos e classes sociais, e a heterogeneidade dos agentes empíricos na produção das diferentes formas de vida.

2.3 As sociabilidades

Por se tratar de um bairro agroindustrial, pegamos carona com as autoras que auxiliam a episteme deste trabalho (BELMONTE, apud ROCHA e ECKERT, 1986): “sabe-se que no ocidente moderno, urbano e industrial, a arte de ouvir e escutar era a mola propulsora que fundava os laços de sociabilidade pública nos arrabaldes, arraiais e vilarejos, transformou-se progressivamente nos formatos de narrar a cidade.

Logo, em um de nossos encontros realizados no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, na companhia do colega do mestrado André

Gomes de Almeida, tendo a sua temática sobre etnomusicologia em Pelotas a partir do Samba e da relação de parentesco com seu avô, *Zé da Cuíca*, um dos grandes sambistas da cidade de Pelotas. Jonas, ao ser perguntando por André sobre questões de sociabilidade musical, para além dos Clubes Negros e especialmente para os Clubes Carnavalescos Negros, afirmou que nessa região do Porto eram intensas.

Segundo Jonas, as suas práticas de convivência eram estabelecidas inicialmente na esfera individual, no familiar - a casa, a vizinhança - até a inserção coletiva, de sua juventude nos clubes sociais negros como o *Chove e Não Molha*, mais conhecido como “Chuva” e o *Fica ahí P’ra Ir Dizendo* ou ‘Ficahí. Ambos fundados no início de 1920, em funcionamento até os dias de hoje. Fazem parte de uma grande constituição social negra na presença deste território constituído como espaços recreativos (GIL; LONER, 2009) que se desenvolve a partir das suas relações com blocos carnavalescos e a música, em especial, o samba, na criação de agremiações de escolas de samba.

Figura 20: Clube Cultural Chove Não Molha



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

No surgimento e fundação dos times de futebol do bairro, indo até os bailes escolares, o chamado *ginásio*²⁸ com o surgimento de estilos musicais da cultura negra, ou a música *Black*²⁹, como o próprio Jonas denomina em um determinado momento de sua adolescência. Assim, a trajetória rememorada como pertencimento e identidade era reforçada nesse período de sua vida.

No âmbito do futebol, na sua adolescência percorria toda a região portuária disputando os campeonatos de várzea promovidos pelas diversas entidades fabris e agremiações fundadas pelos operários. Algumas delas, como o São Gonçalo ou atualmente conhecido como Osório Futebol Clube (Osório F.C), no Passo dos Negros, criadas a partir da relação dos trabalhadores e moradores com o local de trabalho – Engenho São Gonçalo. Existia também o Esporte Clube Fiação e Tecidos, fundado em 1954 pelos operários da Companhia de Fiação e Tecidos. Jonas jogou tanto pelo Osório quanto pelo Nacional Futebol Clube, fundado em 1956. Ambos ainda em funcionamento.

Figura 21: Sedes, Osório Futebol Clube e Nacional Futebol Clube.



Fonte: Fotos tiradas pelo autor (2018).

²⁸ O termo ginásio refere-se à escola, especificamente ao ensino secundário ou Ensino Médio, como é conhecido atualmente.

²⁹ Ou conhecida como Black Music. É um termo que abrange música produzida ou inspirada por pessoas negras, incluindo tradições africanas musicais como a música popular africana, bem como os gêneros musicais da diáspora africana, incluindo música afro-caribenha e música afro-americana.

Além destes citados, Jonas jogou em alguns outros clubes³⁰ como a Associação Atlética Ponte Preta, Sport Club Ouro Preto, Roma Futebol Clube, São Jorge Futebol Clube e Vasco da Gama, do bairro Navegantes; e Esporte Clube Nossa Senhora de Fátima, atualmente bairro Fátima. Ambos, bairros oriundos da região do Porto. Na Coreia, relata Jonas, foram fundadas as equipes Santa Cruze o Tiradentes mais para o lado da várzea, além do Bota N'Água, na metade dos anos 90. Os campos de futebol onde se realizavam as partidas ficavam no Castelo do Major³¹, tendo os jogos oficiais, atualmente, nas mediações iniciais da Rua XV de Novembro.

Já no espectro da sociabilidade familiar, sua relação começa dentro de sua casa, na esfera privada, inserido na Coreia, pois relatou que sua Vó, Maria de Lurdes, cantava na Rádio Pelotense. A propósito, a Rádio em atividade mais antiga do Brasil. Tal passagem, por sinal, situa o contexto urbano-industrial e cultural a partir do consumo e fruição dos aparelhos tecnológicos da época, por meio dos programas radiofônicos e, mais tardiamente, a inserção da televisão colorida nos anos 70 no Brasil. Jonas releva que foram criadas algumas medidas estratégicas para fazer parte desse grupo.

Assim, noções de solidariedade e sociabilidade eram produzidas internamente no âmbito do lazer familiar, inseridas de forma caseira e também a partir do compartilhamento da casa, no compartilhamento da sala com os demais moradores do *beco*, como também era chamado. Em sua infância, habitante da Coreia, relata que havia em torno de aproximadamente quinze a vinte famílias.

Com isso, mostra-se o partilhamento de uma sociabilidade comunitária que marcou a passagem de uma temporalidade na vida de Jonas dentro do espectro

³⁰ Como se pode perceber, há uma reprodução do nome dos times oficiais fundados nos bairros de Pelotas. Segundo uma visitação realizada na sede do Clube Osório, no Passo dos Negros, da qual seu presidente e membro fundador, seu Aniba, relata que a menção a estes times era exclusivamente em virtude de seu prestígio nacional na época, sendo assim, uma forma de homenagear estes clubes. Times estes, fundados sob o espectro português. Como o próprio Osório, apadrinhado pelo Vasco da Gama. Além das cores do Nacional, 'tricolor' marcado pela coloração do time do Fluminense, ambos cariocas e fundados numa temporalidade marcada pela formação da república no Rio de Janeiro.

³¹ Segundo Osório Magalhes (2007), a resposta leva à excentricidade de um militar e fazendeiro gaúcho com pendores sociais e artísticos. O terreno pertenceu ao major de exército Antônio Duarte da Costa Vidal, que lutou na Guerra de Canudos (1896-1897), no nordeste baiano, e uma vez reformado fixou residência em Pelotas e fez construir o sobradão segundo um modelo europeu (castelo da Baixa Idade Média, séculos XI-XV). Conforme escreve o autor, o major Vidal já era proprietário de grandes terras na fronteira oeste do Estado (cidade de Itaqui), comprou o dito terreno da Quinze de Novembro em 1931 e mandou construí-lo, em 1936 - o que ocorreu em etapas, pois ele viajava muito. Edificou outro parecido em Itaqui, hoje também abandonado.

familiar, eram as formas de assistir TV, sendo um momento de união. Além disso, existiam algumas técnicas de criatividade produzidas para adaptar a sua realidade local a fim de prover o exercício de um cidadão da época:

[...] Televisão Caravelho (TV preto e branco) – a televisão foi adaptada na sala para que as outras pessoas do beco pudessem ir assistir televisão junto. Na televisão, colocávamos papel celofane – para fazer ficar colorido. Assim se tinha a casa cheia, tinha um senso de coletividade, de divisão.... Daí que vem o senso da cultura do dividir... de propagar nas periferias. (JONAS SANTOS, 2018).

Situa ainda a criação de profissões como a do engraxate, que se deslocava da região portuária até as partes centrais da cidade. O pai de Jonas foi um deles, que, além de desenvolver o seu trabalho, o de engraxar os sapatos, também se colocava em uma relação com a música e o samba: “Os caras jogavam uma moeda para ele [engraxate] fazer um samba na hora”.

Jonas conta que quando seu pai chegava em casa após uma longa jornada de trabalho, “pegava uma caixinha de fósforo e fazia um sambinha, e minha vó cantava, e nós dançávamos, já fazia tudo dentro de casa. Tudo em casa.”

Em relação a sociabilidade musical, presente em suas práticas portuárias, Jonas relata a participação de seu pai com os blocos carnavalescos, passando pela sua relação com o trabalho portuário a partir suas atividades de descarregamento de mercadorias. Esta atividade de descarregamento, como seu pai lhe contava, também era vista como um ‘lugar para fazer música’. Não obstante, a musicalidade era entendida também como um momento do descanso [e de certa expressão cultural étnica³²] específico entre uma pausa e outra do descarregamento. É uma pausa, também, para observamos o léxico temporal agenciador de determinada organização social que produz diferentes sentidos: descanso, tempo livre e lazer. Descanso para o trabalhador, tempo livre para práticas do ócio criativo e lazer para fruição de determinado bem cultural ou momento específico. Cabe chamar atenção

³² Uma pista para podermos interpretar estes acontecimentos, são nas palavras de White e White (2005) o “som do cativo”. Além disso, Abreu (2015, p.78) aponta que canções escravas foram parte estruturante das sociedades escravistas americanas. Envolveram-se com as políticas de controle e repressão de senhores e autoridades, e com as estratégias de resistência e negociação dos escravos. O “som do cativo” era constante nas senzalas, nos locais de trabalho, nas cidades e fazendas, em locais de encontro e festas, no Brasil ou nos Estados Unidos, mas também ultrapassou o mundo dos escravos e de suas festas.

acerca da realidade dos bairros de periferia em geral, assim como os aspectos populares no cotidiano destes moradores, que quase sempre eram ignorados por estudos urbanos.

Assim, José Magnani (1986) em “*Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*”, verificou uma ampla gama de sociabilidades produzidas e criadas, para além das marcas da exploração da mão de obra urbana, mercado informal e operários, parecendo indivíduos programados apenas para o trabalho e incapacitados para o prazer. Como situa o autor, as limitações de escolhas impostas pela pobreza, a escolha no geral era feita entre o gosto popular pelo futebol da várzea, os melodramas históricos, pela televisão na produção de uma ‘alienação’.

Mas, por outro lado, é a partir da relevância dos estudos iniciados por Magnani, ao estabelecer um outro ponto de partida para análise das diferentes classes sociais e seus estilos de vida – e seus fatores culturais. E dentro deste mote de estudo nos aproveitamos da dimensão das sociedades complexas propostas por Velho, que adentra novamente no nosso universo de observação, pois, conforme Magnani (2003, p. 29):

Frente ao universo do trabalho, já subjulgado pela lógica do capital que tenta programá-lo inteiramente, existe um espaço regido em parte por outra lógica, e aberto ao exercício de uma certa criatividade: a vida familiar, o bairro, as diferentes formas de entretenimento e cultura popular que preenchem o tempo do lazer.

Assim, diante das estruturas sociais produzidas por estes arranjos urbanos, de dominação ideológica, conflito político, de desequilíbrio econômico, não podemos reduzir o social simplesmente a estas práticas importantes, mas não formadores por completa dos sujeitos. O que nos condiciona a abordar os aspectos culturais destas determinadas estruturas. Um dos aspectos entendidos dentro do contexto da pesquisa por meio dos relatos de Jonas, foi a musicalidade negra contida como parte integrante da sociabilidade temporal de determinados momentos, que faz parte deste universo simbólico pesquisado, omitido muitas vezes em diversas pesquisas sobre a história local da cidade, além de um possível desprezo por estas práticas contidas em discursos de ódio e racismo, produzindo violências étnicas.

Atrelando tais práticas a partir das quais buscamos retomar a narrativa de Jonas e de uma comunidade negra portuária, que conforma sociabilidades musicais,

em relação ao ambiente e sua percepção destes momentos produtores da música e do lazer, que dialogavam com a cidade no geral e, em específico, com alguns bairros e pontos de Pelotas antigamente, em uma das passagens sobre a forma de comunicação de cena musical – do batuque e da bateria em sua percepção de morador com alguns outros pontos de Pelotas:

A bateria (cozinha) não está rolando. A comunidade se envolvia com música. Ouvia de perto, ouvia de longe, sabia o que tava acontecendo. Esses caras sabiam ouvir tambor. Eles estavam na várzea, e ouviam o que eles estavam batendo lá no Areal. Comunicação com o tambor. Exemplo: O invasor está chegando. Uma comunicação musical pelo tambor, eles ouviam lá na Princesa Isabel. Tu tiravas um toque aqui, eles tiravam um toque lá. Era uma espécie de provocação dos tambores entre os bairros. Com o tempo e com a perda destes costumes de fazer música aconteceram o desaparecimento do tambor, da madeira; e do tipo de tronco. Vários tipos de tambores desapareceram. (JONAS FERNANDES, 2018).

Pensando nesse processo de constituição temporal e descobridor de caminhos de uma outra ambientação urbana que Jonas conta, ele mesmo situa a relação de seu passado vivido com seu presente. O que nos fornece pistas para pensar na sua experiência vivida ao trilhar seus caminhos na vertente musical que se atualiza nesse entrecruzamento na sua formação enquanto sujeito cidadão. Promove-se um deslocamento da noção do Porto, isto é, do bairro em si, mas sim como uma região – de locomoção e de movimento. Entre a sua percepção de vivência de bairro e de cidade.

O samba e o baile – Tambor presente no samba. Códigos de cumprimento na época. Sobre o Jovem no baile Black, se tinha mais negros, e samba e tinha esse 'Q' de mais democrático, tinha os malandros, caras das diretorias das escolas de samba, a coisa era mais misturada. Muita gente branca nas escolas de samba. O baile Black é a música que nós queremos ouvir. Os brancos estão ouvindo música pop. Tínhamos essa opção da música preta, da música negra. Competição com os caras do Pestano. Com o pessoal de Rio Grande. É um processo cultural que começa nos EUA, e que desencadeia na explosão cultural vindo pro Brasil – Jazz, New Orleans – ritmos jazz, blues. Samba também tem origens africanas – Sambé, e está no terreiro. A manifestação cultural que é o terreiro, por causa do seu Axé, está ligado à nossa energia. Samba é muito forte, é um ritmo muito forte no Brasil. O samba se reinventa. Cartola, Pixinguinha, o teu vô (André). Pegada soul, Amy Winehouse. Os Jazes mais contemporâneos, Mile Davis, faltaram... e hoje em dia ninguém resgata. O samba é outra coisa, está na veia do povão brasileiro. O samba tá no maracatu, no bumba meu boi. Tá na percussão. Acho que até James Brown era brasileiro [pausa para um ritmo falado pelo entrevistador]. Percussão vocal na música vocal. O que é que é isso aqui? É um baixo – Não, é um tambor, é uma bateria, é uma percussão. A maneira como o cara enxerga as coisas. Isso nasce nos Rituais de batuque, de percussão. Na minha opinião o samba se reinventa,

se destaca. A música tomou um folego, com as festas pelo mercado [público de Pelotas]. (JONAS SANTOS, 2018).

Esta narrativa que Jonas aponta em sua experiência de morador do Porto, faz com que se possa pensar nas relações da diáspora da cultura africana no mundo, com a tradição da música negra de Pelotas. Isso só é possível por intermédio dos fluxos que o deslocamento planetário (entre continentes e cidades) permite estabelecer com as relações de trocas, na criação de um repertório cultural sonoro e musical.

A partir da dimensão etno-musical e da antropologia sonora, é possível situarmos este relato como produto da “caracterização dos diversos arranjos de exercícios de diálogo com vestígios de sonoridades africanas” (DA SILVA, 2002). Assim, busca-se refletir sobre a linguagem musical como um objeto de símbolos no processo histórico, aprendida no seu deslocamento pelo Atlântico. Damos atenção a este dado etnosonoro é também, de certa forma, “refletir sobre as relações etno-raciais, tematizando a cultura musical, como um espaço de conagraçamento social, construção e preservação renovada em laços identiários (DA SILVA, p. 456, 2002).

Assim, a região portuária constituída primeiro com status de Zona de Várzea³³, tendo a sua maior parte de operários das fábricas e indústrias locais, acabou gerando subsistemas de vida, com base nas relações do trabalho, seja nas fábricas, como operários, ou na rua, com os subtrabalhos, espalhados diretamente pelo Porto com os estivadores e cabungueiros, até as menos ‘legítimas’ como as dos músicos, percorrendo até o centro como engraxates. Essa cartografia do trabalho portuário, podemos dizer, mapeava a posição social dos sujeitos diante da cidade. Destas relações citadas, muitas delas, foram tecidas sob outras redes de

³³ Retiramos um trecho de Essinger (2012, p.13) no qual descreve a Várzea tendo na topografia da cidade a sua justificativa. Conforme Mario Rosa (1985, p.61), a área urbana de Pelotas está localizada em um terreno que apresenta terraços, que são áreas mais elevadas onde se situa o centro da cidade, e várzeas, superfícies mais baixas “planas e constituídas de aluviões mal drenados”. Por outro lado, a autora, situa num contexto sociológico, que esta denominação esteja ligada ao que Roberto DaMatta (1997, pp. 30-31) chama de “lógica social”, nomeando-se os espaços conforme sua segmentação social ou econômica. Assim, o nome Várzeapode indicar um duplo sentido: local baixo, úmido e alagadiço; localonde se instalou a população de camadas mais abastadas. Como descreveu Essinger com seus interlocutores em sua pesquisa sobre a Fiação de Tecidos no Portoe por meio das narrativas de Jonas em minha pesquisa, aponto na mesma direção, que a população se apropriou da denominação da área para indicar seu local de vida. É possível, assim, dizer que este espaço tomado em seu tempo se configura como um lugar de memória na interpretação do conceito de Pierre Nora (1993), pois é permeado de simbologia para diversos grupos de pessoas de grupos heterogêneos do passado com um passado em comum.

referenciamento do bairro, que ambientaram diferentes classes sociais e costumes diversos, como apontamos, produzindo outras escalas de vizinhanças.

Compartilhando espaços de conflitos e busca por reconhecimento identitário, por meio de itinerários urbanos das sociabilidades estabelecidas. Um espaço que é permeado por relações de solidariedade na ajuda mútua do dia a dia, com o partilhamento dos cuidados dos filhos, por meio da tutela coletiva; além das sociabilidades evidenciadas com os Clubes Sociais Negros, como também territorializou-se neste espaço a eventividade burlesca diante de determinados eventos culturais, como a criação de blocos carnavalescos que, posteriormente, chegaram a ser agremiações, sendo atualmente o espaço no qual ocorre o carnaval Pelotense. Além dos clássicos campeonatos de futebol amador da várzea, até rituais religiosos como a festa de Nossa Senhora dos Navegantes ou Festa de Iemanjá, como reforça Jonas, aos quais a comunidade portuária comparecia em grande público.

Neste mesmo espaço, também era partilhado para a simples convivência cotidiana, do dia a dia, da conversa nas calçadas, dos festejos dos aniversários, das caminhadas em conjunto até o local do trabalho, como bem relata Jonas. A partir desse compartilhamento de espaços e lugares no âmbito da rua, foram-se criando certos hábitos pelos moradores, como este. Um deles, que permanece em sua duração, como observado inúmeras vezes pelo pesquisador, é o de estar sentado na frente de casa, principalmente no verão, como uma forma de sociação aos acontecimentos da ordem do dia, na forma de um certo controle sob o lugar, por meio das ditas 'fofocas', ou até mesmo pelo simples momento ordinário de estar na rua, entendido como uma extensão da casa, principalmente situados em um formato 'comunitário' e familiarizado de habitação coletiva; e, por último, também podendo ser analisado de certa maneira em relação entre o lazer e o tempo livre.

Interessante trazer este último relato para observar como ele se mantém ativo, sendo perceptível como a cultura das sociabilidades na calçada de casa ajuda e ajudou na formação das vizinhanças, criando laços, alianças e proximidades. "A maneira como o cara enxerga as coisas", diz Jonas. Esse ponto é crucial para compreendermos como ele enxerga a sua cidade, tomada por um conhecimento que parte de sua vivência e experiência no Porto, assim como transborda para outras regiões da cidade.

Atualmente, Jonas Santos, artista, trabalha com artes visuais, em especial atenção na criação com Revistas em Quadrinhos. Por meio da utilização da linguagem artística, Jonas é considerado um narrador das tramas urbanas que narra suas experiências no bairro por meio de sua produção artística visual recriando e destruindo a sua Pelotas, a partir do gênero da ficção com traços de realidade de suas vivências e experiências. Além desses aspectos empíricos, endosamos ao conteúdo artístico, traços memoriais compartilhados em coletivo, transmitidos por seus familiares e antepassados, na forma de mitos e lendas situados numa cosmovisão étnica.

Isso ficará melhor colocado no próximo passo entre sua vida e sua relação com sua História em Quadrinhos – HQ - chamado de Espírito Livre a respeito do qual contaremos com base no composto empírico-artístico entre autor, personagem e morador, como a cidade de Pelotas e o bairro do Porto pode ser enxergado por esta ótica que dialoga entre o real e o imaginário e como um pode se entrecruzar um no outro.

Além de compreender a própria condição de Jonas como cidadão na paisagem de sua noção portuária de seu tempo vivido, situada em uma nova percepção de agente, entre artista e ativista, condicionado a busca expressiva e artística entre a ficção e realidade sobre o lugar a própria cidade, a partir de seu conhecimento adquirido ao longo de sua trajetória, conformando possibilidades territoriais no bairro por meio do tempo e do imaginário, agenciado por suas narrativas a partir das práticas urbanas, como será visto a seguir.

2.4 O Porto como narrativa literária, afirmação de pertencimento e território de resistência: Espírito Livre, Dias Rubros

Antes de entrarmos definitivamente na obra do Espírito Livre, abordarei como a etnografia pode ser pensada como a arte de grafar diferentes linguagens nas alteridades como aponta Cristina Maria da Silva (2015) em seu trabalho *Antropologias do Sensível: Etnografia e Ficção como artes de Fazer Pesquisa*. Segundo a autora, a etnografia tem caminhando entre as ficções da vida social para se configurar como texto e leitura da cultura, onde o cenário da escrita é a ‘prova’ de que se esteve no campo e a descrição representa a realidade observada.

Para além da pura e simples descrição, o que nos interessa é propor uma descrição analítica ou uma análise descritiva, de forma a produzir uma complexidade relacional em torno das duas ficções, tomadas a partir da monografia subsidiada por novas questões etnográficas e teóricas, em conjunto com a obra de ficção artística.

À medida que podemos encaixar a representação tomada pela narrativa como construção de uma realidade [mas jamais equalizá-la como verdade unívoca, como já mencionava Mariza Peirano] caminhando entre as ficções da vida social, podendo ser configurada como texto e na tentativa de “captar rastros do vivido, entrelaça seus fios nas narrativas descritas, caminha entre o real e o verdadeiro, o falso, tal como o chão do próprio romance que, sendo em si uma trama, envolve a realidade espacial e temporal em seu avesso, abrindo abismos e recombinao sentidos” (DA SILVA, 2015, p. 6).

A partir de Alessandra El Far (2013) que trabalha a questão de como certas obras literárias em específico, *A Moreninha* de 1884, podem ser lidas além de seu caráter ficcional, como etnografias da vida social. Sua pesquisa em torno desta obra e das demais também oferece aos seus leitores um quadro dinâmico no qual é possível identificar as tensões, disputas e os valores compartilhados em torno do casamento por um grupo seletivo de moças e rapazes advindos da elite urbana do Brasil imperial.

Já em Pelotas, poderiam ser lidas a partir dos *Contos Gauchescos* do escritor João Simões Lopes Neto, em meados de 1906, que se apoiavam nos temas como o coronelato, diploma e latifúndio, atividades que fundavam a ficção gauchesca e campeira. Ou ainda, em Hilda Simões Lopes, em *A superfície sobre as águas*, romance sobre uma aristocrática família pelotense, segundo estudo realizado por Nicéia dos Santos (2008) sobre a história e memória pelontese. Ainda sobre o mesmo livro literário, Martinez (2000, p. 9) já o ambientava como “um território fértil para análise do doce como produto cultural”.

Daí podemos definir a singular importância da literatura para os antropólogos, que, a partir da década de 1970, procuraram mostrar a construção subjetiva do outro na narrativa etnográfica. Semelhante ao enredo de ficção, a monografia acadêmica, mesmo sendo fruto de um longo processo de observação e investigação teórica, como um empreendimento textual situado em circunstâncias históricas e culturais específicas seria, ao seu modo, uma “fabricação” do real. Uma “fabricação” não no

sentido de invenção, mas sim, segundo Clifford Geertz, como uma construção subjetiva da realidade (GEERTZ, 1989, p. 26).

Nesse viés, as versões escritas baseadas em trabalhos de campo, para além do uso acertado da metodologia, não seriam “a história” de uma determinada sociedade ou grupo social, mas, como enfatiza James Clifford, “uma história entre outras histórias”. Clifford usa ainda os termos alegoria” e “metáfora” para destacar “a natureza poética, tradicional e cosmológica” dos processos de escrita do antropólogo, resultado de relações intersubjetivas, politicamente negociadas com os sujeitos envolvidos na pesquisa (CLIFFORD, 2008, p. 74; GONÇALVES, 2008).

Pensando nessa ampla gama de artifícios que são realizados na prática etnográfica do ato da descrição, observação e participação, efetivadas na troca intersubjetiva que despende no fazer antropológico, sob uma ótica de produzir uma ‘estranheza’, que desconcerta o pensamento e negocia acerca do estudo de vidas humanas sobre uma situação que se constitui por meio de uma diferença inicial, muitas vezes forjada, ou inimaginável e até impensável. El far (2013) apoiada em Geertz (1989) cita “que nem sempre se tem consciência que a antropologia existe no livro, no artigo, na conferência ou como ocorre hoje nos filmes³⁴.

Independente das linguagens referidas, o comum se dá a partir da abordagem do recurso narrativo como ferramenta da produção de uma realidade etnográfica, “a ficção ao revelar mundos diferentes, de modo similar a monografia acadêmica, traz em seu cerne o potencial de relativizar, desnaturalizar ou então de colocar em perspectiva visões de mundo, escolhas e preferências” (EL FAR, 2013, p. 414).

Neste sentido, a autora aponta que a antropologia talvez tenha estado mais perto da ficção do que outras ciências humanas e sociais como, por exemplo, a própria sociologia, pois, mesmo sabendo que a etnografia não é isenta de lacunas e nem neutra, ela tem sido combinada com abordagens narrativas, sejam biografias, trajetórias, histórias de vida e escrituras como uma maneira de alinhar no tecido social os percursos e trilhas dos indivíduos. Como bem lembrou Lévi-Strauss:

³⁴ Destaque para o antropólogo francês Jean Rouch. Um dos criadores e teóricos da antropologia visual, e do cinema-verdade, por meio da etnografia fílmica alternando entre documentário e ficção. Em 1953 cria com Henri Langlois, Enrico Fulchignoni, Marcel Griaule, André Leroi-Gourhan e Claude Lévi-Strauss, o Comité do Filme Etnográfico (Comité du film ethnographique), com sede no Museu do Homem (Musée de l'Homme). Para mais informações sobre as obras de Rouch ver Gonçalves (2008).

Enquanto a sociologia se esforça em fazer a ciência social do observador, a antropologia procura, por sua vez, elaborar a ciência social do observado (...) tentando então extrair um sistema de referência fundando na experiência etnográfica, e que seja independente, ao mesmo tempo, do observador e de seu objeto. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.404).

Nesta descoberta do fazer etnográfico, da leitura social por meio da narrativa ficcional, é necessário pensar como todas estas práticas e saberes podem se entrelaçar na fabricação de uma realidade. Nas palavras de De Certeau, pensando as relações bilaterais características entre etnografia e a ficção, antropologia e o imaginário que pode ser dialogado em sua produção com a arte e a ciência:

A arte constitui em relação à ciência um saber em si mesmo essencial, mas ilegível sem ela. Posição perigosa para a ciência, pois só lhe resta poder dizer o saber que lhe falta. Ora entre ciência e arte, considera-se não uma alternativa, mas a complementaridade e, se possível, a articulação. (CERTEAU, 2009, p. 131).

A articulação proposta por De Certeau entre arte e ciência pode se dar na produção tanto científica quanto reveladora de fazer existir a descrição artística de uma realidade e possibilidade de compreensão da alteridade dos outros, enquanto a etnografia recombina a descrição os sentidos vividos para compreender a realidade. A ficção literária segue as lacunas dos signos sociais, ou o que eles deixaram em falso, recriando por meio das linhas, tintas e cores da arte. Revira os avessos desses signos, recombina suas zonas de comunicação, sendo que ambas procuram novas combinações sobre a realidade a ser lida e interpretada.

A linguagem ficcional move pela experiência textual, visual e pela narrativa em outras formas de existir. Trata-se de uma maneira de constituir outros mundos, de estabelecer relações com o que é 'estranho', colocando-nos em contato com a alteridade para vivenciar mundos e seu avesso.

Da Silva (2015), ao ler a obra de Silviano Santiago em *Liberdade*, nos fala em alterbiografia, pensando o texto literário em questão como registro da vida "*de e pelo alter*". Uma autobiografia do outro, no caso, a de Graciliano Ramos. Contudo, o escritor ao narrar uma história fictícia não é de outrem que ele está falando? Uma alteridade lembrada, vista ou inventada pela sua imaginação?

A autora citada exemplifica algumas obras textuais que combinam ficção quando poderíamos lembrar de Bernardo Carvalho em *Nove Noites* ao pensar na trajetória de Buell Quain, mas também de Luiz Ruffato em seu *Inferno Provisório* ou

em *Eles Eram muitos Cavalos*, quando, além das histórias dos migrantes entre Cataguases em São Paulo e a história do proletariado brasileiro, traça também relatos que nos permitem pensar em uma biografia de outrem e, assim, da própria formação da cidade.

Pensando na cidade como um campo amplo para a prática etnográfica e nas narrativas dos cidadãos como produtores de histórias vividas ou ficcionais, podemos cair em um problema de se pensar a sociedade enquanto totalidade. Magnani (2009) aponta que uma saída para compreender esta característica da totalidade como pressuposto da etnografia, diz respeito “a dupla face que apresenta: de um lado, a forma como é vivida pelos atores sociais e, de outro, como é percebida e descrita pelo investigador”.

Então, como elaborar uma escrita etnográfica *da* e *na* cidade que envolva histórias de vida supondo realidades diferentes entre atores e pesquisador? Ao pensar a escrita etnográfica, a antropóloga Marilyn Strathern aponta que ela só funciona quando for uma “recriação imaginativa de alguns efeitos da própria pesquisa de campo”. As narrativas que davam sentido à experiência de campo precisam ser rearranjadas, pois:

A escrita etnográfica cria um segundo campo. A relação entre esses dois campos, portanto, pode ser descrita como “complexa”, no sentido de que cada um deles constitui uma ordem de envolvimento que habita ou toca parcialmente, mas não abrange a outra. Na verdade, cada um dos campos parece girar em sua própria órbita. Cada ponto de envolvimento constitui, assim, um reposicionamento ou reordenação de elementos localizados em um campo totalmente separado de atividade e observação, e o sentido de perda ou de incompletude que acompanha isso, a compreensão de que nenhum deles jamais estará em conformidade com o outro, é uma experiência antropológica comum (STRATHERN, 2014, p. 346).

Ao falarmos ou escrevermos, não necessariamente damos voz a quem quer que seja, as vozes já existem, talvez precisemos fazer silêncio para que eles/elas falem do acontecimento. Segundo a autora, lidando com a literatura contemporânea encontrou um caminho ou método para pensar nas experiências urbanas, seus trajetos, encontros, e também desencontros, que podem ser “um fator de captura de seus movimentos, como também a maneira de compreender seus sentidos e tramas” (SILVA, 2015, p. 341). As ações, as cidades ficcionalizadas podem nos dar fios dos romances que montam as tramas da realidade social existente, que podem

nos ajudar a rastrear – do rastro a captura, no sentido Ricoueriano - o vivido (SILVA, 2015).

Flavia Rieth e Patricia Pinheiro, em 2018, ao propor o Grupo de Trabalho chamado “*Antropoéticas: outras etnografias*” na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, buscavam abrigar trabalhos que compreendessem “a experimentação de linguagens e metalinguagens³⁵ no desenvolvimento de uma etnografia enquanto textualidade implicada em arte descritiva, no sentido de levar a sério a atitude epistemológica de se ver a cultura com criatividade (WAGNER, 1975) podendo ser vistos como formas e expressões artísticas como o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances” enquanto formas potentes para a produção do conhecimento na área da antropologia.

Assim, podemos perceber como a obra intertextual de Espírito Livre tomada pelo recurso gráfico visual (na sua criação) aponta para a história de vida de Jonas (na sua performance e percepção do sensível) que une ficção e realidade. Além de poder captar como esta trama é possível ser compreendida como uma prática urbana e como elemento etnográfico, ela também revela uma constituição do viver, e descobre caminhos no mapeamento de seu habitar.

Para fins de observação, o objetivo desta pesquisa é produzir uma comunicação versada na multitemporalidade do contexto pesquisado, partindo da estratégia, sempre que possível, compreendida na busca científica de interpretação no campo antropológico.

Sendo assim, principalmente quando há o encontro etnográfico, [já mencionado], proposto para uma fabricação de sentidos: tanto para o antropólogo e pesquisador, presente em produzir um material descritivo e analítico, sob o viés científico de determinado fenômeno social e cultural, na busca de uma interpretação da linguagem no sentido de ‘conversão’ para prover uma inteligibilidade de escrita e de leitura; até a fabricação artística de Jonas, fazendo parte como elemento base do laboratório da criatividade, sua própria performance enquanto agente empírico, ex-

³⁵ Entedemos metalinguagem no âmbito da linguística, como uma linguagem usada para descrever algo sobre outras linguagens, como aponta Lucas (1999) serve como um meio de interpretação. Deste modo, pode ser evocado dentro do leque de estratégias de retórica do campo etnográfico, conforme Rodrigues (2004). Assim, o processo de análise metalinguístico da linguagem antropológica tem sido muito profícuo em diversas linguagens artísticas: como o cinema, o desenho, a imagem, e literatura. Indo além de outros ‘cosmos’ da linguagem de expressão da vida humana, como os metacódigos no ciberespaço, como os algoritmos. Para mais informações sobre o último relato, ver Domingues (2004).

morador, no entendimento de pertencimento ao contexto vivido ou na sua forma de 'enxergar as coisas'.

Por meio da dialogia versada nas nossas conversas e observações, bem como da diacronia situada sob a questão temporal também pode ser compreendida na negociação arranjada de nossos encontros, os quais foram fatores determinantes para se produzir uma comunicação, passando por etapas de produzir sentidos e significados a partir da fabricação literária, artística e científica.

Essa fabricação dos sentidos também pode ser entendida por uma *antropologia do imaginário* (DURAND; 1989; ROCHA; ECKERT, 2005). Com isso, tal etapa só foi possível ser desenvolvida por meio de recursos imagéticos - fotográficos e literários. Tudo depende do contexto e do suporte de linguagem que o momento do trabalho de campo pode oferecer – desde a criação da narrativa do interlocutor e criatividade de interpretação do antropólogo. Entendemos, assim, como elementos principais para os jogos combinatórios das criatividades na fabricação do imaginário.

Atualmente, após morar em Porto Alegre por alguns anos, final dos anos 90, como zelador, Jonas vive há vinte anos no loteamento Jardim das Tradições, próximo ao bairro Dunas. É no seu atelier, que produz suas obras referenciadas a partir de sua militância na cultura negra e de religião matriz africana, vem se debruçando arduamente na busca por esta representatividade cidadã na cidade de Pelotas.

Grande parte de suas obras gira em torno desta temática que versa entre quadros, pinturas, esculturas e revistas de histórias em quadrinhos – HQ's da qual gerou o Espírito Livre, sendo este último pertencente ao nosso objeto de análise.

Seus múltiplos artifícios e ofícios adquiridos que foram aprendidos e perpassados de seu pai, mãe e irmãos, na época em que eram moradores da Coreia e do Gasômetro, na região do Porto, lhe deram o suporte necessário para o desenvolvimento de habilidades manuais. Estas habilidades foram sendo aprimoradas desde o seu trabalho em supermercados da cidade de Pelotas, com as grafias nas placas promocionais dos produtos, até as pinturas e desenhos sobre a cultura negra e super-heróis como, por último, a criação do Espírito Livre na rememoração de sua vivência no bairro do Porto.

Por meio de suas obras, e especialmente Espírito Livre, retrata a sua situação sendo morador da região do bairro do Porto, até a fragmentação do bairro por meio dos deslocamentos de outros moradores acarretando a criação de outras periferias

pelotenses, visto que relata um contexto marcado por questões de discriminação, violência e extermínio racial.

Reconhecido tanto em Pelotas quanto no estado do Rio Grande do Sul, onde além do reconhecimento por suas obras artísticas também possui um papel central como agente empírico que, além de descobrir caminhos no seu fazer cidade, atua com a questão do papel educacional e histórico de suas obras que versam muitas vezes sobre a relação vivida com a história de Pelotas e a cultura negra.

Por conta de sua experiência sendo morador da Coreia na região do Porto, cultiva valores e significados do pedaço, com senso de divisão, ambientação rápida dos lugares e percepção apurada a partir de lógicas de controle público (polícia). É também militante, ativista e artista visual que trabalha com uma cidade periférica. Nos últimos anos, fundou a Cooperativa dos Artistas – CooperArte, construída com uma ampla participação de artistas da cidade, visto que realizam oficinas de desenho e pintura em diversas comunidades, colégiose na própria Universidade.

Assim, no meio desses emaranhados da vida real e ficcional, surge o Espírito Livre. É um personagem nascido e criado em Pelotas. Ele foi adotado por uma família rica, escolhido na ‘roda’ da Santa Casa de Misericórdia. Era nessa roda que as moças de família, antigamente, deixavam os seus indesejados. O que não é o caso do pequeno Hwesu³⁶, filho de ‘Alvoraz’.

Abro um pequeno parêntese para explicar sobre a criação do personagem Hwesu, no roteiro elaborado por Jonas que envolve ficção literária advindo do Afrofuturismo³⁷ imbricado com a sua realidade vivida:

Herdeiro de uma fortuna imensa, o jovem *Hwseu* não fazia ideia que seus pais adotivos eram na verdade escravocratas modernos tendo reproduzido um comportamento que remonta a uma Pelotas de outrora que escravizou e executou seres humanos num processo de coisificação. Parte da fortuna

³⁶ O termo deriva de um grupo étnico ancestral africano *Suhahiii Hwesu* que significa: nascido a luz do meio dia.

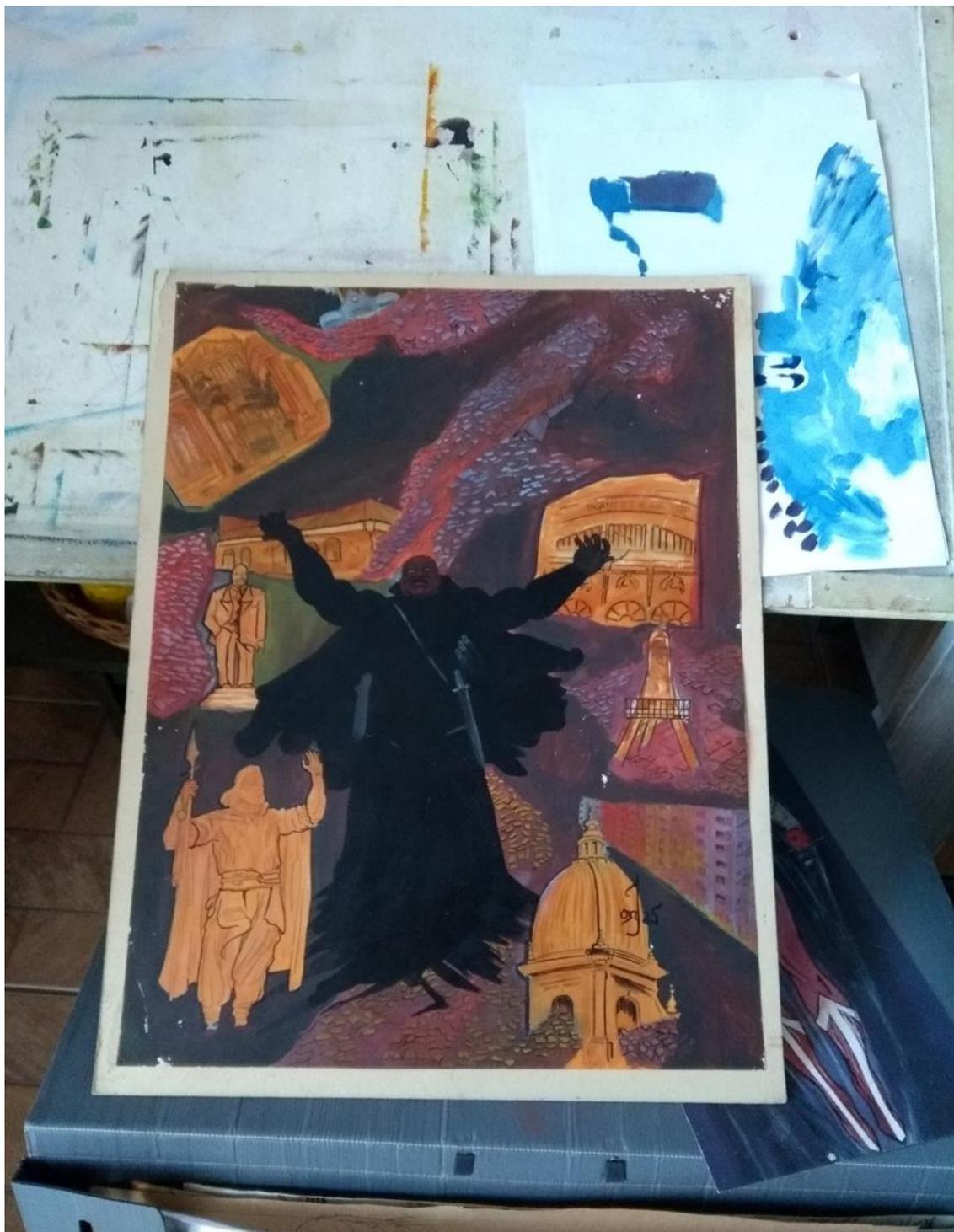
³⁷ É um movimento cultural, social e político que explora temas pertinentes à diáspora africana por meio de narrativas de fantasias e ficção científica, a partir da perspectiva do protagonismo de personagens e autores negras e negros. Estabelece também o encontro entre a história, o resgate da mitologia e cosmologias africanas com a tecnologia, a ciência, o novo e inexplorado. Conforme o escritor Fabio Kabral entende, o Afrofuturismo é uma ferramenta extremamente necessária para uma educação antirracista por inspirar imaginários positivos as populações negras, de forma a reescrever histórias silenciadas por séculos e, assim, promover cidadania por meio da criação artística. Mais informações sobre o tema podem ser obtidas no Dossiê sobre Afrofuturismo no Instituto Geledés: <https://www.geledes.org.br/dossie-afrofuturismo-saiba-mais-sobre-o-movimento-cultural/> e no próprio site do autor citado: <https://fabiokabral.wordpress.com/>.

herdade por *Hwesu*, o *Espírito Livre* é proveniente de fábricas conserveiras de Pelotas, onde o mesmo descobre, de acordo com antigas anotações e registros contábeis que centenas de pessoas durante anos, foram mantidas em cárcere privado sem poder deixar suas instalações. Ele então viaja por diversos país tentando entender o ser humano e absorvendo o diferente em várias culturas pelo globo. Na Índia dormiu ao relento e só não congelou porque crianças soldado que salvaram sua vida e com quem aprendeu lições de humildade. No seu retorno a Pelotas ele resolve se livrar dos bens herdados beneficiando instituições do mundo inteiro. Também no seu retorno ele descobre uma cidade doente, apodrecida por dentro, as instituições que deveriam resguarda-la e torna-la nobre estão na mão do crime organizado, transformando tudo num caos de corrupção que na verdade sempre existiu, desde épocas remotas e ele nunca percebeu. Ele parece tomado por um senso de direção que o difere do “transe coletivo” que assola a cidade onde o próprio ar parece envenenado, isso tudo por causa do monstro da corrupção a solta em Pelotas. Espírito Livre possui um senso de justiça que está ligada a própria sobrevivência, todos os dias ele se depara com ameaças mortais a sua vida e a de seus amigos, portanto as escolhas para ele sobre vida e morte são muito simples. Seus inimigos em geral ameaçaram a vida de inocentes com um poder de fogo muito maior que do que os seus sem a mínima compaixão ou escrúpulo. Este é Hwseu, o Espírito Livre (ROTEIRO DE JONAS SANTOS, 2016).

O personagem é roubado de sua família quando contava apenas doze dias de vida. Sua família vivia isolada do mundo, em uma comunidade, até o final dos anos 1970. No cotidiano [de Jonas] do qual aprende técnicas manuais com seus pais perpassado para seus irmãos, passavam batendo junco, caçando preá, pescando, fazendo entalhes e artesanias. Reunidos em autogestão [na comunidade], viviam a partir daquilo que a natureza oferecia. Isso acontecia após a rua Barão de Mauá, nos trilhos, seiscentos metros banhado adentro, trecho entre as ruas Anchieta e Andrade Neves.

Depois do desaparecimento do pequeno Hwesu, a utopia do convívio familiar se perdeu e os parentes começaram a se estranhar e a responsabilizar uns aos outros pela perda do infante. Seu destino seria crescer aprendendo com todos para liderá-los no futuro. Espírito Livre é um personagem que chega aos seus vinte e um anos em boa forma. É um personagem muito original pela carga de informações mostradas em cada história. Jonas acrescenta: “Faço questão de ter vilões humanos porque assim posso usar referências da minha adolescência e juventude”.

Figura 22: Personagem Espírito Livre no Atelier de Jonas.



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

Na realidade, o Espírito Livre deriva muito das experiências cotidianas que deslizam entre o seu descobrir caminhos e realidades na cidade, como apontado acima. Tanto Jonas quanto o Espírito Livre são personagens e protagonistas negros, que se integram na cidade – ambos nascem da Coreia e do Gasômetro no Porto, pontos referenciais do habitar portuário de Jonas.

Ao contar a história sobre a criação do Espírito Livre – Personagem negro, que vai se integrando na cidade e em suas referências – Coreia e Gasômetro – bairro do Porto e o Espírito Livre, à medida que a história dele vai sendo contada ele vai ficando desfigurado, “porque não tem como tu passar pelo que ele vai passar e não continuar com queixinho quadrado, cabelo enrolado, conforme nos mostra as iconografias dos quadrinhos e não tem como ele estar assim”, relata Jonas.

Uma metáfora baseada na linguagem do HQ é importante para fazer a comparação entre o real e o imaginário. Nas palavras de Jonas: “Em relação a outros heróis ‘oficiais’ dos HQ’s, por exemplo: O Wolverine perde uma garra em uma história e em outra história já está crescendo. Ele vai voltar a ser o Wolverine. O super-homem tem superpoderes e é regenerado pelo sol, sai para o sol e vai ter a força desse elemento”.

Complementa o interlocutor: “O Espírito Livre não é assim: entendesse? Ele tem uma força que impura ele ao fazer as coisas, porque eu estou estagnado³⁸ demais no modo de fazer as coisas, no nosso sistema de sociedade. Eu quero fazer as coisas, mas não consigo fazer as coisas. Entendesse? Ele vai fazer as coisas que eu não posso fazer, que tu não podes fazer, mas que nós gostaríamos de fazer”.

A relação entre o viver de Jonas dentro de uma sociedade racista e sua interação com a cidade, abre caminhos para compreendermos que Dias Rubros em sua ficção muito tem a ver com a sua realidade e de todo o processo sócio-histórico da construção de um projeto racial na conformação das cidades e especificamente do bairro, inclusive, científico como já relatamos com a importante pesquisa de

³⁸ A frase “estar estagnado” aparece, não por acaso, em diversas músicas do ritmo do Rap, do qual remete a impotência de realizar algo, principalmente no contexto das periferias, devido a vida precária. Músicas de rappers das periferias brasileiras, como Sabotage, Rappin Hood, Racionais MC’s, Mano Brown, e Faccção Central relatam a dificuldade e o modus operandi das periferias. O Rap é um discurso rítmico com rimas e poesias que surgiu no final do século XX entre as comunidades afro-americanas no Estados Unidos. No Brasil, surge em um contexto também marcado pela violência e, por algum tempo, foi associado à criminalidade, porém no decorrer dos anos é identificado como um estilo que associa protesto em forma de música.

Schwarcz. Vale salientar, novamente, em função das perspectivas criadas sobre as cidades brasileiras e dos processos de colonização. Pelotas não sendo diferente, possuindo escalas e traços visíveis de temporalidade imperial e colonial. Rubro tendo pelo adjetivo que apresenta a cor – vermelho de forte tonalidade, como o sangue, a morte, ao assassinato, que pode ser atribuído por conta das práticas de políticas de extermínios raciais e periféricos que são realizados há pelo menos dois séculos em Pelotas.

Por isso, o cotidiano atual entrelaçado com uma motivação ficcional nos mostra que: “Dias Rubros é o nome da história que apresenta o personagem enfrentando inimigos de todos os ‘calibres’, sendo posto à prova a todo momento e tentando sobreviver a isso. Nessa história, o personagem ainda é um pouco ingênuo em relação ao crime organizado local. Ele pensa que, tirando um notório bandido de circulação, bastaria para resolver o problema ou boa parte dele. Mas não é o que acontece. E o peso da sociedade organizada recai sobre ele na forma de uma nova ‘Força Especial Militar’. Na verdade, é mais uma polícia corrupta, que passa a caçá-lo pela cidade inteira. A partir dos bairros e vilas, agem promovendo a limpeza étnica que já conhecemos. ”

Figura 23: Cena do HQ Espírito Livre no bairro Navegantes



Fonte: Jonas Santos (2017).

Ao perguntar sobre a motivação de Jonas para realização do Espírito Livre, ele conta que é um personagem que lhe remete a diversas sensações, memórias coletivas e compartilhadas, além do conhecimento adquirido do ambiente afro-brasileiro da cidade de Pelotas que condiz uma realidade da qual foi vivenciada.

É um personagem que, a gente tá na cadeira raspando a 'careca' cheia de cicatriz, e o barbeiro sempre te conta uma história e aí: ahh!! Cuidado aqui que isso foi uma garrafada! Ahhh!!! Cuidado qui que isso foi um butinaço de um brigadiano filha da puta que me chutou. Ahh!!! Que foi uma coronhada. Sabe, a cabeça do negao é toda deformada, a minha cabeça mesmo é toda deformada. Hoje em dia eu faço o cabelo com a gilete e sempre sangra num ponto. Meio profundo. A cabeça do negão é toda assim. Por isso esse cara vai ser desfigurado com o tempo, entendesse? E aí sempre isso né cara, sempre pensando iconologicamente as coisas né. Os caras nos pegavam, dez, mais de dez, colocavam ali no fusquinha, nos largavam lá na Rodoviária. Eu nem sabia onde era a rodoviária ainda, e os caras me pegavam e deixavam na rodoviária. Aí nos largavam de cueca, e a gente vinha caminhando até o centro. E aí pensando nisso, no fusquinha, no camburão, tinha a Caravan, que era um veículo deles, quando o cara caía dentro da caravana ou do camburão, que é a Toyota, tinha os banquinhos ali, e tu ficava no meio, e eles ficavam te chutando, te bicudiando. Tu ficava no meio sentado ali, arriado. Mas isso era uma época, em que, isso, acontecia a gente se dava por muito contente. (JONAS SANTOS, 2018).

A representação que Jonas faz ao produzir o HQ Espírito Livre é uma forma de expressão a partir de sua trajetória portuária conduzida sob uma perspectiva de justiça étnica. O Porto que apresentamos a partir de suas narrativas está inserido em um contexto que remete uma perspectiva em tom de desabafo, contra o racismo e o genocídio da periferia, demarcando um território negro exposto sempre à margem de sua condição.

Nesse jogo biográfico, evidencia-se o envolvimento de sua trajetória com a rememoração de ex-morador do Porto aliado com sua militância da cultura negra e do movimento negro. Com isso, Jonas fortalece uma narrativa vivida e territorialmente construída, na assertiva da resistência da comunidade negra que ainda habita uma grande parte do bairro portuário.

Portanto, as afirmações acerca da produção de sociabilidades dada sob uma circunstância temporal acarretaram circuitos negros relacionados com a busca constante por trabalho e, conseqüentemente, na interação e convivência na criação de sentidos de pertencimento ao bairro.

Na figura de narrador urbano e portuário, Jonas compreende o papel importante e necessário de narrar e produzir um bairro do Porto Negro.

Compreendendo a sua situação social que remonta uma vida turbulenta e transformada pelo tempo e contínua nas ações coexistentes entre o tempo, direitos, e formas de vida de si e de seus pares, é que o narrador se torna um defensor de uma territorialidade em virtude de uma exigência de salvaguarda, atenção e alerta deste patrimônio étnico da comunidade negra.

Entendendo ter este papel como mediador e narrador desse Porto marginalizado historicamente sob condição de ameaças e extermínio diário, assume um papel de “avaliador da autenticidade de determinadas práticas sociais e culturais de um grupo urbano num determinado intervalo de tempo e de espaço” (ROCHA; ECKERT, p. 45, 2005).

Compreendidas e articuladas as motivações dos narradores (interlocutor e parceiro da pesquisa e pesquisador), neste intervalo de tempo e espaço [aqui, especificamente na condição de interlocutor e ex-habitante do Porto] – do qual não é a intenção de protocolar o reducionismo do tempo finalizado – mas sim na procura de evidenciar e promover uma narrativa fundamentada na trajetória biográfica.

Assim, é na história da vida de Jonas, a história de um indivíduo, situada no bairro e na cidade de Pelotas, sendo “essa história das situações que ele enfrentou e enfrenta em seus territórios, e é ação de sujeitos (como ele) nesses espaços que faz de um episódio banal, uma situação, para ele e para a reinvenção de suas tradições” (ROCHA; ECKERT, p.30, 2005).

Desta forma, por meio destas narrativas produzidas vão sendo propiciadas estéticas urbanas na informação e duração temporal detectada pela etnografia no trabalho de campo, ao passo que mostra a vida de Jonas, a experiência sobre a criação de um bairro portuário e agroindustrial marcado pelo ambiente das trocas e do trabalho. Em compasso com esta temporalidade narrada, também acena para um bairro negro, demarcando uma “fronteira cultural” aos termos de Velho (2008), por meio de suas práticas de sociabilidade permeadas pela coletividade e redes de solidariedade. Tal reinvenção atrelada à criação da estética urbana, para Jonas, é justamente fabricada a partir de sua memória, da transmissão oral do conhecimento por seus familiares, aplicado aos momentos ordinários de sua vida, que compõe sua trajetória de vida. Por meio destas lembranças combinadas à sua leitura da atualidade, reconfigura seus sentidos sobre o bairro e resignificam esta temporalidade. Poderíamos dizer que, com base em tais narrativas, seria uma forma de perceber o tempo da cidade e a sua formação, respeitando e, sobretudo,

valorizando as formas de vida do agente empírico que, ao produzir determinada experiência, relatada e narrada por várias vozes em seu compartilhamento, pode ser constituída em sua duração.

Ao percebermos a pertinência de estabelecer uma diacronia do tempo por meio de histórias de vida na formação das cidades e, principalmente, no bairro do Porto, buscamos prosseguir a partir da observação participante com a finalidade de expor a mudança dos arranjos temporais do bairro que impactam na forma de compreender a cidade.

3 (RE)ARRANJOS TEMPORAIS

Por intermédio das caminhadas no bairro, foi possível, além da observação, pontuar as mudanças do lugar, ambientadas em sua temporalidade, como já colocado no capítulo anterior. Desta forma, com base na dimensão narrativa de Jonas, somos capazes de assimilar os vários ritmos e mudanças do bairro e, como consequência, as suas mais diferentes dinâmicas.

Assim, indiferente ao desaparecimento dos referentes materiais dos espaços sobre os quais grupos e indivíduos fundam sua identidade (mobilidade residencial, remoção de bairros de antigos, transformação espacial e destruição urbana), a cidade, em sua polissemia, torna-se o testemunho dos jogos da memória de seus “agentes”, espaço fantástico onde eles podem “colar” sua existência a certos momentos de interação social vividos em seus territórios e investi-los do próprio ritmo construído no corpo da duração de biografias de vida (ROCHA; ECKERT, p. 88, 2005).

Na medida em que os itinerários urbanos mobilizados pelos diversos trajetos e percursos, com base nas diferentes situações do cotidiano, vão produzindo a trajetória dos habitantes, somente é possível reconhecê-los a partir das narrativas, dos itinerários e das formas de sociabilidades de indivíduos e grupos, na busca pela “reinvenção de práticas de interação de seus habitantes (ROCHA; ECKERT, p. 80, 2005) apud (GOFFMAN, p. 42, 1974).

Assim, é possível compreender diversos ritmos urbanos, visto que os grupos e indivíduos produzem suas atividades em forma da negociação praticada das escolhas narradas. Mesmo que no jogo das balanças destas escolhas, de um lado, existir a conciliação de determinadas práticas produzidas no senso popular; do outro lado há a suposta sobreposição temporal que constata as mudanças destas práticas individuais. Contudo, o importante nesta negociação das práticas urbanas é entender o tempo e o movimento como fator de configuração dos ritmos temporais na negociação constante de suas vidas, que acabam muitas vezes desembocando na reordenação coletiva de grupos e indivíduos.

Então, é possível observar a constatação da ‘ritimicidade’ da cidade, ou seja, por meio de seus diferentes ritmos, tons, paisagens, fluxos e performances, produzindo efeitos urbanos baseados nas dimensões de habitar e viver a cidade. Tais dimensões verificadas na vida antropológica (DURAND, 1984) de grupos e sujeitos, acabam redimensionando a “cidade como objeto que realiza uma obra

temporal, uma vez que seus territórios e lugares favorecem o enraizamento da experiência comunitária de um viver coletivo (ROCHA; ECKERT, p. 89, 2005).

Portanto, os rearranjos temporais observados no contexto em evidência, adquirem forma e intensidade contribuindo em sua duração na formação do tempo social do bairro, da cidade e do Brasil. Para exemplificar a formação deste tempo no trabalho entendido como um conceito central, é preciso compreender a duração temporal no contexto brasileiro mais especificado.

No sentido da discussão abordada, faço o devido destaque para as autoras Rocha e Eckert (2005) que trazem a trilogia de Gilberto Freyre a partir de suas obras intituladas *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mocambos* e *Ordem e Progresso* a fim de evidenciar o possível desafio para se pensar o ritmo das acomodações do tempo por meio das quais a civilização urbana no Brasil implantou, situando-se nitidamente entre as perspectiva da *cidade colonial*, *cidade imperial* e *cidade democrática*” (ROCHA; ECKERT, p. 90, 2015), segundo apresentou Ana Luiza Carvalho da Rocha em sua tese de doutorado³⁹.

Trazendo para o contexto da pesquisa no sul do Brasil, a cidade de Pelotas e o bairro do Porto, nitidamente produzem essa tríplice perspectiva que configura sua formação urbana que Ana Luiza Carvalho da Rocha aponta. Por meio de caminhadas no bairro, entre o mobiliário urbano-industrial petrificado, em conjunto com os agentes empíricos que revelam formas de vida destas temporalidades, é possível evidenciar as diferentes sobreposições da malha urbana, como os seus arranjos na configuração constante destas estéticas urbanas.

Como, por exemplo, uma estética que salienta traços da cidadinidade que refletiam um modo de habitação do Brasil imperial, como a instalação do prédio da Marinha⁴⁰ no bairro – hoje, atualmente, ocupado pelo coletivo Canto de Conexão⁴¹,

³⁹ *Le sanctuaire du désordre, ou l'art de savoir-vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques - l'esthétique urbaine e la m'moire collective au sud du Brésil* defendida no início da década dos anos noventa, colocando em questão as acomodações temporais das cidades do sul do Brasil.

⁴⁰ Fazendo parte da Capitania dos Portos. A criação das Capitânias dos Portos no Brasil remonta aos idos de 1845, quando o Imperador D. Pedro II, por meio do Decreto Imperial nº 358, de 14 de agosto daquele ano, autorizou o governo a estabelecer uma Capitania dos Portos em cada província marítima do Império.

⁴¹ A ocupação consolidou-se como um importante recurso para moradia estudantil e universitária. Com o estigma inicial de 'desordeiros e marginais', aos poucos, com a produção estabelecida por meio do diálogo entre comunidade e o coletivo, foi compreendida como uma necessidade para o bairro, segundo relatos coletados do morador Valdemar Dilman, agricultor e comerciante aposentado, vive há aproximadamente 20 anos no bairro. A partir de suas habilidades de plantio, inseriu ensinamentos para o coletivo na criação de uma horta urbana, a qual é compartilhada com a

esta última, tem como pauta principal moradia e habitação compartilhada. Além disso, estão espalhadas pelo bairro as imponentes construções de casas e casarões neoclássicos do século XIX, que acabaram se aglomerando com o grande complexo fabril introjetado na paisagem do bairro estabelecido ao longo do século XX.

Figura 24: Ocupação Canto de Conexão. Antigo prédio da Marinha. Rua Benjamin Constant com Álvaro Chaves



Fonte: Foto retirada da internet (2019).

Figura 25: Três perspectivas temporais na materialidade de cidade e do bairro do Porto



Fonte:Foto tirada pelo autor (2019).

Figura 26: Casarão na rua Benjamin Constant, atual Escola Félix da Cunha



Fonte: Foto tirada pelo autor (2019).

Foi possível notar acima, na petrificação que permanece no bairro, apresentada pela arquitetura da época, como a temporalidade pode ser vista nesta mudança de situações, além de costumes e práticas. Vale salientar que, antes disso, o contexto apresentado era misto em função do uso e da atualização do tempo. Em dados etnográficos, pode-se perceber: o que antes era um prédio militar, que servia como instrumento institucional de controle, tornou-se um espaço de moradia popular. Sendo assim, onde existia um grande casarão que servia a elite pelotense, hoje foi instalado um equipamento disciplinar, a escola. A temporalidade do bairro se cruza entre momentos, situações e principalmente dada as condições das relações entre os agentes empíricos, em constante mudança.

Se em um primeiro momento podemos verificar a narrativa que compõe um bairro empenhado pela memória, biografia e história de Jonas remetendo a coexistência de um território negro, escravista, que forma e informa as perspectivas de *cidade colonial e imperial*, também podemos observar a criação de uma sociedade técnico-industrial de trabalhadores e operários com o complexo agroindustrial.

Inserimos no texto para discutir a formação do tempo do bairro, um cenário urbano que, tal como é relatado na narrativa de Jonas, evidencia a decadência dessa desindustrialização, mas que vive nas memórias de milhares moradores do bairro, e se recria em outras dinâmicas temporais, como a própria passagem de um polo fábril agroindustrial para um polo educacional, com a chegada da UFPel.

Cabe destacar que havia uma grande expectativa em torno da inserção da Universidade na região portuária, principalmente no bairro da Balsa e Navegantes, pois os moradores acreditavam que iriam ocupar postos de trabalhos nestes mesmos espaços de antigamente, em razão do campus do Anglo (antigo frigorífico inglês Anglo) de forma a ressuscitar um “ espírito” e um ambiente de trabalho, já vivido pela pelos moradores há algumas décadas atrás o que, de fato, gera até hoje muitas controvérsias entre Universidade e comunidade⁴².

Tal passagem acarreta outras dinâmicas, sobretudo geracionais, tendo de um lado um Porto constituído por muitos moradores idosos, justamente pelo grande polo agroindustrial e fabril formado no período de 1920 a 1980; até a chegada de novos tipos de comunidades, iniciando em meados dos anos 2000, e acentuado com o Programa de Expansão das Universidades Federais (REUNI) a qual injetou muito recurso para a aquisição destes imobiliários ocupados a partir de 2007. Com isso, ocorre a chegada de uma grande camada estudantil e universitária, dividida entre técnicos administrativos e professores, a compor o quadro profissional da Universidade, advindos de diversos cantos do Brasil e do mundo, além da geração de postos de trabalhos de profissionais terceirizados ocupados em sua maioria do bairro e da cidade de Pelotas.

Nessa difusão de territórios e de temporalidades diversas, procuramos definir a coexistência contínua dos espaços reconfigurados em outras dinâmicas – de Casas Grandes e Senzalas, Sobrados e polos urbanos – industriais –; até a produção da cidade⁴³ democrática, com novas instalações arquitetônicas

⁴² Para esta, e demais informações, ver Karpinski e Adomilli (2012) sobre os conflitos socioambientais em torno da comunidade da Balsa e da criação do campus Anglo. Este mesmo artigo trata de anúncios publicados Jornal Diário Popular que divulgaram uma matéria sobre os acontecimentos no dia 28 de novembro de 2009.

⁴³ Por meio da nomenclatura das ruas podemos conferir a temporalidade da cidade. Conforme a maioria das ruas citadas neste trabalho, a exemplo como as Ruas Benjamin Constant, Álvaro Chaves, Gonçalves Dias, foram membros de uma elite pelotense dando a noção de cidade imperial e colonial, segundo o Historiador e ex-Professor de da UFPel, Mario Osório Magalhães ao escrever sobre a formação das ruas de Pelotas no livro “Os passeios da cidade Antiga: Guia Histórico das

instauradas sob edificações antigas – como a ocupação do complexo universitário da UFPel funcionando no complexo fabril – até novos formatos de moradia, como prédios residenciais e casas coletivas de estudantes antes habitadas nas casas antigas, habitadas por ex-moradores pertencentes ao bairro.

Ter a oportunidade de observar estes novos grupos e comunidades (nos quais eu me insiro e me sinto pertencente) que fazem parte da criação de uma sociabilidade juvenil-universitária por meio de suas práticas criativas, que deformam um bairro agroindustrial e fabril, partindo da vértice *da cidade democrática*. Nesse sentido, foram providos novos acessos de mobilidade, além de produzir um referencial social e cultural que se integra em um novo arranjo urbano, criando pontos de encontro e novas práticas de ocupação do espaço urbano, fomentando a produção cultural, espaços de lazer e de tempo livre, além das sociabilidades noturnas.

A observação constante de pesquisador e praticante, frequentador e usuário e, por último, morador do bairro, foi que me motivou a tentar observar as diferentes temporalidades atreladas às suas estéticas urbanas locais, em suas permanências e reminiscências, como também em suas transformações e desenvolvimento das performances de ocupação as estratégias de interação e aos diferentes ritmos e pluralidades existentes deste bairro.

De forma que, neste capítulo, procuramos evidenciar uma outra observação no tempo contínuo do presente vivido nesta justaposição urbana, a partir destes novos (re)arranjos temporais que nos apresenta o início de um bairro juvenil e universitário, bem como dialoga com o fenômeno urbano do tempo no bairro, além de propor uma interpretação desta ‘cosmologia’ situada na produção das interações observadas e participadas. A ideia é de promover um diálogo entre tempos diferentes, mas complementares para a formação de um pensamento lógico como um produto antropológico do ser humano.

Ruas de Pelotas (2000). Além disso, é importante ressaltar que há uma mudança neste sentido para as ruas da perspectiva de cidade democrática, como visto no ano de 2019, sendo que Pelotas já conta com nome de rua a travesti Juliana Martineli. Juliana, que faleceu em agosto de 2017, foi uma importante ativista do Movimento LGBT, educadora social e integrante da ONG Vale a Vida desde 2003. Como representante da Antra e da Rede Trans do Brasil, representou Pelotas em diversos lugares do país, atuando na luta em defesa dos direitos. Para mais informações ver o Projeto de Extensão Margens: Diferentes formas de habitar Pelotas com o título “Mapeando a noite: o universo travesti. <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u705> sob coordenação da Professora Louise Prado Alfonso fazendo parte do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). <https://www.facebook.com/geeurbano/>.

Existe também o intuito de prover a dinâmica do bairro em diferentes tempos e ritmos de sua duração. Nos próximos subcapítulos, poderá ser visto melhor sobre o enfoque das sociabilidades juvenis na ocupação dos espaços do bairro, como o evento artístico chamado *Sofá na Rua*.

3.1 A formação da comunidade universitária pelo viés patrimonial-temporal

O trabalho de Dione Lithnov; Antória Barros e Sidney Gonçalves (2010), ao analisar a história das atividades que conformaram a região do bairro do Porto em Pelotas e suas transformações recentes em função de um ideal de requalificação urbana, observaram que durante estes últimos anos, em virtude de um grande patrimônio fabril constituído no bairro, além do incentivo de políticas públicas ligadas à memória e o patrimônio cultural, materializado em ruínas e em ‘alguns corpos’, apresentou-se uma retomada pelo senso de preservação dos valores patrimoniais. Neste último caso, principalmente por meio dos diversos inventariamentos realizados antes e durante a aquisição e compra dos diversos complexos fabris pela UFPel.

Com isso, o bairro do Porto em contraposta, por um lado, passou por um período de certo esvaziamento funcional, a partir dos postos de trabalho que gerava. Em consequência, com o seu desuso principal, acabou produzindo deslocamentos de muitos grupos e famílias locais que viviam em função destas atividades, bem como acarretou no alargamento de outros bairros periféricos, próximos a região como o Navegantes, Fátima e Balsa. Além do Passo dos Negros⁴⁴ já constituída por comunidades negras há pelos menos dois séculos. Diferentemente do bairro do Porto que faz parte de uma das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural⁴⁵. Já pelo outro, traz uma demanda nova para o bairro, com as migrações universitárias

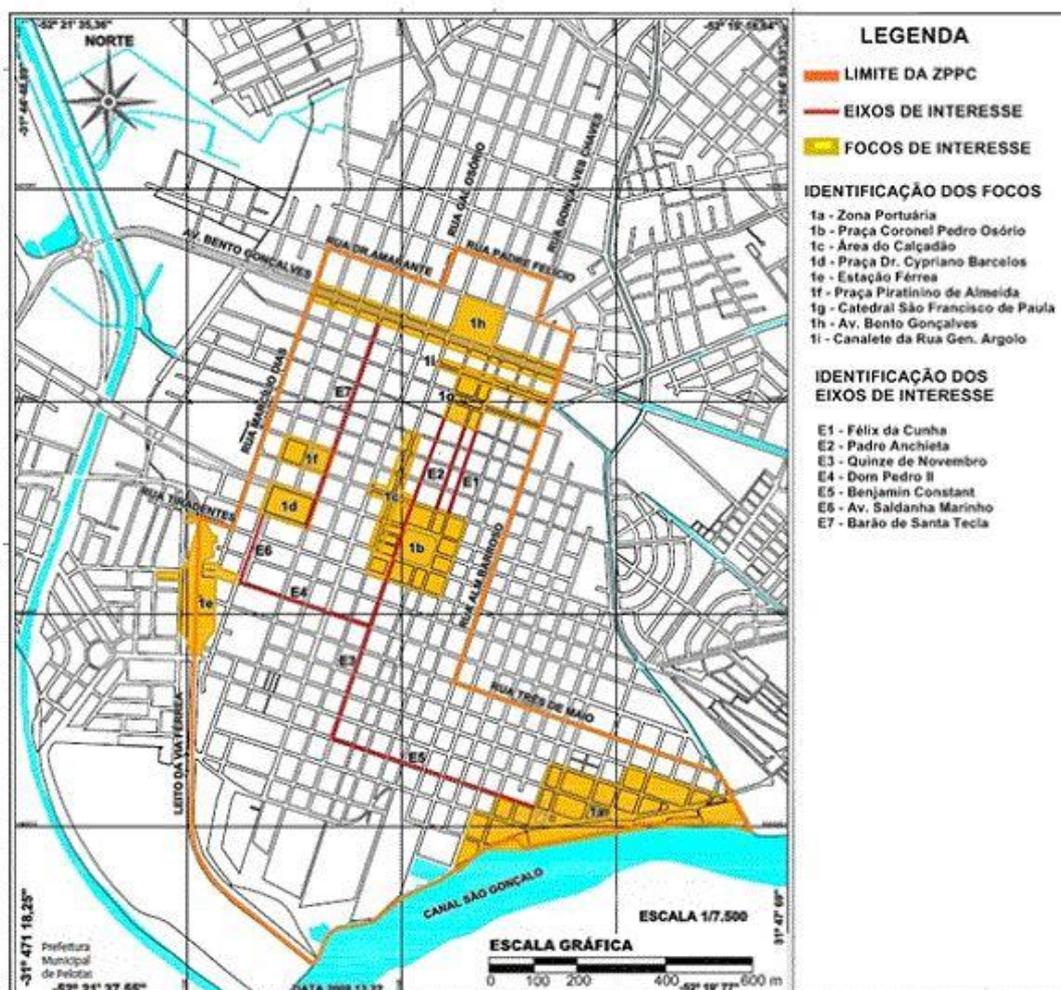
⁴⁴ Nesta última citada há uma série de estudos arqueológicos que remontam a escravidão daquele tempo, conforme Da Rocha (2014) e Ferreira (2009), fazendo parte territorialmente da região, mas não sendo consideradas ou reconhecidas socialmente e culturalmente ‘prestigiadas’, embora sejam viabilizadas por meio de outros trabalhos arqueológicos e antropológicos, que tratam da atualização destas histórias e de narrativas negras, conforme pesquisa e trabalho de Alfonso (2017).

⁴⁵ Mais detalhes e uma melhor resolução pode ser verificado diretamente no site da Prefeitura Municipal de Pelotas: http://server.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_p_lano_diretor/arquivos/U10_ZPPC_IIIIPD.pdf. Aqui cabe um pequeno detalhe, sendo que estamos falando da cidade conceitual, marcada em sua funcionalidade, na área do Planejamento Urbano, por meio do Plano Diretor.

trazendo consigo uma camada mais ativa de atores públicos e privadas que, aos poucos, vão arranjando a qualificação urbana do bairro.

A marcação abaixo pode ser ser notada no grifo amarelo quando são desmontras focos de interessee, no nosso caso, o Porto, a parte amarela em cima do Canal São Gonçalo.

Figura 27: Zona de Preservação de Patrimônio Cultural



Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas.

Nesse sentido, a partir da expansão da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), iniciou-se um importante processo de revitalização dos polos fabris abandonados, visto que, ano de 1996, negociou-se com a empresa COSULÃ e o Banco Brasil (credor da empresa) a aquisição dos antigos prédios utilizados pela cooperativa para sua revitalização e utilização como unidades acadêmicas. Todos

os prédios adquiridos foram profundamente modificados para atender às necessidades acadêmicas.

Atualmente, nos prédios da antiga COSULÃ, estão instalados cinco Unidades Acadêmicas, o ICH (Instituto de Ciências Humanas), IFISP (Instituto de Filosofia, Sociologia e Política e a FAE (Faculdade de Educação), a FAUrb (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), e o IAD (Instituto de Instituto de Artes e Design). Neste mesmo propósito, a universidade comprou em conjunto com a fundação Simon Bolívar, a área ocupada pelo antigo frigorífico Anglo, onde está construído o campus Anglo.

Abaixo trazemos a tabela elaborada por Francisca Michelin (2013) que, a partir de seu trabalho, proveu a elaboração do dossiê sobre o conjunto arquitetônico de valor histórico pertencente à Universidade Federal de Pelotas.

Tabela 1: Prédios revitalizados pela Universidade Federal de Pelotas

	Prédio	Forma de Aquisição	Ano de Aquisição	Uso Anterior
1	Faculdade de Direito	Compra	1969	Construído para a Faculdade
2	Faculdade de Medicina	Doado pelo IPES	1969	Residência/Instituto de Higiene
3	Faculdade de Agronomia	Transferência da UFRGS	1970	Construído para a Faculdade
4	Escola Eliseu Maciel	Doado pelo Município	1970	Escola de Agronomia
5	Escola de Belas Artes D. Carmen Trápaga Simões (interditado)	Doação	1973	Residência e Comércio
6	Faculdade de Odontologia	Doado pela UFRGS	1992	Construído para a Faculdade
7	Centro de Integração do Mercosul	Compra	1995	Banco Nacional do Comércio

8	Câmpus das Ciências Sociais	Compra	1996	Indústria: COSULÃ e Moinho Santista – PORTO
9	Câmpus Porto – Anglo	Doação de 64% (Fund. Simon Bolivar)	2006	Indústria: Frigorífico ANGLO – PORTO
10	Museu do Doce	Compra	2006	Residência
11	Centro das Engenharias	Compra	2009	Indústria: COTADA – PORTO
12	Em reformas – sem ocupação	Compra	2010	Indústria: Laneira Brasileira
13	Centro de Engenharias	Compra	2010/2011	Serviço Público: Alfândega – PORTO
14	Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria	Doado pelo Município	2011	Grande Hotel
15	Livraria da UFPel	Doado pelo Município	2012	Indústria: Cervejaria Haertel/RioGrandense/Brahma – PORTO

Fonte: Elaborado pelo autor (2019) e adaptado de Michelon (2013).

Em 2018, a partir da mobilização dos colegiados e atuação em conjunto dos Programas de Pós-Graduações se criou o Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem (CEHUS) reúne os programas de Pós-Graduação Stricto Sensu das áreas de Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem da Universidade Federal de Pelotas, lotados em diferentes unidades: Centro de Artes, Centro de Letras e Comunicação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Educação, Instituto de Ciências Humanas, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política e Instituto de Física e Matemática.

De forma geral, o bairro do Porto apresenta uma notável alteração, pois os espaços antes abandonados começam a ser novamente ocupados. Segundo Al-Alam (2011), a ideia de requalificar o local trouxe a necessidade de planejá-lo de maneira consciente. Para tanto, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo elaborou,

em 2002, um projeto de requalificação do bairro Porto por meio do Relatório Atelier SIRCHAL (Seminário Internacional de Revitalização de Centros Históricos na América Latina e Caribe), um relatório internacional que discute a requalificação de espaços urbanos desvalorizados.

Notou-se a presença de muitos cursos da Universidade Federal de Pelotas que estavam adquirindo inúmeros prédios na zona central da cidade, mas também na região portuária, dinamizando consideravelmente o bairro. Com isso, carrega automaticamente um grande número de investimentos imobiliários destinados aos estudantes e a alterações na vida econômica do bairro.

Nesse movimento de ingresso ao sistema universitário, a sociabilidade a princípio ‘disciplinar’ se expande e ultrapassa o campo educacional, na formação de uma comunidade estudantil no bairro. Por conta do bairro ter perdido sua ‘função’ ativa principal, a da industrialização e movimentação de mercadorias pelo Porto, tornou-se, com o passar dos anos, um bairro desprovido da prestação de serviços públicos como falta de iluminação e sinalização, ruas esburacadas – em razão da pavimentação feita de paralelepípedos, fazendo parte do cenário do bairro de caráter secular, ocasionando a insegurança no bairro, desvalorizado e economicamente habitável por novos moradores. Por meio deste tipo de migração estudantil no bairro, ocorreram melhorias, mas ainda é visível o alto índice de imóveis para venda.

Em suma, com base nos relatos de Dona Maria Lucinda Alves e Dona Cleidir José Gomes, moradoras antigas do bairro, a primeira filha de operários do Frigorífico Anglo e a segunda filha de comerciantes, me contam que o bairro em meados da década dos anos noventa “ficou abandonado” e “medonho” no aspecto da infraestrutura e segurança. Relatam as duas vizinhas, residentes na Rua Três de Maio: “Isso aqui, na década de noventa para dois mil e pouco, estava tudo abandonado... uma escuridão, as ruas tudo sem poste elétrico, e ainda continua né, como tu podes ver... muitas casas abandonadas, dava medo de morar aqui”. Ainda complementa diante de uma situação que aconteceu enquanto pude presenciar na frente de sua casa, com suas grades da porta entortadas e quebradas: “Bom, tu viu minhas grades né moço, essa não é a primeira vez, botei grade justamente para evitar esse tipo de coisa”, relata uma das senhoras de 79 anos.

Na pesquisa realizada por Tauê Al-Alam (2011), buscou-se situar a transformação do bairro a partir da inserção da Universidade Federal de Pelotas na

região, com a política pública de educação do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) que compra e restaura inúmeros prédios fabris e abandonados por este hiato temporal de decadência fabril na cidade.

Ela se reconstitui a partir de outras dinâmicas e permanências de lazer noturno que faziam parte de um público local com alguns bares até a inserção da UFPel além da chegada de novos habitantes, com os estudantes e docentes que vão fazer parte destes espaços de convivência e mais profundamente de uma sociabilidade noturna com a modificação do cenário, por uma cultura juvenil de rua que ocupa e reconfigura o espaço urbano.

Nesse sentido, Al-Alam propôs refletir acerca de um sentido mais territorializado das modificações do bairro e da região do Porto em geral, com a inserção da UFPel. Em conjunto com a observação geográfica, buscamos prover também uma observação participante dentro do que Magnani (2002) chama de 'olhar de perto e dentro', nos moldes de uma etnografia urbana, que tem como propósito descrever algumas dinâmicas situacionais produzidas na busca contemporânea em que a cidade e seus espaços públicos têm sido alvos de múltiplas apropriações e ocupações. A partir da proposta etnográfica de Magnani, acabaram sendo revelados modos e práticas urbana, além de provocar diversos debates sobre "uma espécie de expansão das relações dos habitantes com o contexto urbano, suas ruas e equipamentos" (FRUGOLI JR, 2018, p. 75). Estas relações poderão ser vistas na próxima parte do trabalho.

3.2 Da formação dos grupos as sociabilidades juvenis-universitárias

A formação das sociabilidades juvenis com a inserção da UFPel no bairro do Porto promoveu a entrada de uma série de novos habitantes e, conseqüentemente, moradores, ocasionando a criação de diversos equipamentos urbanos antes não existentes, desde a utilização de antigas edificações com algumas empresas situadas nestes espaços, além de festas, bem como a construção de novos prédios residenciais, diversos estabelecimentos comerciais, entendendo ser necessário para atender a esta nova demanda de habitantes.

Em função do aumento dessa ‘nova’ comunidade universitária, agora, como moradores no Porto, forma criados subsistemas de moradia, visto que os que procuram uma liberdade maior vivem em repúblicas universitárias, em coletivos; além dos pensionatos para os mais reservados e mais abastados financeiramente; ou simplesmente entre amigos que procuram dividir apartamentos. Tanto em razão da comodidade de estar próximo ao campus no qual estudam, quanto pela desvalorização econômica do bairro, mas não comercial. Os aluguéis, no geral, são mais em conta. Ao mesmo tempo, e além da agitação e dessa nova experiência, alguns buscam a região do Porto por ser um lugar mais ‘tranquilo’, sem muito ‘barulho’ nos dias de semana, em comparação com o centro da cidade.

Existem diversos grupos na rede social *Facebook* que intermediam a relação entre a procura e oferta de moradia. Entre eles, os dois principais e mais ativos, o *Grupo Classificados Moradias para Estudantes em Pelotas* e o *Moradia em Pelotas*. O primeiro conta com aproximadamente 5.600 membros e o segundo com 10.400 membros. Os períodos mais ativos destes grupos são principalmente no início e no final de cada semestre, por conta da iniciação na universidade ou a conclusão de curso.

Uma maior procura pela moradia nos anúncios costuma ocorrer pelos bairros do centro (histórico) e centro administrativo da cidade e econômico, bem como pelo Porto, ambos na Zona Sul, na procura por moradia mais em conta e tranquilidade do lugar. Já na Zona Oeste, no bairro do Fragata, próximo ao campus da saúde Leiga (medicina). Ao redor do Cohab-Pel, (Conjunto Habitacional Pelotense) a caminho da Zona norte da cidade, é outro bairro que oferta moradia há um preço mais em conta, sem esquecer que neste espaço também há o processo de revitalização que vem sofrendo nas proximidades do bairro. Ou seja, há um fluxo constante e intenso na formação da comunidade universitária tanto no bairro do Porto, quanto espalhados por outros bairros da cidade de Pelotas conforme esboçamos um breve mapeamento.

Em relação ao bairro do Porto, contexto da pesquisa, foi criado o grupo *Estudantes no Porto*, a partir do qual são divulgados diversos avisos, entre eles alertas sobre as ruas mais seguras para se andar em determinados períodos do dia e, principalmente, à noite. São destacados avisos sobre assaltos, resgate de documentação (RG, CPF, cartão de crédito etc) entre outros informes de utilidade pública e coletiva da comunidade. Avisos gerais sobre o desaparecimento de

animais domésticos, divulgação de festas, solicitação de empréstimo de equipamentos eletrodomésticos como liquidificadores, aspiradores para limpeza de casa etc. Um dos assuntos mais interessantes que pôde ser observado no grupo, que evidencia um certo conflito entre a comunidade universitária-juvenil e o forte mercado imobiliário na cidade, que é nutrido por uma boa parte desta camada, é a prestação de serviços gerais de infraestrutura e reparo em imóveis, com a inserção do sexo feminino, de mulheres para mulheres, com imóveis alugados entre pintura, instalação de chuveiro, torneira etc.

Figura 28: Anúncio no Facebook

ATENÇÃO : PRECISAM PINTAR O APTO ANTIGO E ENTREGAR PARA IMOBILIÁRIA? PRECISAM APROVAR A VISTORIA? Podem me chamar, pintura com preço justo, aprovação da vistoria garantida. NÃO PAGUE AS MULTAS ABSURDAS, QUE SÃO EXIGIDAS PELAS IMOBILIÁRIAS PARA ENTREGA DOS APTOS.

Instalação Feminina:
 Serviço de instalação de chuveiro, torneiras, máquina de lavar, armários, tomadas, luminárias, cortinas, quadros, dentre outros consertos e reparos.
 Montagem de móveis, pinturas internas e conserto em janelas/persianas.

Se você mulher não se sente segura nos dias de hoje, em chamar um desconhecido do sexo masculino para entrar na sua casa, pode me ligar. Preço especial para estudantes e serviço de primeira.

Contato com Patrícia pelo fone (whats): 9 8117-1059 ou via facebook.



Instalação Feminina
 Serviço de instalação de chuveiro, torneira, máquina de lavar, armário, tomadas, luminárias, cortinas, quadros, dentre outros consertos e reparos.

Se você mulher não se sente segura nos dias de hoje, em chamar um desconhecido do sexo masculino para entrar na sua casa, pode me ligar. Preço especial para estudantes e serviço de primeira.

Contato com Patrícia pelo fone (whats): 9 8117-1059

**Pinturas Internas
 Conserto de Janelas/Persianas
 Montagem de móveis**

Fonte: Retirado do Grupo Estudantes no Porto, 2017.

Em virtude dessa comunidade ampla que vem se formando na cidade, o bairro se tornou um ícone da representação 'universitária' na cidade (e de lazer noturno como mostraremos ao longo deste trabalho) devido ao seu custo imobiliário menor, pois muitos dependem de auxílios da universidade, bolsa, alimentação, moradia, transporte etc. Sabe-se que, em grande medida, o estudante universitário carece de um poder de compra menor, sendo assim a possibilidade da criação economia alternativa (e criativa).

Por isso, a criatividade na elaboração de suas moradias e mobiliários com sofás, raques, bidês, armários, feitos em pallets e caixotes de alimentos, sem contar a maneira que é aplicada nestes modelos de habitação, o que provavelmente entre em consonância com a ambientação do bairro que mantém muitas de suas características temporais na paisagem.

Neste conjunto, podemos dizer que nascem as primeiras sociabilidades entre a comunidade universitária, dentro da esfera privada, se conhecendo e experimentando um rito de passagem universitário – a etapa de sair de casa, ficar longe da família, adquirir responsabilidades e autonomia em suas decisões, escolhas afetivas. Compreender os riscos de estarem ‘sozinhos’, inseguranças, muitos deles, novos, desde os 17, 18 anos começam a iniciação de passagem e o alargamento de uma condição social e cultural de jovens-adultos.

Conforme acontecem estas novas peregrinações (VELHO, 2009) no formato universitário, vão se acoplando ao cenário do bairro e formulando a paisagem entre o jogo das habitações, as formas e estilos de vida na produção de uma estética geracional do Porto, que se acomoda entre pequenas casas antigas e gradeadas, prédios residenciais novos, habitados por idosos e universitários, formando novas redes de vizinhança.

Constato por meio dessas informações citadas nos parágrafos acima, a partir de minha observação e participação neste universo universitário pesquisado (embora já percebido também na graduação), tendo o seu início a partir de março de 2017, quando me mudo para Pelotas e me insiro de certa forma neste ritual de moradia coletiva. Um pouco mais velho que os demais, fico atento aos acontecimentos que vão marcando o ritual ou o processo de experimentação, minha e dos meus companheiros de moradia. Na primeira moradia, convivi com mais dois colegas, Flavio Masmman e Carlos Feldman, na faixa etária de vinte a vinte dois anos. Ambos eram de Venâncio Aires, cidade situada na região central do estado do Rio Grande do Sul.

Neste período, morávamos em um apartamento com três quartos nas proximidades entre o Hospital Santa Casa de Misericórdia e o Instituto Federal Sul Rio-Grandense (IFSUL). Minha moradia coletiva com eles durou o período de um ano, até o final de dezembro de 2017. A presença familiar do morador mais novo, Carlos, na primeira metade do semestre era de certa forma constante por conta dos cuidados pela primeira experiência fora de casa, o suporte familiar dos pais era mais

nítido. Além disso, por serem um casal pertencente a um motogrupo - motoqueiros - tinham o 'espírito de aventureiros', assim realizando seu longo trajeto até Pelotas, embora a contragosto do filho. Sempre que seu pai e sua madastra vinham, fazíamos um 'assado' na área de lazer do prédio. E a partir destes encontros fortalecidos, estabeleceram redes de vínculo entre todos que permanecem até hoje.

De dezembro de 2017 até novembro de 2018, com o intuito de ficar mais próximo a região central da cidade, entendendo ter um melhor acesso aos estabelecimentos da cidade, consegui com muito esforço, persistência e diálogo com a proprietária do imóvel, alugar um apartamento na área central, sem a burocracia exigida pelas imobiliárias, entre as ruas Major Cícero e XV de novembro. Residia partir do mês de novembro do ano de 2017, porém acabei me mudando para a região do Porto no final do decorrente ano em virtude de condições de despesas.

Em meio a minha inserção mais constante no bairro, começo a perceber, de fato, a estética urbana do Porto em confronto por suas práticas juvenis. Desta forma, julgo necessário relatar uma passagem que demarca uma primeira impressão do bairro. Logo na minha chegada no prédio, durante a mudança, quando o companheiro de moradia Diego 'Baiano' – sendo mineiro e apelidado de baiano –, me ajudava a subir com a mobília (somente cama, armário e a escrivaninha na qual este trabalho foi redigido). Nesse curto espaço de tempo, a síndica do prédio abordou Diego no térreo, de forma inesperada, e perguntou, de forma acintosa, se havia sido solicitada pela administradora do prédio algo no sentido de encontrar uma solução acerca da luz 'colorida' (uma lâmpada de Led giratória com controle remoto com várias cores simultâneas, semelhante às utilizadas em festas e discotecas) da sacada do apartamento que dá para a parte da frente da rua. A luz 'colorida' em questionamento era de Pedro, nosso outro companheiro de moradia.

Incomodada com a situação e, aparentemente, já notificado mais de uma vez para os moradores do '201', a síndica relata que este tipo de iluminação afeta a arquitetura do prédio e do bairro, segundo constava no estatuto do prédio – para a minha surpresa, espanto e desconfiança, nem sabia que existia esse tipo de documentação. A síndica, em tom elevado de voz e de preocupação, ao mesmo tempo, disse que se continuasse com esse tipo de "atitude" informaria a imobiliária, o que poderia acarretar em multa financeira descontada no aluguel. Ao ouvir todo o informe em forma de "sermão", Diego um pouco espantado e desconfortado com a

situação embaraçosa, somente diz “Aham, Dona... pode deixar, vou ver isso”, e aí, subimos para o segundo andar com o restante do armário (do qual os rapazes do frete tinham destruído uma parte, junto com uma escrivaninha).

Esta recepção inicial marca o início da minha trajetória como morador do bairro, me fazendo perceber uma série de pequenos eventos que territorializam um cotidiano marcado por conflitos, negociações e demarcando temporalidades num bairro-patrimônio. Marcadas pelas sociabilidades destas novas comunidades integradas a um contexto inserido por inúmeros momentos que vão construindo as vidas destes jovens e demarcando territórios físicos, subjetivos, sonoros e visuais, como pode-se perceber.

Podemos compreender neste breve relato, a multiplicidades de estilos de vida, visões de mundo, códigos ético-morais que atribuem províncias de significação, identificando o ‘espírito’ de ser jovem, a partir da autonomia e da criatividade vernacular no âmbito do privado coletivo. Como verificado (e também na esfera pública, como veremos), em confronto com a relação dita ‘conservadora’ que permanece associada com certas tradições e regras, dentro da normatização da vida, força uma vida padronizada dos moradores em relação ao patrimônio canônico, assim como de projetos de vida para o bairro, em função de uma comunidade juvenil inserida que habita o lugar. Em sua maioria, pertimida por situações desprovidas economicamente, forçando-os/as a forjar alianças entre si, ampliando os universos simbólicos que a conformam, a partir das referências do ser jovem, tendo como experiências centrais determinantes como a liberdade e autonomia.

Segundo nosso ponto de vista de análise, tais elementos delineiam uma diversidade da estrutura social e da heterogeneidade cultural, descontínuas na sua relação do tempo e das práticas, mas contínuas por meio de um bairro que mantém e apresenta uma pluralidade agenciada pela temporalidade do bairro-patrimônio.

Na forma de compreender estes fenômenos, utilizamos o conceito de intriga de Ricouer (2002) sob o viés da sociação e comportamental na vida prática de Simmel. Ações como poder sob e com outro. Desta forma, permite o estudo dos fenômenos da permanência de uma comunidade urbana no tempo sob o ponto de vista de sua diversidade, variabilidade, descontinuidade e instabilidade – a partir das narrativas que formam os eventos do cotidiano.

Em conjunto com estes elementos de análise, bem como por meio destas relações constituídas em sua duração, vai se traçando um outro panorama a ser mostrado pela temporalidade e pelas sociabilidades produzidas em torno dessa nova comunidade, que é negociada pela disputa e do compartilhamento de territórios e narrativas, impondo formas e estilos de vida normatizados, assim como na criatividade e na adaptabilidade dos habitantes que conduzem uma própria inventividade do bairro em receber estes grupos. As sociabilidades de caráter do âmbito privado coletivo vão se produzindo a partir das situações cotidianas inseridas na forma de trocas e alianças.

O que me faz perceber, novamente, quanto pesquisador e agora morador, que este grupo vai modificando o cenário habitado na perspectiva da cidade democrática sobreposto pelos traços imperiais e coloniais do bairro, exigindo e negociando estes novos estilos mais libertários e autônomos. Por este olhar, o bairro do Porto vai se mostrando um lugar permeado pela criatividade previamente pautado pela liberdade de expressão e o direito a cidade (LEFVBRE, 2001). O rearranjo temporal traduzido em práticas coletivas e individuais, acaba produzindo fixidez dos moradores e movimento do bairro pelos seus praticantes. Ao passo que entendemos que os seus moradores acabam tornando-se os próprios praticantes do bairro. Ao mesmo tempo que estabelecem moradias fixadas, ampliam-se as relações com a criação de outros espaços coletivos pelo bairro.

Além da sociabilidade coletiva no âmbito do privado, produzida pelo agenciamento universitário que os introduz neste meio de sociabilidade, procurando achar um histórico que revelasse a ‘gênese’ destas práticas, minha ideia era procurar fontes e relatos de egressos da universidade. Com isso, acabei encontrando por meio de redes próximas de contato, Juliana Sanches, graduada em Letras com atuação em Língua Brasileira de Sinais (Libras), atualmente servidora da UFPel como tradutora e intérprete de Libras.

Juliana, mais conhecida como Juju, me conta que as primeiras sociabilidades da cultura universitária, que ali tomava forma, aconteciam durante as sextas-feiras, aos términos da aula no período noturno com churrascos da sua turma realizados no meio fio da calçada na lateral da Universidade, próximos ao *Bar do Jara*, localizado na rua Álvaro Chaves, no Porto. Estas “churrasqueadas”, como conta Juju, tiveram início por volta do ano de 2001, antes do mesmo da oficialização do prédio do ICH pela UFPel. Conforme conta, a partir dessa iniciação, por meio de uma ocupação

urbana da cultura da rua, foi possível pensar na “revisitação do Porto” como um lugar de lazer noturno.

No seu entorno também existiam já o Bar do Zé nas proximidades dos trilhos, que cortam as Ruas Alvaro Chaves com a Conde de Porto Alegre, e mais adentro pela Rua Coronel Alberto Rosa, nas Doquinhas ou no ‘Quadrado’ com o Katangas Bar às margens do Rio São Gonçalo. De maneira que vão formando as primeiras práticas de sociabilidade juvenil-universitária desse ‘novo’ bairro, no âmbito mais específico dos próprios universitários pelotenses, providos de uma cultura mais ‘gauchesca’ no âmbito das utilizações e práticas de sociabilidades do espaço.

A partir de 2007, com a expansão do ingresso superior em escala nacional das Universidades públicas, há a inserção desta outra parte da comunidade universitária, que se integra com uma pegada artística, cultural, vai tomando conta e abrindo leituras para a prática cidadina do bairro. Assim, também ocorreu com o Quadrado transformando-se em um grande equipamento público de lazer, sendo frequentado por pessoas de vários bairros da cidade, tendo seu ponto máximo de público, principalmente aos finais de semana, servindo como um lugar e ponto de encontro da cidade, reunindo diversos grupos e públicos que utilizam como um espaço profícuo para encontros, além de relaxar e distrair com um cenário natural, principalmente pelo pôr-do-sol ofertado ao lado do Rio São Gonçalo. É visto como um dos cartões postais da cidade.

Portanto, a estética urbana e portuária do bairro vai tomando forma, fazendo um convite à sua revisitação com a entrada desse novo grupo que começa a habitá-lo. Um exemplo desta revisitação a partir da qual podemos comparar a região portuária de Pelotas, visto em Inchauspe e Silva Neto (2018:2019), é como a que propõe Leite (2009), isto é, um outro tipo enobrecimento com os bairros portuários das cidades portuguesas de Évora e Porto mantendo também uma densidade característica residencial estável de idosos. Assim, a região portuária pelotense, a partir do contexto atual, se divide em uma região populacional idosa por conta das gerações de trabalhadores que ocuparam o Porto nas primeiras ‘migrações’ no início do século XX, até uma nova ‘leva’ de moradias configuradas especialmente para um grupo juvenil-universitário, elevando o equipamento imobiliário da cidade, além das sobreposições no cenário do bairro.

Além disso, ainda não podemos esquecer que neste compartilhamento cidadão pela ocupação do território e do bairro, são criados os chamados ‘cinturões

de miséria' às margens do Rio São Gonçalo, conforme situa Jonas Santos. Os cinturões de miséria, como já mencionamos anteriormente no capítulo que retoma o ambiente precário do bairro, sendo por meio de comunidades que habitam as Doquinhas, famílias de pescadorese outros grupos em vulnerabilidade econômica que se estende diante a região portuária, a partir dos loteamentos como o Passo dos Negrose os bairros Navegantes, Balsa e Fátima. Na representação das imagens no jogo da memória de sua infância e vida adulta, para o interlocutor, os cinturões de miséria seriam equivalentes a Coreia e o Gasômetro.

É dessa forma que as diversas perspectivas de cidade vão se aglomerando e sobrepondo umas às outras. Entre as destruições e criações da cidade, “devido ao tempo e a formas informes” (ROCHA; ECKERT, 2005), diferentes microescalas do bairro vão adquirindo forma, por conta do intenso jogo de pertencimento, além da prática dos moradores. Novas periferias são produzidas e uma nova concepção de bairro é criada, assim, produzindo novas territorialidades no bairro do Porto.

3.3 Mapeando os circuitos juvenis-universitários

Como acabamos de mostrar, o bairro do Porto é um lugar muito particular e possui pontos de encontro que formam os circuitos tomados pelas práticas de sociabilidades como trocas, compartilhamentos, interações sociais, relação afetivas, criação artística, entre diversas maneiras de expressão da forma humana. Sendo assim, foi possível mapear determinadas sociabilidades com as quais já estamos estabelecendo um diálogo ao longo do trabalho, entendidas como juvenis e portuárias.

O conceito sobre juvenil com base no qual avaliamos a categoria pode ser evidenciado a partir dos sociólogos argentinos Margulis e Urresti (1994)⁴⁶, que acabaram ampliando a noção de juventude podendo ser entendida como a multiplicidade de situações sociais e as etapas da vida que são desenvolvidas. De modo semelhante, além da faixa etária, condição econômica, social e “além da definição do jovem através de determinadas atribuições concedidas pelo Estado aos

⁴⁶ Os autores propõem a superação de considerações sobre a juventude como mera categorização por idade e como portadora de características uniformes. Para eles, “a condição histórico-cultural de juventude não se oferece de igual forma para todos os integrantes da categoria estatística jovem” (MARGULIS, 1994:25).

indivíduos, ou seja, o jovem exclusivamente o cidadão portador de deveres e direitos” (BITTENCOURT, 2013, p. 40).

A nova espacialidade do bairro que foi criada, tomada em sua grande maioria por um público jovem e universitário, postos entre diversas faixas etárias, com ocupações profissionais ou não, independentes financeiramente ou não, é entendida como pertencente ao estilo juvenil-universitário criado no e do bairro. Assim, por meio de sua conformação e legitimação das práticas, pode ser compreendida como um território juvenil. Para tanto, por meio das narrativas juvenis que qualificam e sinalizam uma interpretação que confere o lazer, entendido também como o tempo livre.

A partir da presença destes novos grupos e visivelmente espalhados pelo bairro, tais equipamentos e espaços criados para estas práticas de lazer e tempo livre, acabaram tornando-se parte do cotidiano do lugar, conformando uma dinâmica urbana própria com base na qual foi possível mapear alguns pontos característicos que entendemos como um *circuito* territorial que faz parte das dinâmicas juvenis do bairro do Porto.

Para melhor entendimento deste tópico, empregamos a família de categorias de José Magnani (2003) criadas sob a perspectiva dos estudos sobre o lazer e tempo livre nas periferias da metrópole, especificamente em São Paulo (MAGNANI, 1994). Denominada primeiro pelo termo de pedaço⁴⁷ em sua tese de doutorado sobre atividades populares por meio do circo-teatro na periferia de São Paulo. As demais, acabaram surgindo em projetos de pesquisa, promovidas pelo Laboratório do Núcleo de Antropologia (NAU) da USP, coordenadas por Magnani. Sob a linha da pesquisa “Práticas culturais e sociabilidade no contexto urbano” foi testada para além dos limites dos bairros de periferia, a partir dos centros da cidade, ocasionando a criação *da família de categorias*, como sugere Magnani, identificadas como mancha, trajeto, circuito e pórtico, sob a urgência de decodificar aspectos etnográficos na área da antropologia urbana, sobretudo nas metrópoles.

Fazendo parte do objetivo deste trabalho, nossa proposta diante da rede complexa que ambientava a observação dos agentes empíricos, foi possível

⁴⁷ O pedaço designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público (a rua), onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, p. 17, 2010).

estabelecer um campo de análise a partir da semelhança de algumas atividades e práticas de lazer, observadas as 'migrações universitárias' deste novo nicho urbano, principalmente na rota inversa, da metrópole para o interior.

Trasladada para o contexto de Pelotas (cidade média), com o intuito de compreender as regularidades e permanências das relações socioculturais destas megacidades, até então vistas nas sociedades urbanas-industriais globais movidas pelos fluxos intensos apontando para um possível desmantelamento de vínculos, conforme a era de estudos pós-modernos acena para determinados aspectos das sociabilidades, entendidas as relações sociais desprovidas a partir problemas individuais e coletivos sobre o esvaziamento, solidão, liquidez etc.

Sob a ótica de Magnani, direcionada para o foco etnográfico 'de perto e de dentro' situada no olhar atento para as relações sociais estabelecidas, o autor aponta as atividades contínuas que a metrópole ainda apresenta se estivermos atentos. Veremos como isso pode ser desenvolvido em algumas destas categorias familiares.

Mesmo que não estejamos em contexto de uma metrópole, Pelotas, entendida como uma cidade do interior, ou uma cidade média⁴⁸, principalmente sob a análise populacional institucional que quantifica por meio de dados geográficos e estatísticos. Cabe então fazermos as devidas considerações em um sentido qualitativo, para entender este tipo de cidade e as relações de seus cidadãos, conforme Gravano e Silva (2017)⁴⁹ acentuam ao problematizar e superar o reducionismo (no sentido estatístico), independente da escala e da quantidade de seus habitantes. Avançando na construção do objeto como fator de uma antropologia urbana, portanto, isso implica em incluir o meio urbano tomado pelos agentes empíricos, a partir de suas experiências individuais e coletivas, como parte dos objetos e não como mero contexto de temas e problemas.

Contudo, além da definição de escalas, e já inserindo no trabalho, evidenciado como um desafio epistêmico para uma antropologia das cidades

⁴⁸ As cidades médias, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são aquelas que apresentam população entre 100 e 500 mil habitantes. A título de conhecimento, cabe ressaltar que cerca de 90% dos municípios brasileiros são habitadas por municípios de até 50 mil habitantes. Dentre os 5.655 municípios integrados ao Brasil, 5.282 municípios configuram a habitação da escala mencionada. Censo Demográfico de 2010. Retirado de Silva (2013).

⁴⁹ Para mais informações, ver no Dossiê "Antropologia das cidades médias", elaborado por Ariel Gravano e Ana Silva na Revista *Illuminuras*, edição de 2018.

médias, dando especificamente relevância para sua articulação “entre las dimensiones histórico-estrutural y simbólico” (ARIEL; GRAVANO, p. 6, 2017). Apoiado na reflexão dos autores, daremos ênfase para a qualidade das práticas entre os habitantes e, dessa forma, utilizamos os recursos conceituais e empíricos de Magnani na condição da experiência etnográfica realizada.

Dando atenção em específico para a qualidade das práticas dos habitantes do local de pesquisa, cabe darmos foco a outra temporalidade que caracteriza o bairro como juvenil-universitário. Esta caracterização somente foi possível a partir do mapeamento realizado por meio da etnografia urbana e da duração, de forma a reunir elementos que caracterizam esta outra temporalidade, sob o enfoque das sociabilidades e práticas juvenis.

Com base nas categorias criadas por Magnani, onde procurou detectar e desmitificar determinadas práticas culturais consistentes das relações *na* e *da* metropole, mais especificamente na cidade de São Paulo, a partir de espaços e lugares urbanos que definem seus estilos de vida, como a periferia e o centro, acabou nos remetendo para esta categoria de análise da qual define como *circuito*. Com esta categoria foi possível, sob o enfoque da temporalidade, produzir uma leitura que identifique a passagem e o entrecruzamento de escalas de cidade como a colonial, imperial e democrática, a partir da durabilidade das ações no tempo, como aponta Rocha (1994), para categorias de sociabilidade que formam a cidade como as ruas, bairros e lugares, em Magnani (2002), empreendendo a perspectiva etnográfica de ‘perto e dentro’ que propôs o antropólogo. Abaixo uma explicação do autor, que irá guiar o debate deste capítulo.

O *circuito* passa, assim, a abrigar diversas classes de atores, inclui os espaços onde ocorrem suas práticas e se pauta pelo calendário de sua realização. Não se trata apenas de identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas que estão em relação por compartilharem determinados interesses, valores, práticas: o que torna vivo o *circuito* é a movimentação dos atores, que pode ser apreciada, por exemplo, nos eventos, celebrações, rituais coletivos etc. Um evento local mobilizará pessoas, objetos, etc., de forma diferente de um evento de âmbito nacional.

Outro ponto de encontro que faz parte do circuito dos jovens é o Bar do Zé – pode ser interpretado como *mancha*, que possui um caráter mais particular, mas

ainda assim amplo. Novamente, a partir de Magnani e Mantense (2007) quando explicam que:

Manchas são áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Essa categoria foi proposta para descrever um determinado tipo de arranjo espacial, mais estável na paisagem urbana se comparado, por exemplo, com a de “pedaço”, mais estreitamente ligada à dinâmica do grupo que com ela se identifica. A qualquer momento os membros de um pedaço podem eleger outro espaço como ponto de referência e lugar de encontro. A mancha, ao contrário, é resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, e que é o motivo da afluência de seu público, está mais ancorada na paisagem do que nos eventuais. (MAGNANI, MANTESE, 2007, p. 56).

Portanto, identificamos um tipo de mancha urbana caracterizada pelo conceito teórico e portuário, pelo contexto relacional, criada com a inserção da Universidade. Assim, efetiva-se um espaço urbano tanto para práticas mais particulares dos grupos por meio das manchas, quando conformam um circuito mais diversificado fazendo surgir diversos equipamentos culturais noturnos em estabelecimentos, como o Bar do Zé, Papuera Bar, o Galpão do Rock, Galpão Satolep, até o último e mais recente no Porto como o evento artístico Sofá na Rua. Cada um destes equipamentos citados está inserido em um circuito noturno do bairro por meio de práticas semelhantes como as sociabilidades coletivas.

3.4 Bar do Zé

Com a chegada da Universidade no bairro, tornou-se um ponto de encontro para o público universitário das ‘humanas, sociais e das artes’, ou seja, os estudantes que passaram a frequentar o entorno dos bar com funcionamento principalmente à noite. Em meados de 1950, funcionava como um armazém para frequentadores e moradores da área agroindustrial, conforme situamos nos capítulos anteriores.

Mesmo assim, o local resguarda uma característica importante, pois, além do público jovem, atraía os demais públicos, ou seja, os moradores mais antigos. Por isso, se tornou um ponto de encontro para alguns grupos como a galera do rap, hip-

hop e do grafite que ali faziam o ‘barulho’ e suas movimentações artísticas no anonimato, segundo guia a ética⁵⁰ destes atores.

Neste mesmo ambiente também foi possível observar o início da realização dos trajetos dos ‘rolês’ entre pixadores e grafiteiros. Nesse rolê particular, a ‘missão’ era realizada entre uma série de grupos: desde os ‘manos’ e pixadores do HP (Hip-Hop) alguns advindos do bairro Dunas, periferia de Pelotas. De modo semelhante, também poderiam ser encontrados pixadores do Fragata, que, como também foi notado, por meio do fardamento utilizado, membros respectivos das torcidas organizadas de futebol como a do Esporte Clube Pelotas (E.C.P) – Força Jovem de Pelotas (FJP).

Além disso, o estabelecimento atrai músicos mais antigos e segmentos musicais como sambas da velha guarda da cidade, além de outros generos como o pop rock. Na perspectiva do ethos de Geertz (1989), acaba produzindo valores e performances de uma ‘geração de gerações’ provendo continuidades cotidianas do bairro em relação a certas sociabilidades. Criando subsistemas de vida, como a formação de setores do subemprego informal, entre músicos e universitários, que acabam se tornando universitários-músicos, entre frequentadores, usuários e artistas durante a semana.

⁵⁰ A ética relacional e situacional que configura o ambiente, o extraordinário no cotidiano no qual conforma estes atores, está situada em valores compartilhados no espaço público, principalmente na indiscriminação da violência simbólica como fatores étnicos, sexuais e de vulnerabilidade socioeconômica. O que, como já foi apontado, está estreitamente relacionado com as situações daquele momento, e, portanto, não quer dizer que seja universal em outras situações relações ‘fora’ deste ambiente.

Figura 29: Frente do Bar do Zé



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

Figura 30: Dia de encontro no Bar do Zé



Fonte: Foto tirada pelo autor (2017).

3.5 Galpão Satolep

Dentro do circuito há o Galpão do Rock, criado no ano de 2003, pelo produtor cultural Manoal Robe, que tinha como um dos objetivos criar um espaço 'underground' para a galera do rock and roll. Para realização do reduto, era necessário criar um ambiente propício e, de acordo com o termo expressado "underground", somente seria possível se combinado com o cenário. O cenário seria a região portuária de Pelotas, tendo o seu complexo fabril degradado pela desistência de uma série de atividades não mais rentáveis no setor, que tiveram as atividades centralizadas em outras partes do estado e do país, além do abandono da infraestrutura do bairro, sob tutela do agente público local.

‘Galpão Satolep⁵¹’ ou mais conhecido como ‘Galpão do Rock’ teve seu auge nos anos 1990 e 2008 [especificamente no recorte do gênero do rock, metal, heavy metal, hardcore e afins] trazendo bandas do cenário nacional como Raimundos, Ratos de Porão, Dead Fishe bandas locais undergrounds, além de excelentes bandas covers.

Desta forma, estes elementos produzidos pelo bairro são norteadores para designar um ambiente cultural, que ‘foge’ dos padrões comerciais e de modismos que estão fora do centro ou da mídia.

André: ‘Tchê’... Eu morei aqui no Porto, de 2004 a 2008 antes de ir pra praia [bairro do Laranjal - Zona Norte] com a minha mãe, e cara... era muito metal, rock, hardcore, punk que rolava no Galpão... aquela coisa bem trash. Bom tu vê, pela aparência do ‘negócio’. 50 metros quadrado (m²) tudo rebocado com cimento. Bem aquele tipo de lugar só para estocar produto... Galpão... o nome já diz tudo... Um depósito... então é isso, um lugar trash merecia bandas trashes... depósito da nossa loucura. Hoje em dia, eu quase não frequento mais.. tô mais velho né. Tenho mais responsabilidade. E tem outra coisa né... com a instalação da Universidade, aí, diversificou o perfil. Tem festa de rap, funk.. São as gerações cara...(Relato de André Gomes, 25 de maio de 2018).

Jonas Fernandes: Eu morei minha infância aqui, na década de 1970 até 1995, tinha toda uma ‘função’ da cultura negra e operária aqui no Porto, a sociabilidade produzida aqui era muito mais voltada para os Clubes Negros, para os cordões de carnaval. Tinha toda aquela coisa ligada ao trabalho do estivador, descarregador de mercadoria e área pesqueira. O samba e a musicalidade nossa era toda criada aqui nessa região portuária que ia desembocar lá no centro da cidade, e na criação da música dos Clubes Negros mais dessa região. Hoje em dia, mesmo com os moradores antigos que trabalharam no Anglo e na Brahma, esse último aí, já mais velhos, a rotina do Porto mudou com toda dinâmica universitária. É outra pegada. (Relato de Jonas Fernandes, 13 de agosto de 2018).

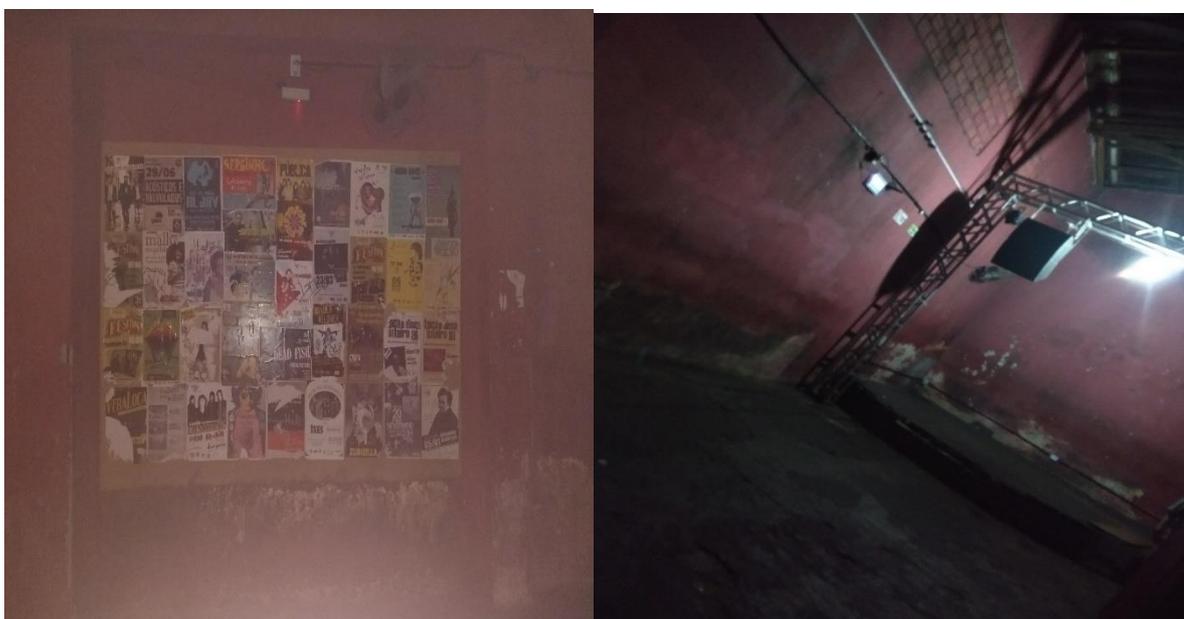
⁵¹ Nota-se, em comparação com outras cidades do Brasil, que há uma relação de inventividade entre a função do patrimônio industrial configurado em outros tipos de setores; como o da produção cultural. Criando espaços de lazer e de consumo de atividades artísticas e culturais. Como exemplos, tomamos o primeiro, Pelotas, no caso do Galpão Satolep, um antigo depósito de grãos, construído a partir das técnicas do cimento penteado, como pode ser visualizado na imagem. Já em Porto Alegre, no antigo depósito fabril, atualmente chamado de Pepsi On Stage, uma casa de eventos com show nacionais e internacionais. Além da cidade de São Paulo, com a Casa das Caldeiras, patrimônio tombado com construção fabril de alvenaria que aporta os mais diversos tipos de eventos.

Figura 31: Entrada do Galpão Satolep



Fonte: Foto tirada pelo autor (2018).

Figura 32: Estrutura da festa: A esquerda, o Painel das bandas, e a direita o palco.



Fonte: Foto tirada pelo autor (2018).

Figura 33: Banda Acústivos e Valvulados



Fonte: Nanda Cassel (2008).

Por meio da diversificação do público local com a instalação da UFPel no bairro e, conseqüentemente, com a chegada dos moradores universitários, o nome mudou para Galpão Satolep⁵².

Decodificado o termo necessário para um primeiro acesso das práticas do local, ocorre uma dinâmica própria de convivência, regras e ordenamento entre grupos desde os mais 'undergrounds' como alguns remanescentes do trashmetal, punk, grupos femininos de góticas, até os atuais, muito solicitados como o funk, música pop, entre outros. O Bar do Zé para alguns grupos serve como um 'esquentar' para o Galpão.

Atualmente, o equipamento é frequentado mais assiduamente pelo grupo universitário-juvenil que reside no bairro, mas também tem como público os demais grupos universitários espalhados pela cidade.

⁵² "A prosódia de Pelotas ficava ruim para cantar. Foi aí, que um amigo sugeriu porque costumávamos falar palavras ao contrário", explica. Além de criar esse termo, em suas apresentações, Ramil apresentava-se como o Barão de Satolep, um nobre pelotense, pálido e corcunda, alter-ego do artista, figura ao mesmo tempo divertida e mal-humorada. Satolep quer dizer Pelotas ao contrário, ou como um anagrama, que lido da direita para a esquerda forma o nome da cidade de "Pelotas", como indica o criador da alcunha, Vitor Ramil no livro Satolep.

3.6 Sofá na Rua

Situado o contexto que dá forma ao ambiente, além de observado e descrito, agora podemos trazer definitivamente as ‘etnografias do domingo’ (ethnographies du dimanche) como exposto na introdução, citado por Levi-Strauss e realizado por Dina Dreyfus e sua equipe, na intenção de observar o máximo possível em diversos cantos de São Paulo com o intuito de pesquisar a realização de um inventariamento no plano cultural de São Paulo (há época do modernismo, sob o convite do então Secretário de Cultura e Folclore, Mário de Andrade). Dreyfus atuava especificamente na abordagem entre o folclore (festas populares étnicas) por meio da ferramenta etnográfica na sua forma descritiva.

Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos*, já notava que a abordagem inicial sobre as diferentes práticas culturais na cidade, era uma amostra do potencial da etnografia urbana brasileira. Dessa forma, tomo como ideia, ao transpor o termo utilizado por Lévi-Strauss, para o tempo e cenário dentro de práticas culturais que circunda o meu contexto, quando realizei as incursões etnográficas durante os domingos.

Certamente, esta pesquisa nem o pesquisador têm a ambição de inventariar um plano cultural pelotense, e o ‘Sofá’, apelidado carinhosamente pelos frequentadores, não se caracteriza estritamente como um evento folclórico e nem uma unanimidade ao caráter popular (ainda que seja suscetível de discussão), embora tenha elementos quantitativos que o credenciem para tal. Mas, por outro lado, busca de forma lúdica elucidar aspectos folclóricos entre histórias, mitos e lendas, em uma versão urbana, e não oficial, em contar a própria desconstrução destes folclores, por vezes tomados de preconceitos raciais, étnicos, pelo senso comum da história. Assim, me insiro no trabalho de campo a lá “etnógrafo dos domingos” a fim de prover observações sobre as práticas criadas no Sofá na Rua. Aos poucos, os encontros dominicais foram abrindo diversas pautas de observação, questionamentos e daí por diante, tal como exemplificarei nas próximas linhas.

“Para sair do eixo? Pega e bota o Sofá na Rua”, disse Marcelo Rota, um dos primeiros frequentadores do Sofá. Assim nasce o Sofá na Rua em Pelotas. Embrionada pelo coletivo cultural Fora do Eixo (FdE)⁵³ de abrangência nacional,

⁵³ Para uma melhor leitura e compreensão profunda sobre a história do coletivo, ver Savazzoni (2013; 2014) e Irisarri (2015).

tendo sua criação em Goiás e se espalhando rapidamente para diversas cidades do Brasil. Desde 2012, em Pelotas, iniciaram suas atividades morando em casas de cinco a seis pessoas, trabalhando no formato coletivo com o ideal de prover atividades artísticas na cidade. Assim, surge a primeira edição do Sofá na Rua, ainda na sede do coletivo, na Rua Almirante Tamandaré. Sempre com preocupação de prover a independência do setor artístico (por isso, fora do eixo monopolizador das atividades artísticas-cultural Rio de Janeiro/São Paulo) encontra um sistema alternativo antimercadológico de ocupar o espaço público, a rua e, principalmente, produzir um ambiente que agregue pessoas e grupos. Ao mesmo tempo, busca fomentar esse novo tipo de sociabilidade, até então inexistente neste formato, na planificação do cultivo de uma nova cultura urbana pelotense.

Em 2014, já desvinculado ao FdE, o evento é remodelado a partir de aprovação do projeto submetido no Programa de Incentivo à Cultura (Procultura), da Prefeitura Municipal de Pelotas, tendo seu lançamento já na rua José do Patrocínio, na região do Porto. Ao total daquele ano, foram realizadas dezoito edições. Surge assim mais uma *mancha de lazer* inserida no contexto juvenil-universitário na perspectiva da cidade democrática.

A organização do evento Sofá na Rua buscou trazer o que chama de “ambiente de paz” com o objetivo de conscientizar a respeito do espaço público. Para dar movimento ao evento, atrelam as seguintes redes temáticas: *economia criativa* que envolvem o setor de alimentação, com os o food trucks, carroças de pipoca, doces e bebidas artesanais, até o espaço compartilhado na calçada para expositores de diferentes produtos, livros, bijuterias artesanais e, ultimamente, com o forte incentivo à moda, com os brechós.

No setor do audiovisual, há o Cine Clube, onde realizam mostras e apresentação de filmes independentes. No âmbito do lúdico, há o espaço kids ‘Sofazinho’ composto por atividades artísticas para os ‘pequenos’ (crianças de 1 a 6 anos) que desenvolve atividades lúdicas como pintura, desenhos, montagem de quebra-cabeças e outras brincadeiras.

Intercalando processos pedagógicos no urbano, entre ludicidade e conhecimento, “a verdade é que os processos educativos autônomos se dão informalmente há muito tempo, nas brincadeiras de rua, no esporte de várzea” (FEIXA, 2016).

Figura 34: Famílias no primeiro plano e no segundo o Sofazinho



Fonte: Foto tirada pelo autor (2018).

Figura 35: Desenhos realizados no Sofazinho



Fonte: Foto tirada pelo autor (2018).

Figura 36: Grafias e desenhos no asfalto



Fonte: Foto tirada pelo autor (2018).

Em relação à performance e a literatura, é realizado o *Poeme-se*, espaço aberto no qual o Mestre de Cerimônias, Higor Alencaragão de Carvalho (MC), apresenta os poemas com os interessados em participar do espaço sempre em consonância com a temática do evento. Atuam também na rede temática do esporte, entre práticas esportivas de skate e basquete de rua 3x3 (versus três).

Como percebido, o Sofá na Rua vem na articulação em rede com diferentes coletivos, criando espaços de autonomia e permissibilidade desde os usuários e potenciais fruidores e consumidores. O sentido de autonomia pelas culturas juvenis vem carregado de afetos e diversas motivações que aprofundam o sentimento de se tornarem protagonistas daquele espaço: como o caso de Júlio, de 16 anos, paraplégico. Em um dos dias que estava no evento, pude observá-lo vendendo doces artesanais (brigadeiros de morango) em sua cadeira de rodas, com seus familiares em torno no auxílio.

Ao comprar um doce e iniciar uma breve conversa, perguntei o que ele achava do evento, prontamente ele me disse que ali: “Ao invés de ele ser olhado diferente por andar numa cadeira de rodas”, ele era olhado “por ser diferente entre os diferentes, ” o que tornava próximo. Tirando o fato de se sentir protagonista por estar comandando uma atividade econômica que rendia uma “boa grana” para, inclusive, custear uma parte de sua fisioterapia. Disse gostar também em razão da

recepção calorosa com que sempre era recebido quando participava. O fato de ser uma rua de difícil acesso, ou praticamente não haver acessibilidade naquele equipamento urbano, era importante, mas não fazia muita diferença naquele momento.

Espalhados pelos meios-fios da calçada e na continuidade da rua há, uma variedade de grupos de jovens-adultos conversando, tirando fotos, gravando vídeos e demais grupos familiares que levam suas cadeiras de praia e tomam seu chimarrão da tarde, olhando o movimento. Uma anotação importante é o grande fluxo de animais de estimação – os ‘pets’, animais domésticos, trazendo grande espaço para os cães, formando além de um encontro e sociabilidades de humanos e não humanos (animais).

Além de todas as atividades mencionadas (totalizando 60 edições, sendo uma a cada mês, desde 2012 até o final de 2018), o evento vai se remodelando a partir de determinadas pautas locais que a equipe organizadora julga necessário abordar ao decorrer dos meses, bem como em virtude de assuntos que queiram transmitir de forma local⁵⁴ (CASTELLS, 2005). Dentre as atividades como, por exemplo, o Dia das Crianças, Consciência Negra, Festa Junina ou temas que predominam no cotidiano político como ódio, preconceito, além da cultura do folclore como apontamos – Festa Junina ou ‘Julina’ –, temáticas sociais que representam a periferia como o hip-hop, rap, skate, samba, além de artes performáticas como o teatro e a linguagem audiovisual a partir do cinema, entre outras datas comemorativas ou propósitos que são construídos e criados vistos pela organização como pertinentes.

Como tática de comunicação, utilizam a via da rede digital e das mídias sociais, na busca do amplo acesso de divulgação, via *Facebook* e *Instagram* usam como estratégias o *kitsch*⁵⁵ como forma de visualização e chamariz das atividades. Abaixo algumas artes digitais produzidas pelo Sofá.

⁵⁴ Termo criado pelo sociólogo Manuel Castells do qual propõe produzir abordagens multigeográficas em virtude da conexão pelas redes. Assuntos globais nas pautas locais das pessoas. Global + Local = Glocal.

⁵⁵ O termo kitsch é utilizado para designar o mau gosto artístico e produções consideradas de qualidade inferior. Foi subvertido e apropriado pelos meios de comunicação e televisão na elaboração de cartazes e folders de caráter artístico, mesclados entre a sua concepção original o romantismo e a literatura popular, como o brega e outros gêneros, além da linguagem política.

Figura 37: Edições do Sofá na Rua.



Fonte: Foto retirada da internet (2018).

No centro das duas paralelas que forma uma 'cruz' urbana das ruas (Conde de Porto Alegre e José do Patrocínio) fica o palco principal em que, a partir de determinado período, se remodifica este espaço e toma outra 'noção' da rua - das experimentações afetivas. Ao passo que são realizados shows de bandas ou grupos artísticos, neste caso, como presenciado - uma banda de forró -, as pessoas se 'ajuntaram' para dançar o típico 'forró pé de serra', e, a partir dali, as coisas esquentam. Ao anoitecer, os pequenos grupos familiares saem de 'cena' e lá o espaço juvenil-universitário toma conta. A festa começa e vai noite a dentro e depois 'vaza do Sofá' para outros pontos da cidade. Os 'outros' estão sempre em movimento. O outro ou os outros no Sofá, podem ser percebidos em diferentes

grupos que compõe a cena, como ativistas veganos, grupos sociais e artísticos como o de hip-hop e rap: ‘os manos’; assim como os gaúchos mais tradicionais confeccionados pela vestimenta da pilcha⁵⁶.

Geralmente, a caracterização deste último grupo mencionado é tomada por jovens que estudam os cursos agrários: Agronomia, Zootecnia, Medicina Veterinária, Engenharia Agrícola e utilizam somente a bombacha (calça), boina, alpagarta (sapatilha). Esta geração mais jovem, chamada em tom de brincadeira pelos mais ‘taipas⁵⁷’ como ‘gauchão de apartamento’ em detrimento pelo momento de abertura e pela modificação da própria cultura gaúcha com a modernidade. Em outras palavras, seria a geração “Nutela versus a raiz”, que se coloca atualmente na mimetização da vida cibernética (LEITÃO; GOMES, 2013). Em uma análise sintomática da produção urbana que este trabalho se propõe, também se acentua as perspectivas da cidade nos corpos e nas práticas urbanas sinalizados pelo tempo.

Podemos também encontrar a galera do ‘good vibes⁵⁸’, que se desloca de bairros mais longínquos em virtude da sensação de tranquilidade e de conforto em um domingo. Grupos atléticos, os frequentadores das academias, os ‘bombados’ e os ‘fitness’ também podem ser facilmente encontrados e percebidos. Há também a ‘galera das ‘magrelas’ (motos) e dos ‘rebaixados’ (carros personalizados, tunados), e sem falar na diversidade de gênero dos grupos homoafetivos.

Percebe-se ainda como uma noção de permissibilidade desse contexto produzido no evento Sofá na Rua é importante para a produção de autonomia, como observado no evento e narrado por um casal homoafetivo de uma faixa etária mais alta que preferiu não ter seus nomes revelados por questões pessoais e de segurança.

Aqui no sofá, é como se fosse um escudo para a gente sabe.... Mesmo com todo o pessoal ‘diferente’ que vem para cá, de tudo que é lugar da cidade e até de outras cidades como Rio Grande, ainda nos sentimos confortáveis para nos permitir minimamente sermos nós mesmas publicamente. Podemos ser do jeito que somos, porque aqui encontramos também muitas pessoas que são e estão como nós (na mesma situação). Então, é muito bom, tu vir para um lugar público e poder se manifestar e agir do jeito que tu é, sem ver aquele pessoal todo te olhando de um jeito diferente, e te

⁵⁶ Indumentária tradicional da cultura gaúcha, utilizada por homens e mulheres de todas as idades.

⁵⁷ Gaúchos mais velhos e mais experientes, mais tradicionais.

⁵⁸ Boas vibrações em inglês. O termo, em geral, é utilizado para falar da energia, seja de alguém ou de alguma coisa. É utilizada por muito jovens para descrever pessoas, lugares ou coisas. Aproveitar o momento, festa ou lugar.

vigiando, quase como um controle moral, de comportamento mesmo. Bah, isso é um alívio tão grande para a gente. [...] De alguma forma podemos nos permitir a ser que somos... Pelotas ainda é muito complicado...

(Relatos do casal, 27 de setembro de 2018).

Realmente, a sensação no primeiro momento é de se estar em um outro lugar, ambientado pela cultura da paz, provocando uma sensação de tranquilidade e, principalmente, pela permissibilidade dos afetos. Estar no Sofá é um ambiente que provoca uma cisão do tempo ordinário do cotidiano, produzindo espaços liminares, conforme aponta Turner (1974).

Ou seja, os que estão inseridos às margens no sentido literal da palavra, incluindo seus moradores pertencentes aos 'cinturões de miséria' da qual relembra Jonas, neste determinado momento são ambientados no contexto liminar, tornando-se praticantes daquele espaço.

Figura 38: Moradores do bairro



Fonte: Sofá na Rua (2018).

Diferentemente pelo motivo, mas incluídos por uma estrutura social, uma outra parte social do grupo, marginalizados por sua condição cultural, sexual e de gênero também são inseridos em uma aceitação como membros pertencentes daquela comunidade. Ao propor uma situação liminar, Turner (1974, p.5) afirma que:

(...) não estão aqui nem lá, são um grau intermediário. Tais fases e pessoas podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem”.

No sentido de prover uma interpretação antropológica, entre a antropologia dos rituais e performances, transpondo-as para a antropologia urbana, a partir das práticas cidadinas, podemos propor uma leitura cruzada entre as táticas urbanas na produção de um cotidiano juvenil por Michel De Certeau (1980). Promovida na ocupação do espaço público, articuladas de caráter político e produtoras de um ativismo intrínseco a participação dos frequentadores, criando no ambiente do bairro memórias do corpo que ocupam a cidade, tal como situa Espósito (2014), até o fenômeno do compartilhamento coletivo-associativo das trocas por uma determinada dinâmica conferida em Mauss (1925). Em síntese, palavras-chave como estratégias para ocupar o espaço público de forma compartilhada caracterizam esta passagem performances urbanas.

Desta forma, o ambiente desta mancha portuária vai reconfigurando a prática do lugar, tomada pelo arranjo entre o entendimento do instrumento político por meio do ativismo artístico ou do termo *artivismo*, como propõe Di Giovanni (2015) reinventando as práticas de sociabilidade, sendo que o caminho da liberdade é a rua. Essa reconfiguração da cultura urbana desenvolvida acaba criando uma produção de sentido que gera simulacros de liberdade compartilhados por uma economia das margens⁵⁹ (BENTES, 2013) inserida na capacidade crítica das manifestações artísticas, e não somente mantendo uma estrutura que reproduz uma dinâmica estritamente atrelada ao consumo⁶⁰.

Ou seja, a contra narrativa em relação ao bairro aqui também é aplicada como a de Jonas, mas diferentemente da busca por uma preservação étnica em

⁵⁹ Conforme Veena Das e Deborah Poole (2004; 2008), as margens se referem a três definições que podem ser dialogadas em algum grau neste trabalho problematizando a questão entre Estado e suas margens ou poder central e periferia. Sendo assim, as margens da legalidade oficial, as margens da legibilidade estatal (referência à burocracia escrita) e as margens da normalidade como espaço entre os corpos, a lei e a disciplina (referência ao “biopoder” de Michel Foucault).

⁶⁰ Referimo-nos às práticas semelhantes do “Do It Your Self (DIY) – Faça Você Mesmo; e ao movimento Punk na metade da década de 1970. Quando adeptos do movimento passaram a comprar menos roupas de lojas grandes, priorizando roupas de brechó ou reformada por eles próprios; os músicos adeptos ao gênero produziam seus álbuns e shows de forma independente, sem a mediação de uma gravadora ou distribuidora, dependendo fortemente de estratégias de divulgação como design e distribuição de flyers, pôsteres e outras peças gráficas.

destrimento de uma cultura tradicional. O discurso, por sua vez, tem o enfoque em outro aspecto que possivelmente se articula em algum grau menor, mas sendo sumariamente apresentado aos frequentadores no discurso de revitalização do bairro (porto) de um espaço estigmatizado pela violência⁶¹, precarizado pelo tempo, para um espaço da promoção da cultura da paz, na ocupação do espaço público e, assim, reconfigurando práticas do bairro na arena cultural urbana.

Figura 39: Sociabilidades no Sofá na Rua



Fonte: Foto tirada pelo autor (2018).

Outro fator interessante que baliza a definição destas práticas no Sofá, pode ser interpretado pelo aspecto geracional presente no evento Sofá na Rua, que acaba agenciando as sociabilidades temporais, entre moradores mais antigos e os novos moradores, bem como transeuntes do evento. Especificamente neste evento, a nitidez corporal de ocupação do espaço é mais presente. Assim, como no Bar do Zé, a ocupação do espaço da rua é literalmente performática no sentido de se

⁶¹ A título de observação, se pode constatar essa estigmatização de bairro violento, pois é grande o número de residências e prédios constituídos com sistemas de segurança e alarmes por meio das empresas de vigilância. Há uma variedade extensa de empresas com slogans das empresas estampadas nas casas do bairro. Houve também um famoso caso de milícia, conhecido como NASF, que realizavam patrulhas no bairro, e em outros municípios próximos a Pelotas. Em 2017, 9 pessoas da empresa foram condenadas entre 9 a 14 anos de prisão por abuso de autoridade, maus tratos e tortura.

estabelecerem fixados, seja sentado nas cadeiras de plástico do bar, e principalmente sentados no meio da rua, no meio fio das calçadas. Em um sentido de relaxamento e descompromisso de valores e normas de postura, que outros espaços mais 'requintados' possam sugerir e, tecnicamente, obrigá-los a este tipo de controle.

Abaixo na imagem está Seu Osvaldo, com seus 85 anos, frequentador sempre que possível do Sofá. Diversos casais de uma faixa etária maior também frequentam, tanto do bairro quanto de outras partes da cidade.

Figura 40: Geração de Sociabilidades



Fonte: Foto retirada da página do Sofá na Rua.

Com isso, podemos concordar com a provocação de Bourdieu (1983) quando pergunta: “A juventude é apenas uma palavra?” Como afirmou o autor, em sua provocação. E sim, juventude “são muitas palavras” (BARBOSA, 2007). Além deles, também apresentam uma resposta à provocação feita por Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996) que propõem a superação de considerações sobre a juventude como mera categorização por idade e como portadora de características uniformes. Não são práticas apenas estabelecidas por uma faixa etária ou ainda produzidas sob uma

condição socioeconômica que se estende sob estas práticas ou que lhes permitam a oportunidade de participar.

Neste caso, cabe ressaltar na relação entre o aspecto temporal e geracional, apontando que a noção de juventude vai além do aspecto biológico-vital (da idade e da condição de saúde). Sendo assim, estabelecendo uma fluência entre uma ideia de juventude⁶² proporcionando a amplitude do conceito sob este espaço urbano, criado para produção de uma sociabilidade cultural criando novos arranjos culturais.

Até o final de dezembro de 2018, foram realizadas 60⁶³ edições do Sofá na Rua. Por meio do trabalho de campo realizado na região que conforma o bairro, observando o mapeamento deste circuito juvenil-universitário, pude acompanhar desde a 47^a edição até 59^a, totalizando 11 participações, de julho de 2017 até dezembro de 2018 efetivadas no bairro do Porto.

3.7 Fechando o circuito: território de criatividade e dos riscos

Da mesma forma que se pretendeu mostrar a formação do circuito juvenil-universitário no porto, praticado por múltiplos atores no jogo das gerações, que vão dando as formas informes do bairro como um porto pluriverso, na busca da criação e renovação estética no bairro. A estética a qual nos referimos não somente pela produção gráfica e artística, mas também pelas suas performances na busca de ocupar o espaço e torná-lo, então, um território da criatividade.

Gostaria de ressaltar dois aspectos que conformam estas atividades juvenis-universitárias no campo da sociabilidade. O primeiro seria a produção dos ritos e as práticas de riscos do campo juvenil que conformam este circuito. David Le Breton considera as práticas de risco vivenciadas pelos jovens na contemporaneidade

⁶² Segundo estes mesmo autores que estudam a temática da juventude nas ciências sociais afirmam poder haver diversas noções sobre juventude para análise, a partir de categorias como classe social, etnicidade, corpo, gênero, e até mesmo violência, que fazem parte em algum grau da constituição do próprio Sofá na Rua. Para mais informações ver Barbosa (2013).

⁶³ De acordo com a matéria publicada no Jornal E-cult de Pelotas sobre o Sofá na Rua; ao longo destes 7 anos de atuação, traz alguns dados interessantes que marcam a sua presença com 163 bandas circuladas, 15 brechós parceiros; 12 redes de foodtrucks; 21 exposições de filmes; 36 apresentações cênicas; aproximando um público de 72 mil pessoas; realizando 195 hospedagens de artistas, produtores e mídia livres da América Latina; 40 oficinas.

Retirado de e-cult: http://ecult.com.br/artes/sofa-na-rua-chega-a-sua-60a-edicao-em-pelotas?fbclid=IwAR2yfb-YOfXJThnNNgrQYtMQJtyIDYRw8V1Uyw2RRcApXeUEzJBhE_HO9U8.

como uma forma de substituição dos ritos coletivos de passagem por ritos de reconhecimento social.

Para o autor citado, por não haver nas sociedades urbanas industrializadas contemporâneas um rito mais claramente marcado de passagem da juventude para a vida adulta, ocorreria um sentimento de excesso de “presentificação”, pois o futuro nunca chegaria e buscar-se-ia estender a condição juvenil. Nesse sentido, “as condutas de risco são tentativas de afastar-se da impotência para tornar-se novamente ator de sua própria existência, mesmo que seja preciso pagar o preço (lógica do sacrifício)” (LE BRETON, 2012, p. 36).

Tais atividades de riscos atreladas às sociabilidades noturnas, principalmente no Bar do Zé, convergidas em autonomia e práticas que de lá transbordam para outras partes de cidade, são necessárias para colocá-las em jogo também. Sem querer inserir valor ético-moral de julgamento, mas cabe esclarecer as inúmeras práticas ilegais que se tornam arriscadas e vão formando as sociabilidades de risco.

Já o segundo aspecto versa sobre a utilização da paisagem das ruínas produzidas pelas marcas do tempo, como cenário das práticas criativas da cidade e dos movimentos ilegais como já mencionado. Com isso, a pixação realizada no patrimônio fabril é uma forma de subverter a lógica disciplinar, canônica e oficial deste território indo além, como o próprio pixo como movimento de desterritorialização da própria cidade a partir de novas subjetividades inscritas.

No cruzamento entre os dois aspectos, aqui cabe inserir a pixação como uma escrita relacionada com a arte (PEREIRA, 2014) e não a escrita apenas como técnica, mas como invenção (INGOLD, 2007). Dessa forma, o pixo abordado nos prédios e nos muros seriam a assinatura como performance. Uma prática cultural revestida pela adrenalina e tomada pelos riscos. Assim, entre narrativa, arquitetura e patrimônio na fabricação deste território, as ruínas narram a estética urbana contemporânea provida na linguagem artística da rua - pixação, grafite, sticker, stencil, rabiscos etc. (ROCHA; ECKERT, 2016).

O antropólogo português Ricardo Campos (2016) parte da definição de que as cidades são, quase integralmente, fruto de diversas “operações criativas” que visam a fundação de um território coletivamente habitável resultante, sempre, do confronto entre as contingências do local e uma certa “cosmovisão territorial” (uma ideologia do espaço habitado e da ocupação). O território é um repositório de símbolos que se abre à leitura dos seus habitantes.

São zonas nas quais a transgressão e a capacidade de explorar novos caminhos, características essenciais à criação artística mais alternativa e inovadora, são mais propícias; espaços em que o controle social neste recorte geográfico específico é menos aplicado, em função da estigmatização histórica de periferia do bairro, como já apontado, e, portanto, a expressão da diferença e a responsabilização dos riscos se encontram bem mais intensas e visíveis.

Atualmente, o bairro é conhecido como um dos espaços da cidade para estas práticas criativas. O que, segundo Campos (2016), acarreta uma operação de “estetização” e “patrimonialização” que tornam a cidade um artefato para apreciação de outros atores, como o turista⁶⁴. Em razão da ampla produção visual por meio dos grafites nos muros de antigos galpões e das ruínas, tornou-se um espaço de visitação, tanto pelos próprios moradores quanto pelos próprios turistas.

A introdução do Porto como ponto turístico urbano (não oficial) vem sendo inserido no itinerário do trajeto turístico-cultural pelotense, além do Centro Histórico. Ainda podemos entender a temporalidade da cidade dentro da perspectiva da cidade imperial e colonial que aponta Ana Luiza Rocha, sob o viés artístico (e o cenário europeu-português de Pelotas) no sentido de atualizar o ‘espírito artístico’ nesta temporalidade urbana contemporânea.

Cabe rapidamente uma análise comparativa e de maior abrangência sobre o contexto das cidades globais na busca de entender a partir de um olhar entre os diversos que se podem produzir. A partir do conceito de cidades globais alcunhado por Saskia Sassen (1999) na categorização de determinadas estruturas e equipamentos que conformam estas cidades multinacionais por uma rede de hotelaria de padrão internacional, um sistema de transporte seletivo, sofisticadas agências de serviços especializados, sistemas e empresas de informação.

Magnani (2002, p. 4) cita alguns exemplos ao longo de seu trabalho:

[..] protótipos dessa dinâmica: Nova York, em primeiro lugar, Londres, Tóquio e, além disso, em uma segunda ordem de grandeza, Los Angeles, que resume e concentra as vantagens e os problemas desse tipo de cidade”. Barcelona, outro caso bastante difundido de cidade global, exemplifica uma característica particular dessa tipologia: a busca e o investimento numa “marca” local distintiva. Pois, se de um lado supõe-se que essas cidades dispõem de uma infraestrutura peculiar – o que termina por equalizá-las –,

⁶⁴ Para mais detalhes sobre noção de turismo no bairro, importante ver o trabalho de Da Rosa (2017) sobre o turismo cidadão e grafite como atrativo turístico.

de outro, é fundamental que cada uma apresente um elemento diferencial, de forma a torná-la competitiva na atração de capitais, de mão de obra especializada, na realização de eventos internacionais etc.

Prosseguindo a explicação do autor, o investimento da 'marca local' a partir de uma infraestrutura específica é o que torna a particularidade da cidade nestes novos moldes do planejamento urbano na captação entre os diversos atores estatais, privados, públicos e sociedade civil.

Trazendo para o contexto da pesquisa, primeiro na cidade de Pelotas, parece um momento a tentativa de adaptabilidade do cenário em áreas centrais – como Centro Histórico. Entendendo que estes novos modelos de planejamento de uma cidade conceitual buscam a revitalização de espaços degradados e a recuperação, com novos usos, de edificações e equipamentos "históricos" ou "vernaculares" (ZUKIN, 2000), de forma a atrair novos moradores, usuários e frequentadores.

Desta forma, se nos aproximarmos do bairro do Porto, pode-se verificar a iniciação desta prática, de uma 'marca cultural de consumo', principalmente na atribuição diversa e plural do patrimônio edificado pelotense, em suas formas de ruínas. Assim, estes equipamentos vernaculares fazem parte do cenário turístico, visto que muitos deles são reconfigurados em espaços artísticos, como já mencionado anteriormente.

Tomamos emprestado o conceito de criatividade vernaculares (CAMPOS; ECKERT, 2019) sendo entendidas, aqui, como formas populares não-oficiais, não-canônicas, excêntricas ou transgressivas de criação estética ou performativa, por meio do emprego de um conjunto de recursos elementares (o corpo, a voz, a imagem, tecnologias rudimentares etc.).

Determinadas atividades que ocorrem no espaço se consolidam e ramificam por meio das dinâmicas que só podem ser estabelecidas lá e, principalmente, por determinados grupos que praticam suas atividades; é como se aquele entrecruzamento aos domingos do Sofá na Rua funcionasse como um *Parque Asfáltico* do bairro e da cidade, reunindo uma ampla gama de atividades lúdicas, políticas, performáticas, esportivas, artísticas e até justamente pela ligação entre a estética produzida pela temporalidade que o conforma como bairro fabril-agroindustrial, além da paisagem urbana que produz um outro tipo de dinâmica: o território enquanto potencial criativo do espaço urbano.

Desta forma, o patrimônio fabril do bairro vai alargando estratégias de sua permanência, tanto entre os atores que realizam estas atividades quanto dos moradores e seus frequentadores. Assim, o bairro se fortalece como agenciador de produtos artísticos e culturais. Um exemplo é o próprio Sofá na Rua, atualmente patrocinado pelo grupo Sagres, adquirido pelos grupos Ultramar do Chile e Schandy do Uruguai, empresa marítima e administradora do Porto de Pelotas.

Cabe ressaltar que, no desenvolvimento deste processo conhecido como gentrification (entendidas como áreas de enobrecimento e requalificação do espaço urbano), propõe uma nova dinâmica, principalmente para os centros das cidades e em algum grau como verificado na pesquisa etnográfica, movimenta-se também para a região do Porto. Assim, além de adequá-los como lugares de consumo, inaugura uma nova modalidade de consumo cultural⁶⁵, isto é, o "consumo do lugar", mesmo que em uma proposta alternativa, tal como já fora explicitado.

Neste novo contexto de consumo cultural ambientado por referenciais simbólicos globalizados sob o viés do enobrecimento do bairro, nota-se, espalhadas pelas ruas do bairro, uma rede de equipamentos e serviços como lojinhas de design, cafés e restaurantes gourmets⁶⁶ de ares cosmopolitas com oferta de produtos artesanais, orgânicos e afins. Com isso, nasce o surgimento da presença de grupos hipsters⁶⁷ oriundos da própria cidade e do bairro, até a inserção já mencionada dos novos moradores estudantis universitário nestes novos equipamentos inseridos no contexto atual do Porto.

⁶⁵ Podemos situar entre as atividades que caracterizam como um consumo cultural, além do Sofá na Rua, a Abertura Cultural promovida pela UFPel, em parceria o próprio Sofá na Rua, e com empresas locais como a Freedom e a Sagres. Link da programação de atividades: <https://wp.ufpel.edu.br/aberturacultural/quadro-de-horarios-programacao/>. Junto com a qualificação das praças próximas da Alfândega, a partir do Parque Linear. Pode ser visualizado em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/04/12/ufpel-e-ucpel-elaboram-projeto-de-praca-linear-no-porto/>.

⁶⁶ Gourmet é um ideal cultural associado com a arte culinária da boa comida e bebida, de *haute cuisine* (alta gastronomia). Assim, um restaurante se diz gourmet quando este é de alta qualidade e está reservado a paladares mais avançados e a experiências gastronômicas mais elaboradas.

⁶⁷ Segundo Alcântara (2018), uma concepção ampla do termo hipster pode ser entendida como a chegada de novos moradores (e de estabelecimentos e serviços a eles destinados) genericamente classificados como hipsters, podendo ser descritos como jovens adultos (majoritariamente entre 25 e 35 anos) com poder aquisitivo elevado, em geral interessados por tendências globais de comportamento e consumo, vinculados a áreas profissionais tidas como criativas (como comunicação, tecnologia, arquitetura e artes), que valorizam características da região central (como a diversidade e a infraestrutura de serviços públicos), que possuem estilos de vida e modos de consumo que privilegiam locais pequenos, discretos, voltados a um público reduzido, cujos produtos e serviços são sempre associados a adjetivos ou expressões que sugerem um alto nível de especialização ou exclusividade: artesanal, orgânico, vegano, autoral etc.

Sendo assim, cabe propor a tríade que envolve o bairro do Porto entre habitação geracional (das gerações fabris ao tempo universitário) até suas práticas pelos transeuntes na qualificação de um laboratório urbano artístico (das experimentações as práticas culturais) vão costurando consumos e determinadas práticas. Nestes novos arranjos aplicados aos riscos aliados à criatividade e em consonância com as diferentes disputas e compartilhamento (no sentido de descoberta de um ponto de vista, e não simplesmente de rivalidade ou de pertença ao território) se inserem novos frequentadores e usuários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, propomos caracterizar duas passagens que nos fornecem pistas para interpretarmos a temporalidade do bairro do Porto. A primeira, marcada por meio dos estudos da memória e da rememoração, com Jonas Santos que, na figura do narrador urbano, relata um Porto baseado em suas vivências de ex-morador, permeadas por atividades fabris e agroindustriais, bem como sendo portador urbano em sua individualidade a partir da herança cultural transmitida por meio da difusão étnica da cultura negra africana e pelotense, que também conforma um bairro negro no sentido de estabelecer uma narrativa coletiva em busca da defesa de uma identidade portuária negra.

No seu jogo memorial entre o que vivenciou individualmente e o que lhe foi aprendido por seu núcleo familiar, coletivamente, nos mostra um bairro negro, às margens do exercício cidadão, especificamente em questão ao direito à cidade e da “cidadania de seu grupo”, como relata Jonas. Ou seja, a pertença de inserir-se nas práticas e no exercício ativo tanto das escolhas quanto de decisões, tanto da cidade, quanto especificamente no bairro de forma geral, dos direitos sociais que lhes eram (e são) silenciados e vedados.

Como apresenta sua narrativa, há uma incorporação de outras narrativas que, em certos momentos, não lhe foram presenciadas e nem vividas, mas transmitidas pela ampla comunidade. Nesse sentido, ao mesmo tempo são incorporadas em sua narração. Podemos apontá-lo como um herdeiro urbano, a partir da transmissão de um patrimônio étnico remanescente e imanente, no reforço constante de busca por um espaço, além de evidenciar as estruturas urbanas narradas que conformam uma temporalidade (passada, presente e negociada em busca de um futuro próximo) sempre na permanente dialética, entre sua “afirmação de identidade (perpetuação) quanto a da ipseidade (manutenção de si)” (ROCHA; ECKERT, 2011, p. 110).

A identidade do interlocutor e ex-morador observado pode ser compreendida no interior de um acontecimento narrativo, que tem na sua própria trama o esforço de enquadrar seus percursos ou trajetórias espaciais, simbólicas no bairro, como operador de deslocamentos, que produz e forja um certo tipo de memória das práticas na cidade. Na busca coletiva pelo alargamento de determinadas práticas, sociabilidades e itinerários urbanos percorridos pelo bairro a partir dos quais rodam o seu habitar.

Dessa forma, empregamos nos estudos da memória o exercício da etnografia da duração mostrando a durabilidade destas narrativas que consolidam, ao longo de seu tempo, uma prática cidadina que nos conduz a perceber além da sua durabilidade, a capacidade de negociação e forjamento do tempo por meio das práticas cotidianas, na busca da defesa dos diferentes ritmos pelos quais o bairro passou e vem passando.

Em conexão com esta durabilidade narrada no bairro, tratamos como análise pontual o fato da complexidade das relações que são produzidas na transformação temporal cidadina do lugar. Assim, realizamos na segunda passagem temporal do bairro observado, diante da pesquisa etnográfica sobre um 'tempo presente, presenciado e vivido (pelo pesquisador), a partir das modificações que vem sofrendo com diferentes grupos sociais que estão se estabelecendo na região portuária.

Com base em uma expressiva camada juvenil-universitária, no caso reconfigura arranjos espaciais, antes tomados especificamente ao *labor* - trabalho fabril e industrial, as fábricas, galpões e estabelecimentos comerciais, agora são tratados na forma de equipamentos noturnos do bairro e da cidade a partir da busca pelo lazer e da festa, por meio de agrupamentos em busca de outras rotas para o tempo livre e produção de sociabilidades, afetos ou encontros no bairro.

Como mencionamos na introdução deste trabalho, os encontros temporais em sua conjunção dialética trazem categorias que a cidade e o bairro aqui apresentado se conformam pelo tempo e por suas práticas, materiais e imateriais. Tais categorias se aloca nas sobreposições do tempo: a) entre o antigo e o moderno, entre a fábrica e a universidade; b) conhecido e o novo, moradores nativos e outsiders; além do encontro geracional e habitacional que produz novos arranjos, novas práticas e novos encontros antropológicos, interpostos sobre as diversas e diferentes alteridades, entre os antigos, os novos e seus próprios pares.

Portanto, tal conjunto dialético multitemporal de pensar o tecido urbano traz múltiplos agentes empíricos na forma de atores que acabam criando territórios variados, presenciados e narrados no bairro do Porto. Produzindo também diferentes estéticas urbanas que sobrepõem diferentes temporalidades, mas que coexistem justamente a partir do diferente, pois é especificamente a partir da diferença que a produção de um campo de novas possibilidades é concedida no acesso para formação de múltiplos arranjos.

Compreendemos nesta pesquisa um campo de observação da antropologia urbana versado sobre o enfoque temporal, com base no qual podemos classificar duas características etnográficas: a primeira em sua duração, a partir da durabilidade narrativa sobre o bairro por meio da memória. O viver no bairro e da rememoração em suas estratégias de permanência e negação sobre as diferenças situadas atualmente. Já a segunda, estabelece as dinâmicas culturais contemporâneas em suas práticas por meio dos constantes arranjos.

Como resultado, a partir destas duas características etnográficas elencadas acima, que demarcam diferentes ritmos de vida *do* e *no* bairro, foi possível entender um determinado *formato* mais amplo de olhar para o processo de transformação do bairro, para a variedade de multiplicidade de linguagens territoriais que são produzidas, seja a partir das experiências urbanas, da dimensão narrativa e biográfica abrindo, assim, caminhos interpretativos da vida urbana, mas também para outras grafias ou linguagens da criação artística, como o HQ – Espírito Livre, criado por Jonas em específico sobre o imaginário na produção e operação dos indivíduos e grupos urbanos.

Considerando um enfoque mais amplo que a pesquisa nos permitiu ajustar e, ao mesmo tempo, trasladar o olhar para no mínimo duas diferentes escalas de cidade estabelecidas aqui, entre a metrópole e a cidade média, quando e constatamos que o bairro do Porto, atualmente, vem sendo um determinado ponto de referência para a cidade de Pelotas no âmbito da ocupação e utilização do espaço público, do domínio privado para práticas artísticas e culturais.

Neste sentido, é notável a transformação destes espaços localizados sobretudo em arquiteturas vernaculares (e criativas), instituídos sobre uma região de patrimônio agroindustrial fabril, representado pelo ambiente e por uma paisagem que reflete o cenário dessa constituição em uma temporalidade que produz uma identidade urbana (portuária). Até a sua 'destituição', ao menos, no campo funcional das práticas laborais-fabris, pois, como apresentado na dimensão narrativa ao longo deste trabalho, são constantemente reforçadas nos jogos da memória e da rememoração.

Para um ambiente tomado por práticas juvenis-universitárias, transposto para um cenário tomado por riscos noturnos, e de formação do conhecimento oficial e não-oficial, este último nos encontros ordinários da vida noturna do bairro, situando um cenário de criatividade, autonomia e permissibilidade, que marcam suas práticas

diante da composição patrimonial com seus corpos coletivos na ocupação do espaço público e privado. Novos arranjos são criados pelo domínio das experiências.

As múltiplas temporalidades do bairro são marcadas pela descontinuidade de suas funcionalidades, pois cessam rupturas memoriais na defesa de um viver, do individual, mas também podem ser vistas em continuidade a partir de defesas de outras práticas coletivas. Com efeito, além dos 'fatos' etnográficos apresentados, o questionamento aventado na confecção deste trabalho nos mostra que tanto a cidade quanto a cultura não são capazes de sobreviver sem o seu registro material e imaterial, visto que "para a reconstituição de mundos plurais é preciso estabelecer caminhos pessoais que marcam a vida urbana" (HANNERZ, 1980). Em suma, a cidade está submetida sempre ao processo de produção política das interações.

No caso da pesquisa, as passagens que caracterizam esta sobreposição prática e temporal das sociedades urbanos-industriais marcam, justamente, a transitoriedade empreendida pelo tempo, que nos mostra um tempo contínuo ao seu espírito praticado e, de toda forma, da produção do trabalho de um momento que opera de um espaço fabril e agroindustrial para outro momento universitário-juvenil, provedor de conhecimento e formador de futuros trabalhadores. Cabe destacar que o campo do conhecimento em seus diferentes contextos marcados pelo tempo é equivalente para ambas as temporalidades observadas.

Para evidenciar a vida urbana do bairro, é preciso reconstituir trajetórias de vida como contos, narrativas, seja histórias e estórias, como vimos com interlocutores e parceiros desta pesquisa, ao nos mostrar um caminho de interpretação sobre o bairro, diante de outros possíveis. Neste sentido, a própria teoria urbana é também tomada como um conjunto de narrativas que produzem formas e formatos de se interpretar a cidade. Por meio desses aspectos nos mostram como são negociados em sua duração, coexistindo a partir de suas diferenças, mas pensados em alternativas em razão das práticas e ações cotidianas estabelecidas em outra temporalidade no bairro.

Assim, evidenciamos que tanto o bairro quanto a cidade de Pelotas, observada em sua complexidade temporal e das práticas urbanas, não se torna, em nenhuma hipótese, um objeto inanimado de investigação. Como propomos na titulação deste trabalho, em um sentido alargado, mas contextualizado com a pesquisa, as temporalidades trilham ritmos que conduzem fluxos, que se

comunicam, simbolizam e materializam processos e sistemas culturais que se deslocam sobre a condição temporal da cidade em manter-se praticada no cotidiano de quem os habita.

Por fim, a cidade de Pelotas e o bairro do Porto vão se moldando e dando forma, informando determinadas temporalidades que são fabricadas em distintas realidades como apresentado. Por intermédio das perspectivas de cidades que se projetaram no bairro, diferentes projetos para a cidade vão se criando entre momentos universalistas de determinado período, assim como se criam os particularismos, especificamente articulados em narrativas, como o proposto por esta pesquisa. Por meio da etnografia *do* e *no* bairro, com o enfoque da duração temporal, podemos direcionar para dois projetos de cidade que conformam o bairro: um que aponta a continuidade de uma periferia histórica, que não é homogênea, por sinal, evidenciada a partir das narrativas apresentadas; e outro que conta com a inserção de um polo educacional público e nacional, criando uma ampla comunidade universitária, entendendo como parte de uma revitalização do bairro integrada a partir de agentes diversos, a partir de novos setores comerciais de alimentação, inserção da atividade mobiliária para os estudantes, além dos próprios pontos de lazer criados, movimentando uma camada de profissionais artísticos e comerciais noturnos, além da nova operação portuária instalada.

Sendo assim, podemos compreender a cidade como o produto das experiências humanas, criando léxicos que demarcam o território em determinada temporalidade adquiridas aqui entre as suas experiências provincianas e cosmopolitas, que demarcam e se cruzam na região do bairro do Porto, provendo as múltiplas interações urbanas entre os diferentes agentes empíricos na produção constante de arranjos urbanos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição. **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 69, p. 177-204, 2015.

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011 [2009].

AL-ALAM, Tauê Cardoso. **De operário a universitário: transformações na paisagem do bairro Porto em Pelotas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2011.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes. Gentrificação e hipsterização: um estudo sobre a Vila Buarque (São Paulo, Brasil). **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v2, n6, p. 31-48, novembro de 2018.

ALFONSO, Louise Prado. **Narrativas do passo dos negros**: exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas/UFPel, 2017 (Projeto de Extensão).

ALONSO, José Antonio Fialho. **O cenário regional gaúcho nos anos 90**: convergência ou mais desigualdade? *Indicadores Econômicos FEE*, v. 31, n. 3, p. 97-118, 2003.

ARNONI, Rafael. Relatos no tempo de um lugar esquecido: os Campos Neutrais do Rio Grande do Sul no registro de Saint-Hilaire. **Anais [...]**. V SIMP: Memória e esquecimento. 5 a 7 de outubro de 2011. Pelotas, Brasil.

AXT, Gunter. Panorama da participação da iniciativa privada nacional no setor elétrico do interior gaúcho (1889-1947): contribuições para o estudo do patrimônio industrial urbano. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v.2, n.7, jul./dez.2012.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.

BEAL, Sophia. Obras públicas monumentais, ficção e o regime militar no Brasil (1964-1985). **Revista Escritos**, 2010. p. 259-280.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BENTES, Ivana. Redes Colaborativas e Precariado Produtivo. **Revista Periferia**, v. 1, n. 1, jan./jun.2009.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: Ortiz, Renato (Org). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 [1972]. p. 46-81

_____. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BUENO, Luís. **Nação, Nações: os modernistas e a geração de 30.** Via Atlântica, n. 7, p. 83-97, 2004.

CAMPOS, Ricardo. Visibilidades e invisibilidades urbanas. **Revista de Ciências Sociais**, v. 47, n. 1, p. 49-76, 2016.

CANELAS RUBIM, Antonio. **Políticas culturais no Brasil: tristes tradições.** São Paulo: Galáxia, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Estudo de áreas de fricção interétnica do Brasil** (Projeto de Pesquisa). América Latina, v. 5, n.3, p. 85-90, 1962.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e terra, 2005.

COSTA, Pedro; LOPES, Ricardo. Espaços liminares e vitalidade urbana: Foto-ensaio sobre a apropriação do espaço público em três bairros criativos. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 2, n. 1, p. 103-111, 2013.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

DAL POZ, João. A etnia como sistema: contato, fricção e identidade no Brasil indígena. **Sociedade e Cultura**, v. 6, n. 2, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA ROCHA, Jefferson Marçal; BECKER, Dinizar Fermiano. **As raízes do declínio econômico da Metade Sul do Rio Grande do Sul.** Redes (Santa Cruz do Sul Online), v. 5, n. 1, p. 191-212, 2000. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s12a5.pdf> Acesso em: 26/05/2019.

DA ROCHA Machado, Janete. História da via férrea na zona sul de Porto Alegre. **Oficina do Historiador**, v. 1, n. 1, p. 78-91, 2010.

DA ROSA, Rita de Cassia Farias. O Bairro Porto em Pelotas (RS): uma breve discussão sobre o Turismo Cidadão e grafite como atrativo turístico. Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, Foz do Iguassu, Paraná - Brasil, 2017.

DA SILVA, Andresa Lourenço. Breve discussão sobre o conceito de cidade média. **Geoiugá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, v. 5, n. 1, p. 58-76, 2013.

DA SILVA, Cristina Maria. **Antropologias do Sensível: Etnografia e Ficção como artes de fazer Pesquisa.** Repositório da Universidade Federal do Ceará, 2015.

DA SILVA, Salloma. Memórias Sonoras da Noite: vestígios de musicalidades africanas no Brasil nas iconografias do século XIX. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 24, 2002.

DAS, Veena; POOLE, Deborah (Orgs.). **Anthropology in the margins of the state**. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.

DAS, Venna; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes: etnografias comparadas. In: **Cuadernos de Antropología Social**, n. 27, UBA, 2008.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1992.

DE PAULA ANDRADE, Rômulo. Contribuições para um debate: a antropologia do desenvolvimento e a valorização econômica da Amazônia (1951-1955). **Cadernos do Desenvolvimento**, v. 10, n. 16, p. 53-72, 2018.

DIÁRIO POPULAR. **Protesto contra a construção de um muro na região da Balsa**. Diário Popular, Pelotas, 28 de novembro de 2009.

DOMINGUES, Diana. Ciberespaço e rituais: tecnologia, antropologia e criatividade. **Horizontes Antropológicos**, v. 10, n. 21, 2004. p.181-197.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

EL FAR, Alessandra. Uma etnografia do galanteio nos terrenos da ficção: afinidades eletivas entre antropologia e literatura. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 57, n. 1, 2014.

ESSINGER, Cintia. **Entre a fábrica e rua: a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário - Bairro da Várzea, Pelotas, RS (1953-1974)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, 2009.

FERREIRA, Lúcio Menezes. **O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande Do Sul (1780-1888)**. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas/Ufpel. 2009a. (Projeto De Pesquisa).

FURTADO, Celso. **Raízes do subdesenvolvimento**. Editora Record, 2003.

FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Orgs.) **A cidade e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte/São Paulo. PUC Minas/EDUSP, 2006.

GALMARINO, Estela. Viagem de Auguste Saint-Hilare ao Rio Grande do Sul (1820-1821): O que torna legítima a apreensão de um monumento enquanto documento. 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16064/000692725.pdf>. Acessado em: 26/05/2019.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Apresentação. In: CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade**: em busca de uma antropologia urbana. São Paulo: Vozes, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital**: 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

INCHAUSPE, Ícaro Vasques; SILVA NETO, Francisco Luiz Pereira da. O Sofá está na rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidades na região do Porto na cidade de Pelotas/RS. **Ponto Urbe**, v. 32, p. 1-29, 2018.

_____. Controvérsias sobre a criminalização de sociabilidades juvenis na cidade de Pelotas/RS. Sociabilidade Urbanas. **Revista de Antropologia e Sociologia**, v.3, n.7, p. 73-82, março de 2019.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

_____. Jornada ao longo de um caminho de vida—mapas, descobridor-caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005

IRISARRI, Victória. **Fora do eixo, dentro do mundo: política, mercado e vida cotidiana em um movimento brasileiro de produção de cultural**. 2015.Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

JARDIM, Eduardo. **A brasilidade modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

KARPINSKI, Lila Fátima; ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Bairro da balsa: conflitos socioambientais e a criação do novo campus da Universidade Federal de Pelotas – RS. **IX ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Universidade de Caxias do Sul, 2009.

KRUGER, Caue. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. **Campos (UFPR)**, v. 12, p. 139-144, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Capítulo XVII. Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Colocados por seu Ensino. In: **Antropologia Estrutural**. 5. ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Tristes trópicos. **Constructores de Otredad**, p. 81, 1955.

_____. DIDIER, Eribon. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1990.

LITHNOV, Dione; BARROS, Antória; GONÇALVES, Sidney. Análise da percepção da paisagem na região do bairro porto na cidade de Pelotas e as transformações recentes produzidas pela requalificação urbana. **ANAIS XVI Encontro Nacional dos Geógrafos – Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaços e práticas**, 2010.

LONER, Beatriz Ana; ALMEIDA GILL, Lorena. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35, n. 1, 2009.

LUCAS, Clarinda Rodrigues et al. A metalinguagem como lugar da interpretação: terminologia e bases de dados informatizadas. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 1999.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; DE LUCCA TORRES, Lilian. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, jul. /dez, 2009. p. 129-156.

_____. As cidades de Tristes trópicos. **Revista de Antropologia**, v. 42, n. 1-2, p. 97-111, 1999.

_____. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, 2002. p. 11-29.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. Sociologia. **Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**. Vol. XX, 2010. p. 13-38.

_____. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 15, 2014.

MARCUS, George. What is at stake – and is not – in the idea and practice of multi-sited ethnography. In: Moore, HenriettaL.; Sanders, Todd (Ed.). *Anthropology in theory: issues in epistemology*. 2nd ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2014. p. 531-534.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, M. (Org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos, 1996.

MARTINEZ, Leonil. **Xarque com assucar/Pelotas com Nordeste: contraponto de extremos no paladar cultural brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.

MICHELON, Francisca. **Patrimônio cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas: primeiro estudo**. Pelotas: Editora da UFPel, 2013.

MINUZZI, João. Percepções do mundo natural: o pampa na visão de viajantes europeus no início do século XIX. **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo: CEDUC, n.10, dezembro/1993. p 7-46.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. São Paulo: Vozes, 1985.

PEIRANO, Mariza. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. **Anuário antropológico**, v. 10, n. 1, 1986. p. 249-264.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo**. Lua Nova, v. 79, 2010. p. 143-162.

_____. Funk Ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. **Revista de Estudos Culturais**, v. 1, 2014. p. 1-18.

_____. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe (USP)**, v. 1, 2007. p. 1-35.

PERES, Fabio de Faria et al. A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. **RBSE 10**. n. 28, 2011. p. 93-120.

PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, 1993. p. 137-144.

RICOEUR, Paul. El tiempo relatado. In: UNESCO. **El correo de la UNESCO, año XLIV**. Paris: Organización de las Naciones Unidas para Educación, la Ciencia y la Cultura, 1991.

_____. **Tempo e Narrativa (Tomo I)** (C. M. Cesar, Trad.). São Paulo: Papyrus, 1994.

_____. Life in quest of narrative. In: RICOEUR, Paul. **Routledge**, 2002. p. 34-47.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. Política e trabalho. **Revista de Ciências Sociais**. João Pessoa, PB. n. 34, 2011. p. 107-126.

_____. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. **Antropologia da e na cidade**: interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

_____. Arte de Rua. Estética Urbana: relato de uma experiência sensível em metrópole contemporânea. **Revista de Ciências Sociais**: RCS, v. 47, n. 1, 2016. p. 25-48.

_____. Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. **Revista Estudos Históricos**, v. 22, n. 43, 2009. p. 105-124.

ROCHA, Marcelo Garcia da. **Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, RS)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, 2014.

RODRIGUES, Guilherme Tavares Marques. **As estratégias retóricas da construção etnográfica: uma perspectiva metalinguística do discurso antropológico**. 2004. 206 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/88811>>. Acesso em: 26/05/2019.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2014. p. 227-249.

_____. "Wenn alles in Scherben fällt..." Von Leben und Sinnwelt der Kriegsgeneration. Opladen: Leske & Budrich, 1987.

_____. Erlebte und erzählte Lebensgeschichte: Gestalt und Struktur biographischer Selbstbeschreibungen. Frankfurt am Main: Campus, 1995.

SALABERRY, Jeferson. **A agroindústria no bairro do Porto: Pelotas – RS (1911-1922)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Pelotas. 2012.

SANTOS, Nicéia Oliveira dos. A superfície das águas: história e memória da elite pelotense. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Artes, 2008. Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

SANTOS, Jonas Martins Fernandes dos. Revista em Quadrinhos. **Espirito Livre**. Projeto financiado com recursos do Programa Municipal de Incentivo à Cultura – Procultura. 2016.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo, Studio Nobel. 1998.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

_____. **Sociologie et épistemologie**. Paris: Puf. 1981.

SIMÕES, Elvis Silveira. No centro e à margem: a trajetória histórica dos trabalhadores arrumadores de Rio Grande-RS, entre as décadas de 1950/60. 2017. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, 2017.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. 2011. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SILVA, Kelly Cristina Rodrigues. **A Memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar**. Geograficidade, v.5, n.2, 2015.

SCHLEE, Andrey. **Pela Memória de Pelotas**. Como sempre! I Colóquio sobre história e historiografia da arquitetura brasileira. Brasília. 2008.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SPAGGIARI, Enrico. A “tragédia do viver urbano” e suas narrativas, memórias e temporalidades. **Revista de Antropologia**, v. 58, n. 1, 2015. p. 471-479.

STRATHERN, Marilyn. O Efeito Etnográfico. In: **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TURNER, Victor. Dewey. Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, p. 177-186. 2005 ([1986]).

_____. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes. 1974.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar. A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 36-46, 1978.

_____. Os mundos de Copacabana. In: **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 11-23.

_____. **Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas**. Sociologia, problemas e práticas, n. 59, 2009. p. 11-18.

_____. **A utopia urbana:** um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1° edição); 1989 (5° edição).

_____. **Um antropólogo na cidade, ensaios de antropologia urbana.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010. 256 p.

WHITE, Shane; WHITE; Graham. **The Sounds of Slavery:** Discovering African American History through songs, sermons and speech. Boston: Beacon Press, 2005.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder". In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papyrus. 2000.